



Universidade Federal da Paraíba - Campus II  
Pró-Reitoria para Assuntos do Interior  
Centro de Humanidades

## **MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

### **BONECAS E VASSOURAS**

(Vida e trabalho doméstico das adolescentes do campo na cidade)

LUCIRA FREIRE MONTEIRO

CAMPINA GRANDE, NOVEMBRO DE 1996

LUCIRA FREIRE MONTEIRO

BONECAS E VASSOURAS

(Vida e trabalho doméstico das adolescentes do campo na cidade)

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba como pré-requisito para obtenção do grau de MESTRE EM SOCIOLOGIA, com Área de Concentração em Sociologia Rural.

ORIENTADORA: Ghislaine Duqué

Campina Grande - PB, novembro de 1996

LUCIRA FREIRE MONTEIRO

BONECAS E VASSOURAS

(Estudo sobre as condições de vida e trabalho das adolescentes do campo na cidade)

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Ghislaine Duqué  
Orientadora

---

Maria Áurea Baroni Cecato  
Co-Orientadora

---

Eric René Jean Durousset  
Convidado especial

CAMPINA GRANDE - PB  
NOVEMBRO - 1996

DIGITALIZAÇÃO:  
SISTEMOTECA - UFG

## Sumário

**Resumo/Resumé**

**Agradecimentos**

**Introdução**

<b>Capítulo I - O trabalho doméstico de adolescente.....</b>	<b>1</b>
1.1 O conceito de trabalho doméstico.....	3
1.1.1. O trabalho doméstico como categoria formal.....	7
1.1.2. Trabalho doméstico: uma atividade informal.....	18
1.1.3. A Legislação desconhecida.....	26
1.2. O trabalho infanto-juvenil.....	36
1.2.1. O conceito de trabalho infanto-juvenil pela OIT.....	39
1.2.2. A institucionalização do trabalho infanto-juvenil no Brasil.....	42
Capítulo II A pesquisa de campo.....	46
2.1. O campo de pesquisa.....	48
2.1.2. De onde vêm as empregadas-meninas.....	50
2.1.3. As informações de campo.....	54
2.4. Escolha da amostra.....	56
2.5. Técnicas utilizadas.....	62



Capítulo III A realidade de vida e trabalho das meninas domésticas	67
3.1. Caso 1.....	70
3.2. Caso 5.....	90
3.3. A vida na cidade: o sonho e a realidade.....	105
3.4. A contratação.....	123
3.5. O combinado e o oferecido.....	137
3.6. Preparação escolar.....	153
3.7. O status social da empregada doméstica.....	159
<b>Conclusão.....</b>	<b>170</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>176</b>

## Resumo

As relações de trabalho doméstico têm, nas últimas décadas, se caracterizado como tendencialmente propícias às atividades de crianças e adolescentes do sexo feminino, provenientes de famílias rurais pobres. Enquanto profissão protegida pelo Estado, em seu sistema de leis, o emprego doméstico tem conseguido grandes avanços. Paralelamente a isto, verifica-se que a figura da empregada jovem tem se tornado cada vez mais comum em lares de classe média e alta, e à margem da Lei sem qualquer formalidade nem fiscalização das autoridades.

A ideologia da inferioridade do trabalho doméstico tem garantido a subordinação das trabalhadoras, favorecendo a que estas abominem a designação "empregada doméstica" para preferirem ser tratadas como "quase da família" ou "quase da casa", construindo disfarces que impliquem na garantia de um tratamento digno e respeitoso. Tal mascaramento, cujo objetivo seria o de melhorar as condições de vida e trabalho, tem por consequência o total desconhecimento legal e fiscalização estatal.

Nesta atividade, ao mesmo tempo em que passam por um processo de ressocialização relativo ao aprendizado trazido da casa dos pais, adaptando-se à modernização e ao estilo de vida da classe média/alta urbana, essas meninas desenvolvem novos valores.

A grande questão, no entanto, consiste no tipo de assistência que elas não recebem dos pais, dos patrões e do Estado, para o encaminhamento adequado à vida adulta e profissional.

## RESUME

Les relations de travail domestique se sont, au cours des dernières décades, révélées propices aux activités de fillettes et d'adolescentes provenant de familles rurales pauvres.

En tant que profession protégée par l'Etat et par son systèmes de lois, l'emploi domestique a connu de grands progrès. Parallèlement, on constate que la figure de la jeune employée est de plus en plus commune dans les foyers de classe aisée, et cela en marge de la loi, sans aucune forme de formalité ni de fiscalisation par les autorités.

L'idéologie de l'infériorité du travail domestique a garanti la subordination des travailleuses, de telle sorte qu'elles ont en horreur la qualification de "employées domestiques", préférant être traitées comme "quasiment de la famille", ou "presque de la maison", construisant ainsi une espèce de déguisement dans le but de garantir un traitement digne et respectueux. Or ce déguisement, dont l'objectif serait d'améliorer les conditions de vie et de travail, a pour conséquence la totale ignorance de la loi et l'absence de fiscalisation officielle.

Ces jeunes passent, dans cette activité, par un processus de ressocialisation; l'apprentissage réalisé chez les parents est revu et adapté à la modernisation et au style de vie de la classe urbaine où elles travaillent, et où elles acquièrent de nouvelles valeurs.

La grande question, cependant, est relative au type d'assistance qu'elles reçoivent de leurs parents, de leurs patrons et de l'Etat, pour qu'elles puissent cheminer de forme adéquate vers la vie adulte et professionnelle.

## **Agradecimentos**

Este trabalho leva minha inteira responsabilidade, mesmo que para sua realização eu tenha contado com a colaboração de diversas pessoas. Curvo-me, pois, na intenção de demonstrar os mais sinceros votos de louvor e agradecimento:

- À CAPES, que contribuiu para realização deste trabalho com os recursos financeiros da bolsa de mestrado.
- Ao Mestrado em Sociologia, pelo incentivo à produção e à participação em Congressos e Encontros científicos.
- À professora Ghislaine Duqué, que mais do que orientar este trabalho final, deu lições de respeito, solidariedade e carinho, lições inestimáveis.
- À professora Mércia Rejane Batista, pela dedicação e atendimento permanente para solucionar as muitas dúvidas que me rodearam nos momentos finais desta jornada. Todo meu carinho e admiração não cabem em palavras.
- Aos demais professores, pelos ensinamentos e dedicação.
- Aos colegas e amigos queridos, Luís Henrique, Mônica, João Nunes, Justino, Jackeline, Maurino, Conceição, Ângela, Gil e Roberto, pela convivência e pela paciência de suportar meus rompantes de fada e bruxa.
- À Vera e João Costa, secretários do Curso de Mestrado, pelo zelo no tratamento e pela presteza em resolver as dificuldades burocráticas.
- A Rinaldo, que tratou a digitação deste trabalho como uma obra de arte.

- Aos funcionários desta instituição que cumprem sua função com dignidade.
- À comunidade Bahá'í, que me ajudou a rever o conceito de Humanidade.

Dedico esta obra:

- À minha mãe e ao meu pai, e
- À minha irmã Luíra, pela cumplicidade permanente.
- Aos informantes da pesquisa de campo que à sua maneira me ofereceram o melhor que tinham. Sem eles este trabalho perderia o sentido.

*“Todos os homens foram criados para levar avante uma  
civilização que sempre evolua”.*

(Bahá-u-llah)

## Introdução

O presente trabalho busca trazer à tona as questões relacionadas ao emprego doméstico de crianças e adolescentes. A atividade que é pensada como atribuição de mulheres adultas e de donas de casa, é vivida por meninas em considerável número de casos.

Este modelo acabou estabelecendo relações trabalhistas que se diferem das relações formais, tanto pelo tipo de expectativa das trabalhadoras quanto pelas condições de emprego que lhes são oferecidas.

Caracterizado pela informalidade desde o tipo de contratação, até o modo como se dá a dispensa (à revelia do modelo jurídico formal), o emprego de meninas dá mostra de ambigüidades, que têm graves implicações.

O trabalho como atividade em tempo integral, visando atender necessidades da sobrevivência, é ao mesmo tempo trabalho e aprendizado. Também é situação de responsabilidade que se impõe numa fase da vida, que difere da fase adulta pela condição elementar de fraqueza da adolescente.

Além disso, a situação envolve dois elementos fundamentais para manutenção do emprego: a confiança e a subserviência. O primeiro se refere ao desvelo na execução das tarefas e o zelo com que trata o patrimônio do patrão, e o segundo acrescenta a estes a dependência emocional. Enquanto a confiabilidade



permite a empregada as ações mais livres; a subserviência acaba prendendo-a à dependência dos patrões.

A saída da casa dos pais, do ambiente rural para o urbano, e a adaptação ao "novo mundo", contribuem para a configuração de um tipo diferente de empregada.

Desempenhar o papel de trabalhadora faz com que a família da adolescente passe a querer que seus ganhos a igualem a uma pessoa adulta, ao mesmo tempo que continua exigindo-lhe a obediência de uma criança. Junto aos patrões, as meninas que têm a responsabilidade do trabalho perdem a qualificação infantil. Isto evidencia que a responsabilidade que lhe é cobrada se dá muito mais em função de critérios externos a ela do que em decorrência da idade.

Não obstante, o trabalho doméstico é uma ocupação que pode ser tida como atividade profissional quando se rege pelas leis específicas a ela. Para estas, empregada e patrões deveriam se submeter à formalidade das normas e dispensar um tratamento quase familiar entre si. Isto torna-se complicado, caso das meninas, quando os pais consentem ao emprego sob a expectativa de encontrar na família-patrão a proteção e o encaminhamento das filhas que eles não poderiam oferecer.

O trabalho de campo vem mostrar o intercruzamento entre o rural e o urbano. Nossa pesquisa se divide em dois ambientes: um urbano, onde contamos com algumas famílias empregadoras de meninas no serviço doméstico; e um rural, como sede das famílias de origem das meninas domésticas.

Nosso empreendimento revelou a necessidade de uma proximidade maior com as famílias de origem dessas meninas. Nossas informantes se sentiam mais à vontade para relatar sobre suas experiências no emprego junto às suas famílias.

A escolha da amostra, dentre as contactadas, considerou: a faixa etária das meninas (12 a 18 anos); o tempo em que elas estão na atividade (mínimo de 08 meses; máximo de 05 anos); as diversas situações de progresso ou retrocesso que o emprego tem oferecido (dependência emocional dos patrões, inatividade escolar, etc.); as condições sócio-econômicas tanto das famílias de origem, quanto das famílias-patrões; e as condições de vida e trabalho dessas meninas na cidade.

Selecionamos 10 meninas com as quais mantivemos um acompanhamento direto; também contactamos seus patrões, na maioria dos casos.

Optamos pela utilização de uma metodologia qualitativa que permitisse a comparação entre o material coletado em entrevistas e observação, e dados oficiais disponíveis. Utilizamos de roteiros para guiar nossas entrevistas e de uma bibliografia específica ao tema.

O material coletado na pesquisa está organizado em temas, e como tal aparece no terceiro capítulo. Lançamos mão de dois casos particulares para mostrar na íntegra as revelações obtidas sobre as situações opostas de duas meninas: a primeira, muito nova, está se iniciando na atividade. A segunda tem mais tempo na atividade e demonstra boa convivência com os patrões.

Os demais casos estão pautados pelos temas “sonho e realidade do trabalho”, em que os depoimentos testemunham o desejo de mudança de vida com a saída da casa dos pais; “modo de contratação”, no qual meninas e patrões relatam a maneira como se iniciou a relação de trabalho; a “realidade escolar” como fomentadora da vida profissional futura e o “o status social da empregada doméstica” sob o ponto de vista das meninas.

A ideologia da inferioridade do trabalho doméstico tem garantido a subordinação das trabalhadoras, favorecendo a que estas abominem a designação “empregada doméstica” para preferirem ser tratadas como “quase da família” ou “quase da casa”, construindo disfarces que impliquem na garantia de um tratamento digno e respeitoso. Tal mascaramento, cujo objetivo seria o de melhorar as condições de vida e trabalho, tem por consequência o total desconhecimento legal e fiscalização estatal.

Nesta atividade, ao mesmo tempo em que passam por um processo de ressocialização relativo ao aprendizado trazido da casa dos pais, adaptando-se à modernização e ao estilo de vida da classe média/alta urbana, essas meninas desenvolvem novos valores.

A grande questão, no entanto, consiste no tipo de assistência que elas não recebem dos pais, dos patrões e do Estado, para o encaminhamento adequado à vida adulta e profissional.

É importante dizer que "Bonecas e Vassouras" é um enquadramento simbólico da situação das meninas que abandonam prematuramente seus brinquedos, ainda que sejam os de meninas pobres, para se agarrarem a instrumentos de trabalho, os quais se diversificam de acordo com as tarefas a elas confiadas.

Ainda assim, as bonecas estão associadas aos sonhos infanto-juvenis dessas trabalhadoras, ao passo que as vassouras estão relacionadas ao que elas têm representado no contexto das estórias infantis.

✧

A importância deste estudo consiste, também, em auxiliar na revisão dos conceitos cotidianamente amalgamados em torno das crianças pobres que se submetem ao trabalho em busca de um futuro melhor. A maioria da raça humana depende da compreensão madura e responsável, também, dos problemas de nossas crianças e adolescentes.

## **Capítulo I**

### **O Trabalho doméstico da adolescente**

## O Trabalho Doméstico da Adolescente.

O trabalho doméstico é, nos dias de hoje, considerado de pouca relevância nas sociedades desenvolvidas. Mesmo assim, é uma atividade que deriva do setor da economia que mais cresce, que é o setor de serviços.

Admite-se geralmente que as tarefas domésticas por serem predominantemente femininas, sejam consideradas melhor executadas pelas mãos delicadas das mulheres, o que demonstra os preconceitos que pesam sobre tais trabalhadoras. Nosso destaque, portanto, remete-se às condições do trabalho doméstico realizado por jovens adolescentes, que o fazem como forma de sobrevivência sua e de sua família.

Como o desenvolvimento da economia é promovedor do desaparecimento de algumas atividades, dentre elas estaria a atividade de empregada doméstica. Mas, sendo uma atividade tendente ao desaparecimento estar-se-ia comprometendo o futuro de qualquer um que a ela se dedicasse, pelo menos pela necessidade de posteriormente ter que adaptar-se a novos modelos econômicos e profissionais.

Para Zaíra Farias (1983 - capítulo 1), a situação da empregada doméstica tem uma valoração inferior que está associada à condição feminina, de modo que a atividade da empregada adolescente é agravada pelo seu despreparo, em virtude de sua pouca experiência de vida e pouca habilidade com tarefas que sempre realizou de modo precário, e também pelo fato de que sua ocupação não se

constitui como uma opção, mas como uma imposição do processo de sociabilização e sobrevivência.

Dados oficiais registram que as atividades que ocupam maior número de crianças e adolescentes estão no setor primário, na agricultura, e no setor de serviços, no subsetor de trabalho doméstico; como trabalhos adequados, sobretudo, à mão de obra infanto-juvenil feminina carente.

### **1.1. O Conceito de trabalho doméstico.**

A História do Brasil, em relação ao trabalho doméstico, é pautada de uma dinâmica que expressa o tipo de utilização que sempre teve o emprego doméstico. Já na vida social da Colônia, os escravos domésticos se distinguiam dos demais, numa escala em que eram classificados dentre os melhores, os mais saudáveis, dóceis e que trouxessem alguma aptidão à culinária. Mesmo que os escravos com atividades ligadas à produção econômica tivessem grande valor, os domésticos tinham uma importância que não pode ser subestimada. Eram utilizados em grande número e contavam, vaidosamente, em favor do status dos senhores. Suas tarefas iam desde o lava-pés à amamentação, sem falar que serviam tanto ao senhor e sua família quanto aos seus hóspedes, incluindo-se, muitas vezes "as prestações íntimas" conforme conta Gilberto Freyre.

Dentre os escravos que serviam na casa-grande, estavam incluídos os seus filhos, que compunham o espólio dos senhores até o advento da Lei do Ventre



Livre - 1871 -, a qual isentou da condição servil os filhos de escravas, mesmo que continuasse a obrigação de trabalhar na casa-grande até que completasse vinte e um anos. Essa idade nem sempre era cronometrada com rigor se a peça fosse habilidosa e de utilidade às exigências pessoais das senhoras.

Mais tarde, por ato de D. João, os negros foram excluídos do serviço doméstico, na condição de escravo, passando a serem tidos como civilizados mas não lhes garantindo nenhuma forma de sustento, fazendo com que, a partir de então fosse preferível admitir serviçais brancos, que trouxessem para os filhos brasileiros uma educação européia. Isto se deu como fator de emancipação da mulher branca, sobretudo a estrangeira, que passou a trabalhar fora de casa, o que não se deu da mesma forma com as negras, que, não sabendo fazer outra coisa, perdera seu espaço com a abolição.

Roger Bastide, acredita porém, que a abolição da escravatura favoreceu a emancipação da mulher negra, mas Nice Rissone acredita que esta emancipação pouco contribuiu para que o trabalho doméstico crescesse seu status e deixasse de ser considerado inferior, como ainda acontece em nossos dias. Gorender afirma, por outro lado, também, que a atividade doméstica se tornou uma ocupação caracteristicamente negra e mulata, mesmo que entre estas ela fosse tida como humilhante: "uma ocupação socialmente aviltante".

Aparecem nos anos 20, os primeiros ensaios para dispor de modo legal o serviço doméstico, verificando-se em 1923 a existência de um Decreto, no Distrito Federal, sobre locação de serviços domésticos. Embora como profissão só tenha

sido regulamentada na década de sessenta, para efeitos previdenciários, vindo a ser regulamentados alguns direitos a eles concernentes, é o caso do Decreto 71.885, de 09.03.73 e a Lei 5.859 de 11.12.79. Mesmo assim, Eleieth Saffiotti (1978:36) afirma que o

*“trabalho doméstico sempre foi exercido sem regulamentação legal, o que deixava seus executores à margem dos benefícios da legislação trabalhista, como ainda é, parcialmente, o caso, Em todo o mundo o trabalho doméstico é um dos mais refratários à regulamentação”.*

Podemos dizer que os principais motivos para isto é o fato de ser considerado um serviço que não gera riqueza diretamente e porque as estratégias dos patrões acabam limitando a execução de direitos garantidos legalmente.

A década de sessenta foi um período de grande articulação em favor da organização da categoria, verificando-se surgimento de grupos e associações de trabalhadores domésticos, bem como um programa oficial com o curso profissionalizante para o empregado doméstico, oferecido pelo Mobral, com o objetivo de “integrar socialmente e economicamente a empregada doméstica no mercado de trabalho brasileiro de acordo com as necessidades” da época.

Com perspectivas pedagógicas, o Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização - em cujo curso oferecia-se um Manual do Aluno, no qual constava afirmações do tipo:

- “Profissão é uma atividade ou ocupação especializada através da qual uma pessoa se realiza socialmente, e garante manutenção econômica para si e para seus dependentes”;
- “As profissões igualam os homens, na medida em que todos realizam um trabalho para o bem comum”;
- “O trabalho das donas de casa, lixeiros, médicos, professores, artistas e demais profissionais permite uma vida melhor, trazendo o progresso e o desenvolvimento”.

Ou seja, a perspectiva de tal curso era ser esclarecedora para uma organização enquanto categoria profissional propriamente dita, com objetivos econômicos, sociais e culturais também, além de ser pregado numa linguagem facilitada àqueles que se iniciavam na alfabetização, mesmo que não previsse que essas trabalhadoras pudessem ser crianças nem adolescentes, mas mulheres adultas. Mas, ainda hoje, a qualificação para a ocupação se adquire no dia a dia do trabalho e mesmo sendo melhor preferidas as empregadas alfabetizadas, é possível que as analfabetas também encontrem trabalho.

O termo “doméstico” tem como peculiaridade a prestação de um serviço não-lucrativo e que se desenvolve num cenário residencial, cujas tarefas dão à família, patrões, a normalidade necessária à ocupação com atividades que gerem riquezas. Importante, porém, lembrar que o emprego doméstico pode ser executado dentro e

fora da residência de seus empregadores e até no que se considera extensão da residência, como é o caso dos caseiros e vigias de casas de recreio urbanas e rurais. Mesmo assim, estas atividades têm que estar vinculadas à permanência e ascensão da situação sócio-econômica de seus empregadores.

Estes sempre foram os maiores entraves para que esta atividade fosse aceita como profissão, sendo sempre admitida como agregagem, atividade secundária ou qualquer especificação que contribuísse a uma aceitação regular da ocupação. Daí, podemos admitir que há dois fundamentos para se estudar o trabalho doméstico: um, no seu aspecto formal, sobretudo enquanto matéria de direito trabalhista; e outro, no seu aspecto informal, com suas implicações sociais e ideológicas.

### **1.1.1. O Trabalho doméstico como categoria formal.**

Ou melhor, como categoria profissional reconhecida e protegida pelo Estado. No passado, reconhecida apenas como prestação de serviços, a atividade dos trabalhadores domésticos sempre existiu e se desenvolveu à margem dos privilégios legais conferidos aos demais trabalhadores.

O primeiro regulamento sobre a atividade, propriamente, surgiu no Rio de Janeiro em 1923 e tinha como objetivo instituir a identificação de locadores de serviços, sendo assim considerados: cozinheiros e ajudantes, copeiros, arrumadores, lavadeiras, engomadeiras, jardineiros, porteiros, enceradores, amassecas ou de leite, costureiras, damas de companhia e quaisquer outros que se

ocupassem de atividades similares. Porém, em relação aos locatários de tais serviços nada dispunha o referido decreto, desconsiderando que tal prestação quando realizadas com habitualidade, subordinação e remuneração resultariam numa relação trabalhista.

O Código Civil de 1916 regulou a locação de serviços, mas ao contrário do Decreto de 1923 não se referiu a serviços domésticos, mas apenas a prestação de serviços. Num e noutro dispositivo legal os trabalhadores domésticos, até então, permaneciam ignorados.

Mesmo com o advento da Consolidação das Leis do Trabalho (Decreto-lei 5.452 de 1º de maio de 1943), quando os contratos de trabalho, ou de emprego, passaram do campo cível para o trabalhista, os empregados domésticos não foram incluídos nos dispositivos consolidados, o que fazia com que a sua relação de trabalho continuasse a ser matéria da legislação civil, considerada mesmo pelos juristas da época como lacunosa, imperfeita e deficiente na parte relativa à locação de serviços.

Como não haviam sido incluídos no diploma referente aos direitos trabalhistas, a locação dos serviços dos empregados domésticos em serviços domésticos continuaram disciplinados pelo Decreto Lei 3.078 de 1941, que estabelecia entre outras a obrigatoriedade da Carteira Profissional para o registro do emprego, e sua expedição pela Autoridade Policial exigiria atestado de conduta e de vacina e saúde para a identificação de quem pretendesse ter o documento da

profissão. Também o Decreto lei instituiu como direitos da categoria o aviso-prévio, que consistia na verbalização do locatário em substituir o locador de serviços; o direito ao equivalente a 8 dias de salário como indenização por rescisão de contrato com o locador, obrigava-o a imediata reposição de trabalho para outras pessoas; também conferia, apenas, ao patrão o direito de rescindir o contrato por justa causa, cujos motivos não eram alencados, e poderiam ser os mais banais.

Para alguns juristas, como Arnaldo Sussekind e Victor Russomano, este Decreto caducou com o estabelecido no art. 7º. da CLT que “substitui todas as leis de proteção ao trabalho”, mesmo que nenhuma menção fizessem aos domésticos e a prestação de serviços continuasse como matéria do Código Civil.

Estas explicações são cabíveis para referendar a que plano estava relegada a condição de trabalhador doméstico em nosso país até a década de 70, quando a profissão passou a ser regulada por Lei específica, de número 5.859 de 11.12.72, sob comentário de importantes juristas brasileiros:

*“Somos favoráveis à extensão da legislação trabalhista aos empregados domésticos, com algumas alterações que a adaptem à natureza do trabalho. Na realidade, porque o empregado doméstico não deve ganhar um salário mínimo, ter um razoável duração diária de trabalho, descanso semanal e anual, entre outros direitos? O caráter protecionista do Direito Social deve abranger todos os hipossuficientes”.*

(Cesarino Jr., 1970)

*“Até agora nada se fez de concreto com a sinceridade que seria de desejar, uma vez que os nossos gratos legisladores também se vêem às voltas com problemas domésticos; contudo, uma regulamentação se impõe, recordando-se alguns pontos de suma importância, a saber: a jornada de trabalho não pode ser imposta de maneira rígida, há de ser elástica, conforme os hábitos e as necessidades de cada lar; as férias somente poderão ser efetivamente concedidas quando o Sindicato da categoria -- incipiente – puder remeter de pronto um substituto do empregado que se ausenta; o aviso-prévio deve ser unilateral, isto é, do empregado para o patrão, e não deste para aquele, tendo em vista que, pré-avisado, poderá o doméstico, por força de suas atribuições, realizar estragos nunca dantes imaginados; finalmente, quanto à indenização ou fundo de garantia, nenhum inconveniente haveria na sua extensão a tais trabalhadores”.*

(Antonio Lamarca, 1969)

Vemos com isto a medida da percepção de nossos juristas sobre as peculiaridades do trabalho doméstico. Das duas citações acima depreendemos o seguinte:



É inegável a distinção da condição do trabalhador doméstico e do tipo de relação que mantém com seus patrões, sendo inegavelmente trabalhadores provenientes das camadas mais pobres da sociedade, com nível de instrução, sabidamente, insuficiente para ocupação de outras atividades; bem como mão de obra de fácil contratação.

O emprego doméstico tem um regime de trabalho subordinado em tempo integral, ou seja, que as necessidades dos patrões devem ser atendidas a qualquer momento, quando solicitadas. Sua jornada de trabalho "há de ser elástica" conforme a exigência de cada patrão;

Mesmo que esses trabalhadores não tenham nenhum incentivo pessoal dos patrões, para se organizarem como categoria, "devem ser sindicalizados", e este órgão deve contar com um número reserva para pronto atendimento em caso de substituições para atender ao direito de férias do trabalhador, ou seja, que a categoria se organize para melhor servir, nunca para reivindicar;

O dispositivo do aviso-prévio unilateral confere ao empregador a precaução de distratar a relação de trabalho sem que sofra "estragos por força das próprias atribuições do empregado", isto é, o aviso prévio não seria um artifício em favor do empregado para providenciar outro trabalho com o qual pudesse garantir a sua sobrevivência, mas um modo de salvaguardar os interesses do patrão em substituir o empregado, evitando prejuízos no andamento das tarefas da casa, além de

considerar o empregado avisado um perigo potencial ao seu patrimônio, à sua vida e a de sua família.

Tratados assim os direitos trabalhistas para o âmbito doméstico pode-se dizer que no seu parecer social, seria uma legislação que deixava muito a desejar. Neste sentido, os direitos fundamentais do cidadão estariam sendo jogados ao esmo.

Porém, a Constituição Federal de 1988, considerada por muitos juristas como modelo, pôs em relevância estes direitos universais, favorecendo a inclusão dos direitos dos empregados domésticos já na Carta de Princípios, mesmo que com isto recebesse as censuras dos segmentos da sociedade que se locupletam com tal exploração.

No Capítulo II, dos Direitos Sociais, a Constituição Federal deferiu de modo inequívoco os direitos enumerados no artigo 7º § único aos empregados domésticos. Assegurando-lhes os mesmos direitos garantidos aos demais trabalhadores, mais especificamente:

- SALÁRIO MÍNIMO, mesmo que seja constituído de uma parcela "in espécie" e outra "in natura", ou seja, que é lícito ao empregador considerar salário a habitação, alimentação ou qualquer outra utilidade que ofereça ao empregado.  
(inciso IV)

- IRREDUTIBILIDADE DO SALÁRIO, mesmo que as utilidades fornecidas diminua a parcela cifrada do salário; (inciso VI)

- 13º SALÁRIO, com o caráter de igualar os domésticos aos demais, quanto a gratificação de natal, e em face de outros textos legais que excluía de todos os direitos trabalhistas o empregado doméstico, à exceção do direito de férias; (inciso VIII)

- REPOUSO SEMANAL REMUNERADO, preferencialmente aos domingos, diz a Carta. Este direito estava expressamente excluído para os empregados domésticos pelo dispositivo da Lei 605 de 1949. O conferido pela Constituição Federal de 1988, amplia-se ao instituir além do repouso semanal, o repouso nos feriados civis e religiosos, usufruídos como tais sob pena de que sendo folgados em outro dia da semana, o empregador arque com o pagamento em dobro das respectivas parcelas. A despeito do uso de folgas quinzenais, o empregado não deve sofrer nenhuma perda pecuniária; (inciso XV)

- GOZO DE FÉRIAS ANUAIS REMUNERADAS. Segundo Nilza Perez de Resende, "*o único direito trabalhista assegurado ao empregado doméstico na CLT*". A Constituição, neste caso, disciplinou o direito a gozá-las durante 30 dias corridos, bem como ao direito de receber o equivalente ao mês de descanso acrescido de um terço de salário normal, ou, querendo, converter 1/3 do período de descanso em abono pecuniário; (inciso XVI)

- LICENÇA GESTANTE, sem prejuízo do emprego e do salário, com duração de 120 dias. A manutenção do salário neste período é de responsabilidade do empregador, e mais tarde deduzidas as importâncias, do valor das contribuições; de algum modo garantindo-se a estabilidade provisória no emprego; (inciso XVIII)

- LICENÇA PATERNIDADE, à espera de regulamentação por lei ordinária, texto específico, as Disposições Constitucionais Transitórias permanecem em vigor, estipulando o prazo de cinco dias. Mas por falta de tal regulamentação ainda não se definiu a cargo de quem recai o respectivo pagamento, se do patrão ou da Previdência Social; (inciso XIX)

Marly Cardone acredita que "assim como a licença-maternidade é financiada pelos empregadores coletivamente, da mesma forma a Lei que vier deve transferir os encargos para a Previdência Social, mediante a correspondente fonte de custeio, no regime de compensação.

- AVISO PRÉVIO proporcional ao tempo de serviço, sendo no mínimo de trinta dias. No caso de despedida sem justa causa por parte do patrão, este deverá comunicar com antecedência de 30 dias até regulamentação definitiva da matéria, ou compensá-la com quantia respectiva aos dias de trabalho. O dispositivo constitucional ainda refere-se à proporcionalidade ao tempo de serviço, o que induz a pensar que tais cálculos devem ser remodelados futuramente, com a lei específica que tratar da matéria. É importante salientar que este é um procedimento que se valida quando é feito de modo escrito e formal.

Ao contrário das pretensões de Antônio Lamarca, a incorporação desse direito aos trabalhadores domésticos, enseja a interpretação em favor tanto do empregador que se protege de um desligamento abrupto do empregado, comprometendo o andamento regular da casa; e do empregado, que reduz a distância entre o antigo e o novo emprego (between jobs).

Neste sentido José Ribamar da Costa (1993) afirma:

*“Da mesma maneira que o empregado deve ter tempo para conseguir um outro emprego, o empregador também pode ter prejuízo com o afastamento do trabalhador, eis que necessita para substituir o empregado demissionário.”*

(Ver. LTR 54.2/1364)

- APOSENTADORIA. Quanto a esta questão Emílio Gonçalves (1994) esclarece:

*“Os planos de custeio e de benefícios da Previdência Social que deverão ser apresentados e aprovados pelo Congresso Nacional, em cumprimento das Disposições Constitucionais Transitórias, para reforma da Previdência Social, deverão garantir ao empregado doméstico o direito de aposentadoria, em suas diversas modalidades, assim como os demais benefícios previdenciários, em consonância com o disposto no artigo 201 da Constituição, que trata dos planos de previdência em função da contribuição do trabalhador.”*

- JORNADA DE TRABALHO. A Constituição Federal de 1988 não assegura aos empregados domésticos o disposto no inciso XIII do artigo 7º. § único, não se aplicando à categoria o limite máximo de oito horas diárias e quarenta e quatro semanais, e nem fazendo juz a horas extras, como previra Lamarca.

A competência para conciliar e julgar os dissídios entre empregados e empregadores, gerados da relação trabalhista, passou a ser, portanto, da Justiça do Trabalho, que antes era da Justiça Comum. A vantagem dessa transferência de competência está no princípio adotado pela Justiça Brasileira Trabalhista, do "in dubio pro operario", que não existe na processualística cível.

Verificamos que do ponto de vista da atividade exercida profissionalmente, a proteção estatal progrediu nas últimas décadas e se superou com o implemento da Constituição Federal, promulgada em 03.10.88. Porém, há uma questão que precisa ser trazida, desde logo, que é a da obediência aos princípios legais, estes muitas vezes tornam-se prejudicados pela desorganização dos trabalhadores, que, em geral, desconhecem os caminhos que fazem valer os direitos conferidos por lei. Lançam mão desses benefícios legais os trabalhadores mais esclarecidos, mais instruídos e melhor habilitados, mas esses constituem uma minoria que, trancada nas casas de seus patrões ou em suas associações, pouco podem fazer pela categoria.

Também com relação às trabalhadoras domésticas menores, a situação é de absoluto desrespeito aos seus direitos. Cheywa Spindel (1985) registra que em relação aos direitos dos trabalhadores menores:

*"em vários sindicatos visitados em 1982, seus dirigentes afirmaram não terem jamais dado entrada na Justiça do*

*Trabalho, de casos referentes ao menor, e nunca ter havido uma preocupação específica ou programa nesse sentido (...). Portanto, o menor, mesmo quando trabalhador institucionalmente integrado no mercado de trabalho, é, na realidade, um trabalhador institucionalmente desprotegido, e, como tal, pode ser, dependendo das conjunturas, de grande interesse para o capital".*

( 1985, 18/19)

Isto acontece ainda mais gravemente com as menores domésticas, dado que seus órgãos de classe são incipientes, e por seu trabalho nunca, ou raramente ser registrado pelos seus patrões, nem fiscalizado pelo Ministério do Trabalho, órgão oficial de competência para fazê-lo.

### **1.1.2. Trabalho doméstico: uma atividade informal.**

Vimos há pouco como o trabalho doméstico é tratado por nossa sociedade enquanto categoria reconhecida e protegida formalmente pelo Estado. Porém, vendo o outro lado desta situação temos que é grande o número de mulheres que se dedicam ao serviço doméstico remunerado, desempenhando, conforme afirma Saffiotti "papéis importantes na economia capitalista". Mas, mesmo que seja uma participação dada em número considerável, sua importância é tida como pequena, porque há uma tendência a que a PEA feminina esteja sempre mantida aquém da



masculina, já que as atividades das mulheres quase nunca são captadas pelos registros oficiais, quando se relacionam a subempregos, como é o caso do emprego doméstico, sobretudo executado por adolescentes e de modo irregular.

Este aspecto informal da relação de trabalho doméstico, nos faz passar das abstrações legais para o plano específico de uma situação que é real.

É fato que a contratação de serviços domésticos enquanto relação de emprego, se dê primeiro informalmente. Nos chamados acordos de experiência tem-se uma forma de estabelecer a adaptação entre empregada e patrões através da demonstração de habilidade para o serviço, como também para firmar a confiança entre as duas partes. Esta confiança é, via de regra, o fator essencial ao trabalho realizado num recinto sagrado, que é o lar; é também o meio pelo qual os patrões partem para a legalização de sua relação com a empregada, visando a cumprir alguns dos direitos estendidos à categoria, e compensar outros, sem prejuízos para si e seu patrimônio.

Neste sentido, à confiança estão associados alguns elementos emocionais, adquiridos ao longo das relações cotidianas, tais como bom trato, bom salário, respeito, integração e liberdade. É por isto que Saffiotti (1978) diz que há mais demanda de emprego do que oferta de prestadores de serviço, por isso a atividade tenderia a desaparecer, se não sofresse uma permanente reelaboração. As condições de trabalho oferecidas contam mais que o próprio salário, porque tornam-se meios para uma ascensão social futura.

Há, para isto, um processo de ressocialização da empregada doméstica, intrínseco à manutenção do emprego, pois o aprendizado no seio da família se reelabora e se aperfeiçoa junto dos patrões. A empregada passa a identificar-se com o estilo de vida da família que dia a dia treina-a para uma posição que se adeque aos seus hábitos.

Consiste aí dois fatores para a permanência da figura da empregada doméstica na sociedade brasileira: uma, seria o elemento afetivo, desenvolvido pela empregada, por subordinação espontânea; e outro, seria a dominação exercida pelas patroas através de uma linha tradicional que se baseia na manutenção dessa atividade, favorecendo ao sistema capitalista. É a ideologia predominante da Dominação/Subordinação.

Também para o estabelecimento da relação informal é relevante a condição econômica da patroa. Dentre estas podemos encontrar, na maioria, mulheres que necessitam, também, do trabalho extra-lar para constituição de renda. Neste caso, encontram na empregada sua bastante substituta para dar conta dos afazeres domésticos; porém, os encargos de um emprego legalmente registrado, poderiam comprometer seus ganhos de modo a não favorecer a relação empregatícia com a trabalhadora doméstica.

A ideologia de que a mulher necessita participar socialmente para se emancipar pelo trabalho, favorece a aceitação até mesmo de atividades inferiores, às quais se traduzem em relações marginais de trabalho, conforme Zaira Farias

(1983), onde "comprem a força de trabalho de jovens camponesas para substituí-las na execução do trabalho doméstico pouco remunerado, e por sua vez poderem vender sua força de trabalho no mercado capitalista assalariado", o que preferimos chamar de relação informal de trabalho.

Precisamente, a relação informal de trabalho seria aquela que preenche todos os requisitos de uma relação de trabalho legalmente estabelecida, acontecendo à margem do cumprimento dela e substituindo-se os ditames jurídicos por um código moral estabelecido pelo costume e aceito pelo senso comum. Max Weber considerava, sobre isto, que a dominação é a possibilidade de obediência fundada na submissão para cumprimento de certos mandados, de forma que quando a submissão não é legal pode se dar pela tradição ou pelo carisma.

Há uma particularidade da atividade doméstica que nasce na diferenciação desenvolvida pela divisão sexual do trabalho, e que é fomentada por parâmetros de classes. Assim:

As atividades consideradas inferiores ficam à cargo das mulheres pobres, pouco instruídas e sem qualquer articulação;

As atividades novas, prontas a se estabelecerem no mercado, são próprias para as mulheres de classe média, que dispõem de certos recursos e razoável nível de instrução, além de boa articulação social; e,

As atividades técnico-administrativas, com um nível de preparação demorado e caro, destinam-se àquelas que dispõem dos melhores meios políticos e financeiros, as chamadas elites intelectuais.

A forma de contratação dos serviços destas categorias pode ser a melhor demonstração do papel que exerce as suas diferentes atividades na sociedade. Entre as patroas, de classe média e alta, dificilmente encontram-se relações informais, de adesão ou agregagem (como na verdade, em nossa pesquisa não encontramos nenhuma das patroas em situação trabalhista que não cumprissem as exigências da Lei). Mas, entre as empregadas domésticas, disfarçadas de "menina da casa", "quase filha" e outras designações, encontramos meninas que, confiadas por seus pais, são parte de uma relação estabelecida verbal, unilateral, informal e faticamente.

Ainda, no trabalho de Zaíra Farias (1983), encontramos esboçado o que a autora chama de "regras de dominação", dispostas como regras estatuídas de um Código Patronal, sob o binômio da exigência e compensação, recorrentes nas relações informais de emprego doméstico.

1. Saber trabalhar e saber bem (para ganhar mais);
2. Saber ler e escrever (serem úteis para mandados externos);
3. Ser limpa, asseada, ter boa aparência (ser bem parecida, ser agradável);
4. Ser calma, delicada e bem humorada (para estabelecer a obediência);
5. Ser humana, saber respeitar e ser amiga (para ser considerada pessoa da família);
6. Ser responsável (para ser comparada à profissional);
7. Ser fiel, leal e honesta (para ser confiável);
8. Ser dócil (para não se insurgir);
9. Ser humilde e discreta (reconhecer seu papel e o seu lugar na relação);

10. Ser direita, caseira, e tímida (para facilmente obedecer as regras de comportamento e não se associar fora do ambiente de trabalho).

Estas são "qualidades" possíveis de serem encontradas com mais facilidade em crianças e adolescentes. Provenientes de famílias simplórias, localizadas, sobretudo, em redutos de subserviência e pobreza (o setor rural), são as pessoas mais sujeitas à exposição de posições deste tipo, que asseguram a idéia de que o lugar social da empregada doméstica deve permanecer num patamar inferior na sociedade, favorecendo inclusive, que haja uma hierarquização na própria atividade, que produz tanto o "prestígio" social da ocupação quanto a diferença de salário em função da pessoa que exerça determinadas funções. Vemos pois:

1. Governanta - empregada com instrução que varia entre o 2º. grau

e  
nível superior de escolaridade. São reservadas às mulheres adultas, que já adquiriram a confiança dos patrões.

Em nossa pesquisa não foi localizado nenhum caso.

Empregada Faz-Tudo - sua escolarização é pouco importante. O tempo

de serviço e a habilidade serão decisivos para a função; Seus privilégios podem abranger aumento de salário e outros arranjos financeiros.

Em nossa pesquisa foram assim consideradas pelas patroas 07 de nossas informantes; suas idades variam de 15 a 18 anos e o tempo de serviço entre 2 e 5 anos.

Cozinheira - o domínio da culinária é adquirido como parte do

processo de ressocialização a que se submete a empregada, que se adapta às exigências da família, bem como ao uso de objetos que sua família não dispõe. Dentre as Faz-Tudo também encontra-se a obrigação de cozinhar, lavar pratos e até fazer compras.

Arrumadeira - num processo semelhante à função anterior, desenvolve-se uma adaptação às condições de trabalho.

Pajem ou Babá - especialmente para mulheres de fácil trato, quando tratar-se

de ocupação com bebês e idosos o nível de escolaridade necessário é o suficiente para saber ler e contar. Dentre nossas informantes, a mais nova com 12 anos está há 08 meses como babá no seu primeiro emprego; dentre as Faz-Tudo também consta cuidar de crianças pequenas e fazer companhia a idosos.

Copeira - atividade de assistência à cozinheira, trata mais diretamente com

as pessoas da casa nas horas das refeições. Em nossa pesquisa esta também é uma função que é tida como prerrogativa da Faz-Tudo.

Faxineira - responsável pela limpeza pesada da casa, é uma atividade que

guarda certo espaço de tempo para se repetir. Às vezes é atividade específica de prestadores de serviços diaristas.

Quando não é obrigação da Faz-Tudo, é atividade dividida com outra pessoa, que pode ser até mesmo a patroa.

Caseira - com atribuições que não são fiscalizadas diariamente pelos patrões,

há que ser exercida por alguém de confiança, e o nível de instrução não requer grandes exigências. Em nossa pesquisa não localizamos nenhum caso diretamente.

Lavadeira - semelhante caso ao da faxineira, é uma tarefa que pode ser

executada por prestador de serviços diarista e fora da residência dos patrões.

Em nossa pesquisa verificamos que lavar e passar são atribuições da Faz Tudo.

Caseira - com atribuições que não são fiscalizadas diariamente pelos patrões,

há que ser exercida por alguém de confiança, e o nível de instrução não requer grandes exigências. Em nossa pesquisa não localizamos nenhum caso diretamente.

Lavadeira - semelhante caso ao da faxineira, é uma tarefa que pode ser

executada por prestador de serviços diarista e fora da residência dos patrões.

Em nossa pesquisa verificamos que lavar e passar são atribuições da Faz Tudo.

Passadeira - apesar de ser uma tarefa desgastante e até perigosa, se não

houver habilidade como instrumento de passar, é considerado o trabalho mais inferior dentre os trabalhos domésticos. Tido como ajuda e dificilmente remunerado quando feito isoladamente.

Assim sendo, verificamos que quando se trata de relações concebidas de modo informal, as exigências feitas pelos patrões são as mesmas que se fazem em relações estabelecidas sob os rigores da Lei. Quando a palavra dada é a palavra, em geral, dos patrões, confirma-se o fato de que é uma relação de adesão por parte das empregadas, em que cabe aos patrões estabelecer os direitos e obrigações da serviçal.



É importante porém, que, convencidos desse instituto marginal que são as relações informais, nosso direito trabalhista garante a proteção de todos os direitos conferidos e não usufruídos pelos empregados domésticos, bastando para tal que tais trabalhadores recorram aos procedimentos judiciais adequados. Porém, como pode-se falar em garantia de direitos, se o próprio direito não socorre aos que dormem (na ignorância)?

### **1.1.3. A legislação desconhecida**

Sabemos que o Direito é fruto das representações, experiências, conflitos e tensões da sociedade. Como tal ele existe para organizar as relações entre sujeitos, protegendo interesses e resolvendo as desigualdades. Da mesma forma que a cada direito corresponde uma obrigação em igual medida, a cada trabalho contratado e realizado corresponde uma contraprestação em igual valor, o que se costuma chamar de salário justo.

A contraprestação, ou pagamento, porém, não pode ser considerada apenas em relação às quantias pagas de imediato, mas como meio de reprodução sua e de sua família. Relativamente ao trabalho doméstico de adolescentes, verificamos que

*“É importante a gente fazer alguma coisa por essas meninas, tá certo que são meninas que têm família, mas são famílias pobres, qualquer coisinha viram prostitutas.”*

(Sr. Z, funcionário público)

*“Eu acho que é uma coisa boa que eu tô fazendo, tudo que eu ensino ela aprende, não tem vício, é uma companhia prá minhas filhas e prá mim... também ela sabe que eu não esquento muito não, eu só fico com ela enquanto der certo, senão ela volta prá casa dela, e ela não quer isto.”* (Dona L., dona de casa)

Vemos pelos depoimentos que a própria forma como são vistas por seus patrões, denota a maneira como se estabelecem os direitos e deveres das partes na contratação da empregada. Como se dá de forma verbal, e quase sempre por adesão da empregada, as próprias patroas estabelecem os parâmetros de salário. Estes por sua vez derivam das informações obtidas ou de ajustes que se fazem entre amigas, de acordo com as conveniências do orçamento familiar, estabelecendo a quantia 'justa' a ser paga pelos trabalhos da menina.

Mesmo que a Lei aceite os acordos tácitos como contrato de trabalho, são poucos os direitos conferidos pela Legislação a serem cumpridos em tal relação de emprego, em decorrência da pouca instrução e a imaturidade das trabalhadoras frente aos artifícios utilizados por seus patrões para descumprir as exigências legais. Por causa disto, as empregadas adolescentes são ainda mais

desfavorecidas quando se envolvem no jogo da dissimulação do vínculo, sob a pretensão de que não sendo tratadas como empregadas possam usar das prerrogativas derivadas de uma relação de amizade, proteção e mútua-ajuda.

Nenhuma das empregadas entrevistadas tem documento de trabalho nem qualquer forma de registro de trabalho.

### Condições de trabalho das adolescentes entrevistadas

INFORMANTES	IDADE	REMUNERAÇÃO	JORNADA DIÁRIA	DESCONTO	FÉRIAS	QUANTIDADE DE EMPREGOS	TEMPO DE SERVIÇO	FOLGAS	VANTAGENS ADICIONAIS
1	12	20,	7 às 19	nenhum	nunca	1°	8 meses	irregulares	não estuda 2, 3, 5 *
2	13	40, quinzenais	7 às 18	nenhum	nunca	1°	5 meses	quinzenais	estuda 1, 2, 3, 4 *
3	15	50, quinzenais	6 às 21	nenhum	nunca	2°	2 anos	quinzenais	não estuda 3 *
4	15	50, quinzenais	6 às 20	nenhum	nunca	2°	2 anos	semanais	não estuda 2, 3, 4 *
5	16	50, quinzenais	6 às 20	nenhum	nunca	2°	4 anos	semanais	estuda 1, 2, 3, 5 *
6	17	30, quinzenais	6 às 18	nenhum	nunca	3°	5 anos	quinzenais	estuda 1, 2, 3, 4 *
7	17	40, quinzenais	6 às 20	nenhum	nunca	2°	1,4 anos	quinzenais	não estuda 2, 4 *
8	18	50, quinzenais	6 às 20	nenhum	nunca	3°	4 anos	quinzenais	não estuda 2, 3, 4 *
9	18	50, quinzenais	6 às 18	nenhum	nunca	3°	5 anos	quinzenais	não estuda 2, 3 *
10	18	50, quinzenais	6 às 20	nenhum	nunca	3°	2 anos	quinzenais	não estuda 2, 3, 4 *

Fonte: Pesquisa de campo.

\* 1. MAT ESCOLAR; 2. PROD. HIGIENE; 3. VESTUÁRIO; 4. DESP. TRANSPORTE; 5. ASSIST. MÉDICA.

## Direitos conferidos pela legislação

INFORMANTES	SALÁRIO MENSAL R\$ 100,	REPOUSO REMUNERADO	FÉRIAS ANUAIS REMUNERADAS	JORNADA SEMANA L HORAS	INTERVALO DE 11 HORAS ENTRE JORNADAS	GARANTIA DE FREQUÊNCIA À ESCOLA	IDADE SUPERIOR A 14 ANOS
1	40,	semanal	nunca teve	72 h.	12 h.	não estuda	-2
2	80,	quinzenal	nunca teve	55 h.	13 h.	estuda	-1
3	100,	quinzenal	nunca teve	84 h.	9 h.	não estuda	+1
4	100,	quinzenal	nunca teve	84 h.	8 h.	não estuda	+1
5	100,	semanal	nunca teve	72 h.	10 h.	estuda	+2
6	60,	quinzenal	nunca teve	72 h.	11 h.	estuda	+3
7	80,	quinzenal	nunca teve	84 h.	9 h.	não estuda	+4
8	100,	quinzenal	nunca teve	84 h.	10 h.	não estuda	+4
9	100,	quinzenal	nunca teve	72 h.	12 h.	não estuda	+4
10	100,	quinzenal	nunca teve	84 h.	10 h.	não estuda	+4

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os meses de janeiro a março de 1996.

No primeiro quadro abaixo mostraremos algumas condições reais de trabalho das informantes, e no segundo, comparativamente vemos a forma de utilização de alguns direitos legais das empregadas adolescentes.

Desta maneira, as meninas mais novas, entre 12 e 14 anos ganham até R\$ 40,00 mensais, valor que de longe não se compara ao que a Lei determina como salário-mínimo, com funções de cumprir necessidades básicas do trabalhador e de sua família. Uma remuneração assim contorna pelo menos dois princípios da Lei, que são o da igualdade de salário para os executores de mesmo tipo de serviço e o de proibição ao trabalho de crianças com idade de 14 anos ou menos, além de fazê-lo de modo totalmente contrário a capacidade física de tais meninas.

Vemos, pois, que duas das jovens empregadas têm menos de 14 anos e apenas uma delas continua estudando, embora fuja da exigência legal da condição de trabalhador aprendiz, que significa o trabalho feito sob acompanhamento de um ensino formal que seja técnico ou básico.

Com relação ao item salário, quatro das entrevistadas recebem remuneração abaixo do salário-mínimo nacional, embora recebam ajuda com transporte, para se dirigirem às suas localidades; tenham direito a produtos de higiene pessoal e vestuário, diminuindo tais gastos dos seus ganhos; e, as que estudam tenham direito a material escolar, e duas delas tenham assistência médico-odontológica.

Ainda, com relação às duas primeiras informantes citadas, o parâmetro utilizado para estabelecer salário é o da idade e não o do tipo de tarefa, que normalmente são consideradas 'ajudantes' ou 'lavadoras de pratos', mesmo que executem boa parte dos serviços da casa, inclusive os serviços pesados.

Já com relação ao descanso da empregada adolescente, verifica-se que enquanto encontram-se no local de trabalho, estão à disposição dos patrões. Quer dizer, tal descanso se dá apenas em horas de sono, suficientes apenas para reposição das energias. Aquelas que estudam, não podem dizer que as aulas são um período de descanso. Além disso, os quadros mostram que as jornadas de trabalho se dão por horas consecutivas, que podem ser de até 15 horas diárias.

Embora a CLT determine que entre uma jornada e outra de trabalho, o espaço de tempo guardado deva ser de pelo menos 11 horas, entre elas chega a ser de até 09 (nove) horas, demonstrando que há exclusividade para o trabalho da casa sobre outras atividades particulares e até sobre o descanso físico.

Também quanto ao repouso semanal remunerado, é um item comprovadamente ignorado na composição entre empregada e patroa, ao estabelecerem as folgas quinzenais, que em geral, são para visitas às famílias; nos demais fins de semana elas aproveitam para fazer, sós ou com ajuda de outras pessoas, as chamadas 'faxinas pesadas'.

A folga quinzenal é quase unânime entre as entrevistadas, num período que varia entre 24 e 48 horas, coincidindo com algum feriado ou com finais de semana. Já as férias, quando são concedidas, coincidem com o período das férias escolares dos filhos dos patrões (já que a nossa maioria não estuda), considerando-se assim o período em que viajam com seus patrões. Estes sim, em férias. As empregadas continuam suas atividades apenas em outro local.

Além disso, entre as empregadas que já se encontram no segundo ou terceiro emprego, estas informaram que nenhuma vez que deixaram a casa dos patrões receberam qualquer pagamento que não fosse o equivalente apenas aos dias trabalhados. Deixaram de receber o equivalente à férias, 13º. salário, nem tiveram seu registro de trabalho efetivado para fazer jus aos benefícios previdenciários, o mesmo ocorre em relação ao aviso-prévio e as prestações devidas pela despedida sem justa causa. Podemos dizer que, quanto ao emprego informal alguns costumes se sobrepõem à Lei, como é o caso no emprego doméstico em que se acredita que o empregado que deixa o serviço perde os direitos da relação.

Tais práticas, ainda, resultam da tradição que impõe ao empregado submeter-se às exigências do patrão e não às exigências da Lei. Os patrões para se beneficiarem com tal exploração valorizam apenas as normas que estão a seu favor, como é o caso da desobrigação dos patrões de pagarem horas extras a empregados domésticos, bem como a não aplicação do resguardo às jornadas de 44 horas semanais. Nosso questionamento porém, surge da confluência entre tais dispositivos e a garantia do desenvolvimento físico e intelectual das trabalhadoras adolescentes que se dedicam à atividade exclusiva, integral e com obrigações unilaterais, que o conflito entre Lei e costume acaba por causar.

Pois, para que certos costumes tornem-se leis aplicáveis é necessário que o arcabouço do Estado possibilite sua implantação como norma e os meios possíveis



de aplicabilidade. Tal aplicabilidade resulta de uma eficiente fiscalização e conscientização daqueles a quem a norma visa proteger, e no caso do trabalho infanto-juvenil em nosso país há sempre uma grande indefinição da forma de fiscalização às condições reais de trabalho, deixando à margem da Lei uma gama considerável de trabalhadores.

Nossa sociedade tende a atribuir às condições sócio-econômicas desses patrões, e à crise do Estado tais comportamentos, agravando-se, sobretudo, quando se trata das trabalhadoras domésticas que abrange a atividade de adolescentes pobres, filhas de famílias rurais que têm, elas próprias, de se livrarem da marginalidade que lhes é imposta quando migram para as localidades urbanas.

Preocupadas em sobreviver, se adaptar ao trabalho e ao ambiente e às exigências de se tornarem adultas precocemente terminam não reconhecendo seus direitos e se sujeitando a novo tipo de exploração, ou em outra atividade ou junto a outra família.

Suas famílias pouco podem ajudá-las no resgate de tais direitos, pois também viveram por muito tempo sem exercê-los\*, além do que nossas informantes desconhecem, elas próprias, a existência de seu órgão classista, como também outros meios legais de reclamação. Por outro lado, a Associação das Trabalhadoras Domésticas de Campina Grande não realiza nenhum trabalho com trabalhadoras adolescentes, e nem tem nenhuma associada nessa faixa etária, mesmo que reconheça a existência de um número considerável delas na cidade.

---

\* Os trabalhadores rurais até décadas recentes não gozavam seus direitos de cidadania e não eram protegidos nem pela Legislação trabalhista, nem previdenciária; ainda hoje dependendo em muito, para isto, da ação de seus sindicatos. - Cfe. Monteiro, LF. Impactos da Legislação Previdenciária vigente sobre a economia rural brasileira. Mimeo, 1996).

## 1.2. O trabalho infanto-juvenil

A categoria "Child Labour", na realidade brasileira, para Spindel (1989), não toma como parâmetros limites etários, mas se constrói por critérios sociais, culturais e econômicos com que se demarcam suas atividades. Isto quer dizer que enquanto nos demais países esta mão de obra é definida por critérios biológicos, em nosso país o menor trabalhador sempre foi assim considerado de acordo com a expectativa econômica em relação à família, pois se ocupam de acordo com a situação sócio-econômica de sua família. Contudo, é comum que a ocupação dos filhos seja influenciada pela de seus pais.

Há, portanto, uma particularização conceptual do trabalho de jovens e crianças no Brasil. A Oficina Internacional do Trabalho realizada em 1983, em Genebra, na Suíça, pela OIT, publicou um trabalho sobre perspectivas e dados sobre o trabalho infanto-juvenil; nele, o autor enfatiza que a denominação mais adequada à definição de trabalhadores menores, ao contrário do que se verifica no mercado trabalhista brasileiro, deve-se pautar em critérios cronológicos, muito mais do que na mera aceitação social dos termos infância e adolescência.

A implicação dessa conceitual estaria, portanto, em garantir aos jovens trabalhadores atividades oferecidas como direito e não como dever. Segundo Oris de Oliveira, o trabalho disposto como direito é aquele que preserva valores que não podem ser tidos como privilégios de alguns, como garantia ao desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e fazendo parte de uma processo educativo, embora

saibamos que a realidade de algumas crianças e adolescentes seja o oposto do que pretende esse autor.

Assim sendo, o trabalho só se constitui um dever quando o indivíduo adquire a plenitude de seu desenvolvimento, tanto físico quanto psíquico, de modo que antes de alcançados estes pré-requisitos, cabe à sociedade, e não apenas à família, a preparação para o trabalho qualificado. Mas, quando esta não promove a igualdade de condições para tal qualificação, passa a explorar uma mão de obra pouco habilitada para atividades mais complexas e elaboradas.

No caso das adolescentes que exercem o trabalho doméstico, verifica-se que são capacitadas para atividades minimamente simples, em decorrência das limitações de suas tarefas, pelos poucos meios de que dispõem em suas casas. Quando, porém, são lançadas ao emprego doméstico tornam-se forçadas a um aprendizado e a uma adaptação mais difícil porque acabam sacrificando a educação, a saúde e o lazer que são parte do processo educativo a que se refere Oliveira.

A questão, pois, do trabalhador menor, é tomada pela legislação trabalhista, considerando aqueles que estejam no mercado formal, compreendidos na faixa etária de 14 a 18 anos. Suas atividades, ao gosto da legislação, devem ser reforçadas por um ensino formal, visando a capacitação para um futuro profissional. A especificação de "trabalhador aprendiz", fornecida pela Consolidação das Leis trabalhistas brasileira proíbe as atividades de crianças com idade inferior àquela

estabelecida, como proíbe também a diferença de salário em função da idade do trabalhador.

Este reconhecimento legal se dá com a intenção de proteger e contribuir para a formação do trabalhador jovem, embora a realidade tenha constantemente mostrado que o trabalho de alguns menores tem se desenvolvido sob a adversidade da situação de pobreza de suas famílias, que não dispendo de outros meios para a sobrevivência do grupo, utiliza a força de trabalho de seus filhos como recurso a um “arranjo econômico” ou até como única maneira de garantir as condições mínimas de sua manutenção.

No final da década de 80, o número de crianças e adolescentes engajados à força de trabalho chegou a 8 milhões no Brasil. Os motivos que levaram essas crianças e adolescentes a tornarem-se mão de obra e até excedente de força de trabalho são a situação de pobreza, especialmente das famílias rurais. A pauperização rural é resultado da aceleração da urbanização do país, nas últimas três décadas. Por isto podemos dizer que a cooptação da força de trabalho infanto-juvenil é parte da estratégia de exploração de mão de obra barata.

Nesse sentido Spindel (1989) admite que este segmento da classe trabalhadora se mantém sobretudo, pelos baixos níveis de remuneração, não reivindicação de salários e, principalmente, por não se constituir numa categoria ameaçadora para os patrões, pelo fato de não serem organizados e de não fazerem greves. Esta incapacidade de organização torna-os trabalhadores com mais

obrigações do que direitos, e a proteção legal à sua atividade restringe-se, numa fiscalização diminuta em relação às estratégias dos patrões, que sempre fogem aos procedimentos estabelecidos pela lei.

### **1.2.1. O conceito de trabalho infanto-juvenil pela OIT**

Historicamente, verifica-se que a utilização de mão de obra infanto-juvenil obedece a um processo de produção em que no início era privilégio do homem, por causa de sua força. A inserção da mulher e da criança se deu a partir da incorporação das máquinas na produção industrial, pois com estas poder-se-ia utilizar "meias forças", já que o trabalho em série não exigia a força plena do braço masculino. A implicação disto ainda hoje se mantém em outros setores sendo a mais comum a da remuneração inferior para o trabalho considerado inferior.

Esta estratégia favoreceu sobremaneira a uma regulamentação do trabalho do menor, justamente para que fossem atendidos os interesses capitalistas, na manutenção da exploração de mão de obra a baixo custo e na garantia de uma concorrência mais fácil frente aos níveis internacionais.

A Organização Internacional do Trabalho, após estudos realizados em vários países desenvolvidos e em desenvolvimento, adotou algumas recomendações sobre o trabalho infanto-juvenil. Os enfoques desse organismo internacional deu

lugar a convenções entre os países subscritores do Tratado de Versalhes, que cria a OIT, que assinalam os princípios mais urgentes sobre a categoria “trabalho infanto-juvenil”. Podendo ser apontadas duas correntes políticas: de um lado, aqueles que são favoráveis a sua abolição, na faixa etária considerada inadequada; e de outro, aqueles que defendem a penalização do trabalho em qualquer faixa etária, se realizado em condições perniciosas ao desenvolvimento do indivíduo.

Porém, a despeito do que falamos no início sobre a conceituação da categoria infantil, e das definições desencontradas entre os diversos países, a OIT procura utilizar os termos “crianças” (niños), e “menores” como duas coisas diferentes. Em seus documentos, a primeira categoria cobre a faixa etária até 14 ou 15 anos (niño), e a segunda, adolescentes e menores, de 15 a 18 anos, da mesma forma que a expressão “jovem”, comumente utilizada nos documentos da ONU, engloba todas as pessoas compreendidas entre os 15 e 24 anos de idade. Mas deve-se estar atento ao fato desses conceitos, na prática, não serem igualmente definidos por todos os países, sendo influenciados nacional, regional e setorialmente.

Também, o conceito de trabalho é controvertido, e por isso mesmo bastante perseguido, à busca de solução, pelo organismo internacional do trabalho. Este, defende, grosso modo, que o trabalho é adequado, não na infância, mas a partir da adolescência, merecendo a proteção do Estado quando desempenhado por menores e em condições regulares, visando uma remuneração favorável para si e para sua família.



menores e em condições regulares, visando uma remuneração favorável para si e para sua família.

Como a questão da idade mínima para o trabalho está diretamente associada às condições de desenvolvimento do indivíduo com vistas a um trabalho profissional futuro, toma como principal referência o término da escolaridade obrigatória. Esta, no nosso sistema educacional e estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente, estaria definida como sendo o 1º. grau, que vai da pré-escola a 8ª. série. Mesmo assim, depreendemos em nossa pesquisa de campo, que esta ainda é uma realidade distante nas localidades rurais de alguns municípios paraibanos, que oferecem, em regra, o ensino público de modo incompleto e ineficiente, somente até a 3ª. ou 4ª. série da primeira fase do primeiro grau.

Também quanto aos princípios defendidos pelo órgão maior de proteção ao trabalho, verificamos que há uma dificuldade de se estabelecer uma fiscalização efetiva, quando os sistemas legais em geral protegem a inviolabilidade do ambiente doméstico, quando se refere a abusos em relação às jovens empregadas.



### **1.2.2. A institucionalização do trabalho infanto-juvenil no Brasil.**

A orientação profissional à crianças e adolescentes, no Brasil, é uma prerrogativa legal conferida à sociedade. Esta, porém, não se deu por acaso, mas como contingência da exigência do modelo desenvolvimentista adotado pelo país desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Programas nacionais de formação profissional de menores foram estabelecidos para suprir a necessidade de mão de obra qualificada, a princípio para o setor secundário. Em 1942, surge o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, criado para incentivar o trabalho na indústria e adaptar uma mão de obra, infantil e adulta, pouco habilitada ao trabalho com máquinas. Em 1946, também por Decreto, é criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, com função de formar mão de obra habilitada ao emprego no comércio e no setor de serviços. Há que se associar a necessidade da qualificação, para a tomada do desenvolvimento econômico do país, de profissionais que produzissem e que vendessem a sua produção, e embora não fossem programas unicamente dirigidos a menores, basicamente visava-os como alvo principal.

Fixavam a obrigatoriedade das empresas com mais de nove empregados, de adotarem em seus quadros, em regime especial, o equivalente a 5,0% do total de empregados, trabalhadores aprendizes, aos quais se garantiria 50% do salário-

Esta porém, tornou-se matéria controvertida, já que acabaria se tornando "mero adestramento" no entendimento de Albino Lima, dando-se em função das exigências de manutenção de cada empresa em particular e não da profissão em geral. Isto traria, ainda no seu entendimento

*"gravíssimos prejuízos morais, sociais, psíquicos e intelectuais para os seres em formação, absolutamente incapazes, que estão (1956) sofrendo o desconto de 50% do salário mínimo vigente no país a título de contraprestação de um ensino inexistente".*

*não se justificando*

*"que se desconte de um menor subnutrido, que se sacrifica fisicamente para atingir os locais de trabalho e os locais onde reside, depois de oito ou dez horas de trabalho, importância superior às mensalidades cobradas nos melhores colégios religiosos do estado da Guanabara pelo mero adestramento a que é submetido, com o rótulo de 'aprendizagem'".*

(Spindel, 1994, p. 47)

Mesmo que acontecesse assim e que fosse um programa discriminatório, por não atender a todos os menores, inclusive os de famílias com baixos níveis de renda, era esta a sua meta, e que foi alcançada sem desvios. Spindel, ainda,

esclarece que esse elitismo tem sua origem no objetivo e na própria concepção ideológica da criação dos SENAI e SENAC, claramente expressos no texto do documento elaborado pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social:

*“O SENAI e o SENAC não foram criados para ministrar aprendizagem a todos os menores que trabalham, mas somente a um grupo especial, tendo em mira promover, no processo de renovação de mão de obra, a ‘reformulação de elites’ de trabalhadores que correspondem aos reclamos do nosso desenvolvimento econômico e social (...)”*

(Spindel, 1994, p. 48)

Quanto à política ruralista nacional, também esta promoveu a sua contribuição com programa semelhante, criando na década de 70 o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, cujo objetivo seguia os mesmos parâmetros dos outros dois programas, porém há que se dizer que este se deu numa época em que se restabelecia a totalidade do salário-mínimo aos trabalhadores menores de 18 anos. Contribuindo de um lado para a melhoria das condições de vida desses aprendizes, mas aumentando a seletividade dos empregadores. Nesta mesma época foi desarticulada a obrigatoriedade das empresas promoverem internamente a formação metódica de seus aprendizes, passando a responsabilidade para o Estado, que passou a manter tais programas em instituições de ensino técnico em nível de 1º. grau, associadas às empresas, que livres de certas contribuições

sociais se responsabilizariam pelo pagamento dos salários aos menores trabalhadores.

Adaptadas às exigências contemporâneas, em alguma medida, estas instituições adotam pedagogias de interação ocupacional, em que o aprendiz além de obter habilitação para serviços técnicos, pode desenvolver atividades esportivas, sociais e de lazer, pois a concepção de seus dirigentes, segundo Spindel, é de que "todas as pessoas, sobretudo os adolescentes, necessitam de um lugar geográfico, afetivo e cultural onde possam organizar-se interna e externamente. Se nesse lugar pode-se ter uma identidade pessoal, operativa e sociocultural, a sua personalidade se manifestará na direção de uma participação construtiva". (1989:53).

A questão que trazemos, porém, circunda as ambigüidades da relação de emprego dessas meninas na atividade doméstica, como também o tipo de assistência que deriva não apenas da ação de pais e patrões, quanto do próprio Estado. Nossa preocupação se relaciona com a forma de inserção dessas empregadas no mercado que, em regra, só garante espaço a trabalhadoras que detenham habilitação educada. Para isto, é necessário conhecer o tipo de acompanhamento e proteção que as meninas domésticas têm no trabalho em função do seu desenvolvimento profissional e pessoal, já que estes integram o processo de ressocialização derivativo das condições de vida e trabalho.

## **Capítulo II**

### **A pesquisa de campo**

A pesquisa de campo está para as Ciências Sociais como o laboratório natural para observação dos fenômenos culturais da sociedade com suas peculiaridades. A figura do pesquisador se apresenta perante os fatos sociais não como mero espectador, posto que também se insere no contexto da sociedade que estuda, mas como um apresentador das questões relevantes que envolvem os indivíduos e grupos que a compõe, como passo à resolução dos seus principais incômodos.

De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz (1978) a sociedade brasileira passa por um processo de homogeneização rural-urbana que consiste no intercruzamento das duas sociedades, embora uma e outra se interliguem sem negar a rusticidade da vida rural, nem a modernidade da vida urbana.

Tanto assim que neste estudo partimos da relação havida entre indivíduos oriundos do campo para compor relação de emprego na cidade, envolvendo nessa ligação dualidades tais como adolescência/trabalho, trabalho doméstico/trabalho infanto-juvenil e vida no campo/na cidade .

Nosso campo de pesquisa envolve a reunião entre dois espaços, e as estratégias metodológicas para tal se pautaram nas particularidades que se apresentam na realidade dos dois ambientes. Até mesmo a escolha da amostra segue as distinções sócio-econômicas tanto de empregados quanto de patrões, e nelas podemos verificar o grau maior e menor de carência dessas famílias rurais, e o tipo de tratamento que as empregadas recebem nos lares empregadores.

## 2.1 O campo de pesquisa

Nosso campo de pesquisa se divide em dois ambientes, um urbano e outro rural. O primeiro, na cidade de Campina Grande - PB, em residências onde se empregam meninas com idade entre 12 e 18 anos; no setor rural, localizadas as meninas que trabalham com empregadas domésticas, as suas famílias em suas localidades que se espalham pelas cidades de Barra de Santa Rosa, Lagoa de Roça, Lagoa Nova, Lagoa Seca e Fagundes, todos municípios paraibanos.

Consideramos que uma boa iniciação em campo de pesquisa é a utilização de um 'survey', o qual consiste numa investida inicial, um reconhecimento do lugar, da situação e dos sujeitos pesquisados para o estabelecimento da metodologia a ser aplicada e da amostragem a ser trabalhada. No entendimento de Cuvillier (1994<sup>1</sup>) um "procedimento que põe em evidência o eixo das condições de vida de certas capas, geralmente as mais pobres da população".

Também seria uma forma de desbravamento, posto que não conhecendo nenhum dos informantes, mas apenas o fato, que é comum, serviu para familiarizarmo-nos o suficiente dessas pessoas e suas questões na composição deste trabalho.

Para nós não era suficiente ir aos lugares ditos freqüentados apenas por empregadas domésticas, nem querer iniciar com inquirições a esmo nos sítios de

---

<sup>1</sup> Cuvillier está citado no dicionário de sociologia, organizado por Washington dos Santos.

onde provêm tais trabalhadoras. Isto parecia muito vago e preferimos começar nossa investida em filas de bancos, ante-salas de consultórios médicos e odontológicos e até por bancos de igreja, lugares onde é possível encontrar jovens empregadas acompanhando suas patroas, ou fazendo mandados, ou mesmo onde encontramos seus patrões comentando sobre suas qualidades e defeitos se o tema for trazido à tona.

Nosso passo seguinte, junto a estas pessoas, foi a procura por informações mais precisas, que nos levasse ao universo das adolescentes trabalhadoras. Verificamos, pois, logo no início, que é mais fácil encontrar o intermediário para fazer contato com as trabalhadoras, do que conseguirmos nos inteirar sobre suas vidas trabalhistas logo no primeiro encontro. Elas tinham medo de estarmos a serviço de suas patroas para especularmos e fechavam-se às nossas diligências.

Somente com insistência foi possível que as conversas se tornassem descontraídas e amistosas, mesmo porque sentiam-se mais à vontade para falar de suas vidas quando se distanciavam de suas patroas, e passamos a acompanhá-las, uma a uma, em suas visitas, nas folgas, às suas famílias. Época em que passamos a conviver em finais de semana, garantindo-nos da conquista da sua compreensão e de sua família sobre nosso propósito, além de nos servir de passaporte ao seu local de trabalho, já que para tais saídas as meninas estavam sempre em nossa companhia, e isto favorecia a confiança dos patrões em relação ao nosso trabalho.



Em suas casas a receptividade sempre foi boa, mesmo que em alguns casos as pessoas não compreendessem muito bem o objetivo de nosso estudo, e fôssemos confundidos com pesquisadores do governo, já que em suas localidades é comum a visita ou de pesquisadores do IBGE, ou dos agentes de saúde, ou da SUCAM. Mesmo assim a comparação não nos causou nenhum tipo de prejuízo ou represália.

### **2.1.1. De onde vêm as empregadas meninas**

Faz-se necessário um relato sobre o que pudemos observar em nossa pesquisa sobre as circunstâncias que favoreceram a saída de tais adolescentes da casa de seus pais para trabalhar como empregadas domésticas na cidade.

A vida dessas famílias, em sítios, é levada com singeleza, às vezes até com a falta daquilo que se considera essencial à condição digna de seres humanos. Vive-se em casas pequenas, apertadas para o número de habitantes, às vezes sem água encanada, luz elétrica e até sem alguns objetos tidos como simples como mesa, cadeira, cama, fogão, etc...

Das oito famílias pesquisadas, uma é proprietária de uma grande área (150 Ac.) no brejo paraibano, a qual é trabalhada em regime de meação com algumas famílias locais; ali planta-se feijão, milho, batatinhas, amendoim, capim para gado e uma grande variedade de verduras. Das outras famílias oriundas do brejo, três são

proprietárias de pequenas áreas que variam entre 0,5 ha. e 1,0 ha., onde moram e trabalham no plantio e colheita de frutas e verduras variadas; uma outra família vive num sítio mas o pai trabalha em várias propriedades próximas, enquanto a mãe cuida da casa e dos filhos pequenos. Duas das famílias visitadas trabalham em áreas que não ultrapassa a 1,0 ha, e as culturas nessa micro-região de Campina Grande variam entre o cultivo do milho, feijão e fava, sendo que uma é propriedade da família e a outra é trabalhada por aforamento\* .

Além dessas, uma se localiza no Curimataú paraibano e foi herdada pelo pai, constituindo-se numa área equivalente a 4,0 Ha., na qual cultiva-se feijão e cria-se bode, galinha e porco. Essas famílias usam parâmetros de medida pouco convencional, do tipo 'duas quadras', 'três cinqüentas', assim como também 'braças' e léguas, às quais se diferenciam de medidas em m<sup>2</sup>.

Percebe-se assim que a principal atividade dessas famílias, incluindo-se adultos e crianças, é a agricultura de subsistência, em que cultivam-se pequenas áreas para obtenção de renda mínima. Dessas famílias, apenas numa o orçamento é complementado com benefício da Previdência Social, por aposentadoria da avó (74 anos). Noutra, a renda é complementada por um pequeno comércio de mercadoria, em que trabalham a mãe e outros filhos; noutra família, o pai executa serviços de pedreiro, dos quais resultam boa parte dos rendimentos da família; além dessas, há uma que o pai não tendo trabalho fixo, nem habilidades específicas, a família depende exclusivamente do salário da filha doméstica.

---

\* Aluguel anual que combina com o período de venda da produção.

Nas demais, é exclusivamente do produto agrícola que retiram os seus ganhos, sendo ajudados por suas filhas empregadas domésticas e pelos eventuais favores dos patrões delas.

Podemos destacar que nas vivendas dessas famílias, apenas uma era desprovida de luz elétrica; três casas possuíam instalações hidráulicas, embora uma delas não dispusesse de água encanada; também em três casas não se dispõe de sanitário ou latrina. Cinco dessas casas são construções taipares, pintadas à cal, com piso de cimento e recobertas de telhas de barro; são, também, compostas por dois ou três cômodos conforme tivesse dois quartos.

As demais, maiores, são construções simples de tijolos, com no máximo dois quartos, banheiro fora da casa e água de tanque ou barreiro para servidão da família. Do total apenas uma possuía mais de três eletrodomésticos, que em geral são o rádio, o fogão a gás e a tv.

As famílias das informantes têm em média 05 filhos, sobretudo pelo fato de que nem sempre todos os filhos que nascem, sobrevivem, ou seja, é possível que as mães tenham tido até 10 filhos, e que desses três ou quatro tenham morrido ainda bebês.

Nelas, os filhos mais velhos estão próximos dos 20 anos de idade, e os menores por volta dos 05 anos. Os adultos aparentam uma idade sempre superior à idade que têm na verdade.

O tipo de alimentação se volta para aquilo que se produz, havendo dificuldade de acesso a uma nutrição balanceada, posto que gêneros como pão e outras massas, doces e até carne são adquiridos vez ou outra na feira da cidade, e muitas vezes já não tão frescos. A água de beber é conservada em potes de barro, acondicionada sem o uso de métodos de fervura ou filtragem; o consumo de leite dependerá dos animais de 'terreiro', assim como também o de aves e ovos.

### **2.1.2. As informações de campo**

A partir de nossa inserção em seu ambiente de origem tornou-se possível a obtenção de outras informações necessárias ao nosso trabalho. Nossos informantes, pois, sendo de três tipos estariam interligados pelo trabalho das meninas. São eles:

- As famílias empregadoras, onde conta-se a dona de casa; seu companheiro, havendo; seus filhos, havendo; e demais pessoas da casa.
- As famílias de origem das adolescentes. Os pais, os irmãos, os parentes e até os vizinhos algumas vezes.
- As próprias adolescentes.

Procuramos obter informações tanto através dos informantes como também através da nossa própria observação, as quais passaram a compor nosso Diário de Campo. De nossos informantes, as respostas vieram de entrevistas, sem que as mesmas questões fossem lançadas da mesma forma a todos como questionário. Servimo-nos de um roteiro previamente construído com base em nosso interesse sobre o fato.

Em relação ao objeto de estudo, nossas principais informantes seriam as adolescentes e as demais pessoas que circundam-nas e povoam seu universo, aparecem secundariamente sem que deixem de ser importante. Nosso interesse maior é desvendar as suas relações com a sua família de origem, tanto quanto com a família-empregadora.

O acesso ao ambiente de trabalho das meninas domésticas foi um pouco dificultado nos casos em que a dona de casa tem atividades que a faz ausentar-se do lar; também quando não há filhos ou estes são muito pequenos, e sempre as empregadas passam o dia sozinhas na casa há a proibição delas receberem visitas. Dessa forma, nossa presença nas casas dos patrões foram visitas curtas, de horas, sempre à tarde ou à noite, para entrevistas com as empregadas ou com suas patroas. Nosso maior cuidado era de não invadir os horários de trabalho para não dar causa a alegações de que nosso trabalho atrapalharia o andamento dos serviços das empregadas.

Nossas visitas guardaram intervalo de dias entre uma entrevista e outra na mesma casa. Nas famílias-empregadoras a dona de casa é quem se responsabiliza pelos assuntos empregatícios, embora qualquer elemento da família detenha poder de mando sobre a empregada. Mesmo assim é comum os demais membros da casa se absterem sempre que podem, a fornecer suas impressões sobre o trabalho da adolescente ou sobre seu relacionamento com a empregada, dando um tom eufemístico à sua relação com as tais.

O nível sócio-econômico das famílias-empregadoras é médio, podendo-se verificar um ou dois casos de classe média alta. As famílias não são extensas, tendo em média quatro pessoas. Apenas duas das patroas são donas de casa, sendo as demais profissionais de diversas áreas. O nível escolar dessas patroas é, na maioria, superior, mas pouco relevante ao tipo de relacionamento que mantêm com suas empregadas, sobretudo no que tange à formalidade do emprego.

## **2.2 Escolha da Amostra.**

Para selecionarmos nossas informantes procuramos fazê-lo a partir de duas características que consideramos essenciais ao desenvolvimento de nossa pesquisa. Assim, era preciso que elas tivessem vindo de famílias rurais, e que as suas localidades não se distanciassem além das fronteiras do estado da Paraíba.

Fizemos contato com 22 meninas, das quais verificamos dois casos de mais de uma menina da mesma família trabalhando como empregada doméstica em Campina Grande. Desse total, pudemos verificar que sua faixa etária está compreendida entre 11 e 18 anos, das quais a mais nova contava apenas um mês na atividade e tinha 11 anos de idade, dando demonstrações da difícil adaptação para o trabalho longe da família, sua função era cuidar de uma criança de quatro meses de vida. Outras duas contavam 12 anos de idade, uma delas trabalhando há duas semanas na mesma casa onde a mãe é empregada há mais de cinco anos; a outra com a mesma idade está na atividade há oito meses e tem como função cuidar de um bebê com oito meses, tempo igual ao que está trabalhando na casa. Ambas estavam em seu primeiro emprego.

Sendo estes os casos das meninas mais jovens. Salientamos que as restantes tinham idade entre 13 e 18 anos, sendo:

- V, 14 anos de idade. Há dois meses na atividade, substitui a mãe na casa da patroa, sua irmã com doze anos ajuda-a nas tarefas da casa da patroa;

- R, 15 anos; S, 18 anos; R, 17 anos e C, 13 anos são irmãs e estão na atividade por intermédio umas das outras, que as informaram para casas de parentes de suas patroas;

- A, 16 anos, há dois anos na atividade, recusou a participação neste trabalho por considerar que sua vinda para a cidade de Campina Grande teve por objetivo concluir seus estudos, e a ajuda que presta na casa onde vive não a caracteriza como empregada doméstica;

- D e A, ambas com 18 anos, apesar de concordarem com a pesquisa nunca puderam nos receber. Suas atribuições nunca favoreceram sequer acompanhá-las em suas folgas, que são completamente irregulares;

- J, 17 anos e J, 15 anos são irmãs, a primeira há mais tempo na atividade, 02 anos, conseguiu trabalho para a segunda que está há dois meses na atividade, mas demonstrou pouco interesse em continuar trabalhando dado a pouca adaptação ao novo ambiente;

- N, 18 anos. Trabalha para um chefe político de sua localidade, mesmo sendo a única portadora de documento de trabalho entre as meninas contactadas, seu registro é subscrito pela prefeitura de sua cidade, e a função que ocupa, oficialmente, não é a de empregada doméstica, mas sim a de serviços gerais. Estaria, portanto, descaracterizada como empregada doméstica, pelo menos do ponto de vista legal, em virtude de que como servidora pública tem muito mais vantagens, e o processo jurídico trabalhista privilegia a situação que for mais favorável ao trabalhador;

- B, 18 anos. Trabalha na casa do tio, irmão da mãe, embora cumpra todos os requisitos do emprego doméstico, a relação de parentesco, em nosso estudo, desconfiguraria o relacionamento entre patrão e empregado dado o "arranjo" da situação;

- A, 16 anos. Trabalha há quatro anos na atividade, mas já está em seu segundo emprego, considerada numa situação privilegiada, pelo fato de poder estudar e tirar folgas semanais, demonstrou bom relacionamento com a família-empregadora;

- A, 15 anos. Trabalha há dos anos na atividade, mas já está em seu segundo emprego. Suas atribuições são de "gerente", como se autodenomina, dos serviços



da casa, tendo toda responsabilidade na administração e andamento das tarefas. Passa os dias com duas filhas da patroa, que a fiscalizam;

- N, 18 anos. Trabalha há um ano na atividade, mas já está em seu terceiro emprego. Sonha em voltar a morar no seu lugar de origem e planeja, para isto, casar-se em pouco tempo para mudar de vida;

- S, 18 anos. Trabalha há cinco anos na atividade. Seu primeiro e segundo empregos foram para pessoas de uma mesma família (a mãe e a filha); muito apegada às duas deseja voltar a prestação de serviços anterior, pois estando há dois meses em seu novo trabalho, encontra dificuldade de adaptação, exatamente pelo vínculo emocional muito forte com suas antigas patroas;

- H, 17 anos. Trabalha há um ano e meio na atividade de empregada doméstica. Demonstra a sua grande necessidade de se manter no trabalho, pois sua família depende basicamente de sua remuneração para sobreviver. Em seu segundo emprego, teve problemas de relacionamento com seus antigos patrões;

- G, 18 anos. Há quatro anos na atividade, embora a situação econômica de sua família não seja das piores, seu pai é dono de uma gleba razoável (150 ha.), para famílias com filhas no emprego doméstico e a terra é arrendada para outras famílias. Possui carro, casa com água encanada, luz elétrica, vários eletrodomésticos e gozam de relativo conforto com a possibilidade da mesa farta. O sonho de casar, mesmo contra a vontade dos pais, é tido por ela como o principal motivo para se manter na atividade de empregada doméstica;

- A, 48 anos. É empregada doméstica desde os 18 anos de idade. Fundadora da Associação dos Trabalhadores Domésticos de Campina Grande, ocupa cargo de

direção no órgão, mas deixa claro que em relação às trabalhadoras adolescentes a entidade não desenvolve nenhum trabalho;

Desse total, selecionamos 10 jovens com as quais tivemos um acompanhamento mais próximo, e o fizemos considerando as condições que fossem mais favoráveis ao desenvolvimento de nosso trabalho, dado que contávamos com um período de apenas três meses para realizar todo trabalho de campo. Escolhemos trabalhar com as seguintes meninas, seus patrões e suas famílias, pelo seguinte:

- A, 16 anos, proveniente de uma localidade próxima a Campina Grande, exatamente distando uma hora de viagem. Seu relacionamento com a família-empregadora é bastante amistoso e isto nos favorecia a observação, pelo fato de podermos proceder com mais desenvoltura. Sua família de origem é composta pelo pai, a mãe e cinco irmãos, dos quais duas irmãs já moram em Campina Grande, para onde vieram trabalhar também como empregadas domésticas. Destas, apenas A continua na atividade, pois a mais velha casou e parou de trabalhar e a outra formou-se auxiliar de enfermagem e trabalha em um hospital;

- A, 15 anos, proveniente do sertão paraibano, morava com a irmã há menos de um mês, em Campina Grande, quando conheceu a mãe de sua atual patroa, que a convidou para o trabalho. Seu relacionamento com a patroa é tipicamente conflitivo e isto nos atraiu à observação. Com a sua família de origem mantivemos dois contatos com a irmã que a trouxe para a cidade. Com a sua patroa, mantivemos também dois contatos: um que se passou em seu local de trabalho e outro em sua residência;

- J, 15 anos, proveniente de uma família grande, com sete irmãos, era uma das mais revoltadas com a designação profissional do trabalho doméstico. Bastante influenciada pelo consumismo urbano, demonstrava a realidade e o confronto entre as condições de vida na família e no trabalho. Mantém uma relação amistosa com seus patrões, embora tenha grande dependência emocional de sua família.

N, 18 anos. Encontramos na situação sócio-econômica da patroa um atrativo especial. De uma camada social privilegiada, gostaríamos de verificar o relacionamento com a empregada jovem proveniente de meio rural. Seus patrões vivem numa casa grande, confortável, de muitos cômodos e com mesa farta, seus filhos são bem estabelecidos profissionalmente e demonstram uma vida de conforto e facilidades. Enquanto que na família de origem vive em uma casa pequena, com dois quartos para seis pessoas; a terra em que trabalham não é sua e entre um serviço e outro seu pai exerce a profissão de pedreiro, além de ter na família outra jovem que trabalha na atividade de empregada doméstica na cidade do Rio de Janeiro;

- R, 17 anos e C, 13 anos são irmãs, e na sua família outras duas filhas também estão na atividade. Esta peculiaridade nos chamou atenção, sobretudo pelo motivo que seus pais condicionam sua permanência no trabalho: que elas continuem seus estudos;

- S, 18 anos. Sua história de vida acentua o envolvimento emocional que pode haver entre a empregada e a patroa.

- H, 17 anos. As condições de pobreza de sua família impõe-lhe que continue na atividade, em que está há um ano e meio. Desde então nunca pôde estudar, apesar

de reconhecer a sua influência para consecução de outro emprego melhor para a satisfação de suas necessidades,

- A, 12 anos. Por ser uma das mais jovens, achamos que seria importante conhecer não apenas a relação como estratégia de sobrevivência familiar, mas também as condições de trabalho que são oferecidas pelos seus patrões, bem como as suas perspectivas para o futuro;

- G, 18 anos. Há quatro anos na atividade, mesmo contra o desejo dos pais que preferiam que ela permanecesse junto à família e que prosseguisse em seus estudos. Busca no trabalho meios para casar-se. Suas condições materiais na família estão entre as informantes, nas melhores, ou seja, dispõe de mais bem materiais;

Consideramos que a amostra é bastante diversificada e que é, por isto, satisfatória do ponto de vista das informações obtidas. Nosso Diário de Campo consta de entrevistas e observações retiradas de nossas impressões sobre a realidade estudada, e estas nos auxiliarão durante todo trabalho.

### **2.3 Técnicas utilizadas.**

Para nossa pesquisa os dados oficiais aparecem como fonte coadjuvante, esclarecendo nossas limitações em função do recorte feito, das especificidades da região trabalhada e seu contexto ao tempo da realização do trabalho de campo. Como tal permite que se faça um trabalho comparativo com os dados disponíveis e,

diga-se de passagem, apenas próximos de nosso objeto, já que em relação à pesquisas específicas sobre trabalho doméstico de adolescentes não temos conhecimento de nenhuma publicação sobre o fato.

A utilização de um método qualitativo não se desvia do trabalho comparativo que se pode fazer com as informações estatísticas e com os relatórios oficiais, mas além disso possibilita ao pesquisador trabalhar por caminhos ilimitados na obtenção de dados ou informações, e que realizamos a partir das entrevistas feitas e de nossa própria observação 'in loco' das condições de vida e trabalho das adolescentes estudadas.

Neste caso, as nossas fontes de informações não se caracterizam pela vantagem do número, mas pela qualidade da diversificação entre elas e as suas comunicações. Realizamos entrevistas com 10 adolescentes que estão na atividade doméstica, 8 famílias de origem, (pais, mães, irmãos e parentes), e 9 famílias-empregadoras, o que pode não significar um número representativo da situação em nosso país, mas no contexto do estudo satisfaz plenamente a abrangência das características próprias do trabalho realizado pelas adolescentes.

As entrevistas abertas, tipo de estratégia qualitativa, faz com que o informante seja deixado à vontade para relatar livremente sobre os temas trazidos à oportunidade. Para isto, é necessário um certo dispêndio de tempo, pois em geral são conversas longas, embora os resultados sejam sempre admiráveis. Em nossa

experiência de campo as revelações surpreenderam-nos em virtude da aparência frágil de nossas informantes.

Como não elaboramos nenhum questionário para obtenção de dados correlatos tais como idade, número de filhos, fontes de renda, escolaridade, isto ficou a cargo de nossa abordagem inicial, uma espécie de 'quebra-gelo' em que ao mesmo tempo que envidávamos conversas descontraídas, já introduzíamos os nossos questionamentos.

Mesmo assim, elaboramos roteiros para cada tipo de informante, os quais giraram em torno dos seguintes assuntos:

- Com as adolescentes:

- Sua percepção da vida antes da experiência;
- Fatos que favoreceram a mudança;
- Como conheceu os patrões;
- Diferenças mais sentidas na transição Campo/cidade;
- Sua compreensão sobre o trabalho doméstico e sobre o emprego doméstico;
- As mudanças na sua vida em razão do trabalho;
- Sua sociabilização no espaço de origem e no ambiente de trabalho;
- As vantagens que o trabalho oferece.

- Com as famílias de origem:

- Situação de vida e trabalho no espaço de origem;

- Fatos determinantes para permissão do trabalho da filha, ou das filhas quando houver mais de uma na mesma atividade;
  - Relacionamento dos pais com os patrões;
  - Expectativas do trabalho da filha em relação à família;
  - Influência do novo estilo de vida da filha sobre a família.
- Com os patrões:
- Formas de conseguir uma empregada no meio rural;
  - Fator determinante da escolha;
  - Peculiaridades da relação de trabalho:
    - remuneração;
    - registro trabalhista e vantagens legais;
    - ensino e sociabilização;
    - vantagens pessoais conferidas à empregada;
    - vinculação emocional da empregada com as pessoas da casa;
    - condições de vida e trabalho para a empregada e seus familiares.

As entrevistas porém, registram um relato e uma situação isolada, posto que o lugar onde se dá o procedimento pode interferir, alterando a forma de exposição sobre certos acontecimentos. Daí, repetimos com os informantes, as mesmas questões em outras ocasiões, até que o processo de informação nos parecesse completo, ou seja, complementando-se lembranças, experiências e expectativas sobre os fatos do cotidiano.

Assim sendo, a história contada por cada pessoa, pôde ser complementada pela de outra, ou por outra história sua. Isto tornou-se ainda mais importante por analisarmos os fatos à luz das representações sociais, que é uma peculiaridade da comunicação entre os indivíduos, que mutuamente se influenciam.

Enfim, pudemos observar que a utilização de certos equipamentos podem atrair ou não a atenção dos informantes. A utilização do gravador nas entrevistas causou, em algumas pessoas, um receio e um acanhamento que só foi sublimado após longas e introdutórias explicações. Entre as jovens entrevistadas, todas mostraram reação inicial igual, em que o objeto é tomado como utilizável pelas pessoas importantes como autoridades políticas, artistas e pessoas que aparecem na televisão, o que fazia o nosso trabalho ser encarado com seriedade e respeito.

Não obstante, algumas pessoas sentiram-se constrangidas pelo registro de suas falas com erros e vícios, sobretudo pela possibilidade de serem reconhecidas pelas pessoas do seu convívio diário, como amigos e vizinhos, que poderiam lhe fazer críticas.

Também com relação a papéis, as reações se diversificaram. Nossa credencial fornecida pelo Curso de Mestrado em Sociologia da UFPB, conferia-nos a segurança de sermos atendidas na medida da responsabilidade do trabalho,



porém em relação às pessoas com as quais trabalhamos, tal credencial era mais explorada pelas patroas, e entre estas, com as de maior nível de instrução. Entre as famílias das adolescentes não foi preciso provar com tal documento a idoneidade de nosso trabalho, tendo sidos sempre recebidos e atendidos prontamente.

Já com relação ao roteiro de entrevistas, percebemos, após as primeiras entrevistas realizadas, que seria conveniente deixá-lo de lado, mas sem abandoná-lo, uma vez que este tomava a atenção dos entrevistados, que tinham a preocupação de responder perguntas e não se punham à vontade para falar livremente.

A utilização de máquina fotográfica foi bem aceita pelas famílias das jovens, posto que nossa estadia em suas casas nos deu sempre uma posição amistosa e descontraída. As meninas enquanto estavam junto à sua família aceitaram ser fotografadas, o que não ocorreu junto às suas patroas. Mesmo porque nessas casas, as patroas se recusaram peremptoriamente a serem fotografadas e não permitiram nenhum registro de suas residências. Ao sinal de tamanha discreção preferimos não insistir.

Finda a coleta de informações passamos a transcrição de depoimentos gravados (talvez a fase mais trabalhosa), na qual procedemos a reproduções integrais. Como nosso trabalho foi completamente manuscrito passamos a destacar com lápis coloridos os temas da seguinte forma:

vermelho - modo de contratação;

marrom - intermediação;

verde - exigências dos patrões;

azul - descrição da família e características do lugar de origem;

amarelo - os sonhos;

preto - a rejeição de ser empregada doméstica;

roxo - a figura da patroa;

rosa - escola e lazer.

Chamaria tal prática de classificação de temas, os quais foram explorados ao longo da análise no corpo do presente trabalho. Assim sendo, como todos os depoimentos foram encadernados, colamos na parte superior do volume 'orelhas' para destacar a localização pronta do depoimento de cada pessoa; na lateral 'orelhas' com o destaque dos temas; e na parte inferior, 'orelhas' com as designações: "bonecas" para as adolescentes, "pai"; "mãe"; nestes reunidos quaisquer figuras que se relacionassem à família empregadora.

Esse volume, consideramos nossa 'caixa-preta' porque nele contém não apenas entrevistas, depoimentos, ou anotações de campo, mas contém também todas as nossas percepções, e até os motes que serviram de inspiração no desenvolvimento dos capítulos, e que aparecem o tempo todo, e em qualquer lugar.

## **CAPÍTULO III**

**Bonecas e Vassouras: a realidade de vida e  
trabalho das meninas domésticas.**

Neste capítulo estão expostas as situações de vida e trabalho das meninas objeto de nosso estudo, a partir dos discursos de nossos informantes. Inicialmente trazemos cinco entrevistas integrais, as quais compõem dois dos casos estudados, escolhidos como exemplos da realidade que envolve a situação de trabalho tanto em relação às famílias de origem das meninas, quanto a elas próprias e até mesmo às famílias-empregadoras. Em seguida agrupamos os demais depoimentos colhidos, por temas, como resultado de nossa investigação.

Nosso propósito é oferecer um panorama ampliado de nossa pesquisa. Os depoimentos “falam” por si, e as conclusões a que eles nos remetem são a prova da importância de nosso trabalho.

No quadro abaixo relacionamos os casos aos informantes, figurando não apenas as meninas, mas também os patrões e seus pais.

### Caracterização dos informantes

Seqüência de histórias	Informante Principal	Escolaridade	Função / Tempo na atividade	Número de Empregos	Depoimentos dos Pais	Depoimentos dos Patrões	Nº Pessoas na Família-empregadora
Caso 1	A, 12 anos	1º. (1º. grau)	Babá 08 meses	01	Avó, 64 anos Aposentada	Patroa Professora	05
Caso 2	B, 13 anos	6º. (1º. grau)	ajudante Faz-tudo 05 meses	01	mãe. 48 anos Comércio agrícola	Patrão e Patroa Func. Públicos	04
Caso 3	C, 15 anos	4º. (1º. grau)	Faz-Tudo 02 anos	02		Patroa Func. Pública	04
Caso 4	D, 15 anos	2º. (1º. grau)	Faz-Tudo 02 anos	02	mãe Agricultora	Patroa Dona de casa	04
Caso 5	E, 16 anos	6º. (1º. grau)	Faz-Tudo 05 anos	02		Patroa Prof. Liberal	04
Caso 6	F, 17 anos	5º. (1º. grau)	Faz-Tudo 05 anos	03	mãe Agricultora	Patroa Aposentada	01
Caso 7	G, 17 anos	3º. (1º. grau)	Faz-Tudo 1,6 ano	02	mãe Dona de casa	desempregada no curso deste trabalho	-
Caso 8	H, 18 anos	3º. (1º. grau)	Faz-Tudo 04 anos	03	mãe Dona de casa	Patroa Dona de casa	02
Caso 9	I, 18 anos	4º. (1º. grau)	Faz-Tudo 05 anos	03		Patroa Prof. Liberal	04
Caso 10	J, 18 anos	1º. (1º. grau)	Faz-Tudo 02 anos	03	mãe Dona de casa	Patroa Professora	04

Fonte: Trabalho de campo.

\* estudante ativa.

**3.1.****Caso 1**

A entrevista foi marcada para o sábado, pois seria um dia favorável, já que a menina poderia deixar o bebê com a patroa e conversar à vontade.

O local da entrevista foi o quintal da casa da patroa. Aliás, quase uma floresta de tão grande. A casa fica em pleno centro da cidade, e ninguém acredita que possa haver ali zona de tantas árvores, patos e até peixes.

#

Ela é uma menina franzina, mas bastante ativa, demonstra ter boa saúde e muita força para sua idade, fala sem olhar nos olhos - o que a princípio foi difícil pra mim -, mas com o decorrer da conversa percebi que tem muita inteligência e realmente me surpreendi com o nível de seu raciocínio.

Ela fala de coisas complicadas com a simplicidade de seu cotidiano.

#

*Meu nome é A, tenho 12 anos, 08 irmãos, sendo 06 mulheres e 02 homens, tinha mais um que morreu. Eu morei com minha avó desde pequena, porque meu pai ficou desempregado e não tinha condições de criar a gente. Aí minha vó levou eu e minha irmã pra criar. Eu sou*

*a mais nova. Essa minha irmã foi prá Brasília e arrumou trabalho lá, aí nunca mais ela veio.*

\* Você tá trabalhando há quanto tempo nesta casa?

*Vai completar um ano.*

\* Como você conheceu essa família?

*Porque eles têm uma propriedade lá perto de onde eu morava com minha vó. Minha vó sempre fazia serviço prá ela, na casa dela, aí ela ficou precisando de uma pessoa prá pegar no menino novo que nasceu e me chamou. Eu gostei muito porque quase toda semana eu vou prá lá, é bem pertinho.*

\* O que você faz?

*Eu cuido do pequenininho, ele é bem novinho, tá com 08 meses, eu tô com ele desde que nasceu. Eu me lembro quando ele nasceu era bem vermelhinho. Eu achava tão diferente, porque eu sou nêga e ele é branco. Ele me conhece. Quando tá chorando basta eu dizer 'vem prá mamãe' que ele pára de chorar. Ele é mesmo que ser meu irmão. Eu gosto de tudinho, mas com ele eu tô direto, aí... Também é menino novo... Lá tem mais duas meninas, elas já tão grande, uma é da minha idade, a mais velha, e a outra tem 10.*

\* E como você convive com essas garotas de sua idade?

*A gente é mesmo que ser irmã. Quando a mãe delas vai comprar as coisas ela compra prá nós três, como exemplo, no natal ela*

*comprou uma sandália bem bonita prá nós três: a minha era branca, a da mais velha era cinza, azul, e a da mais nova era róseo. Ela disse que o ano que vem vai me matricular na escola, porque eu queria ir prá o colégio com as meninas. Elas têm umas amigas tão bacana. A tia delas é bem bacana, ela ensina a fazer coisas, no grupo que eu estudava só aprendia aquelas coisa...sem graça.*

\* Você não acha que se for estudar o seu bebê não vai ficar sozinho?

*(pensa bastante) É, mais a mãe dele cuida dele enquanto eu tiver estudando.*

\* Você estudou até que série?

*Eu fiz a 1ª. e vou prá 2ª.*

\* Ela trabalha fora?

*Trabalha, mas só trabalha de tarde.*

\* Então na hora que ela tá em casa quem cuida dele é ela?

*É. É assim, ela dá banho de manhã e dá mamadeira. Aí eu fico com ele. Aí eu dou comida a ele o dia todo, brinco com ele, boto ele prá dormir e...*

\* Mas tem outras empregadas na casa?

*Tem uma menina que arruma e faz a comida. As roupas é lavada na máquina. Eu lavo as roupinha do menino e ela dá o ferro, porque eu sempre tive medo de ferro desde que uma mulher lá no sítio morreu de um choque que levou no ferro de engomar.*



\* Mas, e se ela não tiver em casa prá passar ferro, como é que você faz?

(pensa) *Eu espero ela chegar.*

\* Você acha que faz parte dessa família, e a sua avó?

*Eles têm muita consideração por mim, mas eu não sou família deles. A minha vó quem me criou. Agora, eu acho que eles são melhor prá mim do que na casa do meu pai.*

\* Então se você fosse escolher...

*Eu preferia ficar com eles.*

\* Mas o que eles têm que sua mãe não tem?

*Sei lá. Eu nunca morei com minha mãe, minha mãe mesmo, então eu sempre achei que minha vó era que era minha mãe, meu pai eu só vejo quando ele vem. E com eles eu já tô bem um ano, então eles estão mais perto de mim. Quando eu tô doente é com ela que eu choro, quando eu tava com um besouro dentro do ouvido, ela quase endoideceu de tanto que eu gritava, aí ela levou eu de carro prá Campina e nós passamo a noite na Clipsi.*

\* Aonde vocês estavam quando isso aconteceu?

*Foi no São João e a gente foi prá Lagoa Seca, lá é tão bom no inverno, tem muito milho, tem buchada, eles ligam o som bem alto e vêm os amigos deles beber. Aí o menino era bem novinho e eu tava*

*com ele quando o bicho entrou no meu ouvido (ri). Eu não sei como eu não matei o pobrezinho. Eu fiquei doidinha.*

\* E que bicho foi esse?

*O médico falou que era uma abelhinha.*

\* Mulherzinha, será que tem mel na tua cabeça?

*(rimos bastante)*

\* Quanto você ganha?

*Eu?*

\* É.

*Eu ganho \$10 por semana.*

\* Você acha que é bom?

*É. Lá eu tenho tudo. Esse dinheiro eu dou a minha vó prá juntar, ela comprou um porco.*

\* Então você não gasta com nada?

*Não. Eu não gosto muito de dinheiro não. Eu gosto deles, é por isso que eu vim prá casa deles.*

\* E você vai ficar com eles até quando?

*(pensa bastante) Eu não sei, porque a casa é deles, eles é que vão dizer se eu fico ou se volto prá casa da minha vó.*

\* Você não acha que é muito nova prá trabalhar?

*Toda vida eu trabalhei. Minha vó tinha uns lerão de coentro que foi eu e ela quem plantou. Eu sempre vendia, e aqui o que eu faço é*

*muito mais maneiro, é diferente, quase não é trabalho. Só é porque aqui eu tenho que obedecer e lá eu fazia sem precisar ninguém dizer.*

\* Mas tem outra coisa que é diferente: você gosta mais de ficar trancada em casa ou de ficar no roçado, ao ar livre, no meio do mato?

*É muito diferente, aqui eu não posso sair, só saio com eles, porque é muito perigoso, a pessoa tá na rua direto. Ainda mais que eu não conheço nada aqui.*

\* Você disse que trabalhar é ter que obedecer? Como é isso?

*Então, a pessoa tá na casa dos outros, eles mandam a pessoa fazer uma coisa, como exemplo, eu tenho medo de ferro, como eu lhe disse, mas se ela disser que é prá eu engomar a roupa, eu vou ter que obedecer, porque se não ela manda eu embora e arruma outra.*

\* Mas e se ela manda você fazer uma coisa que você acha que não é certo?

*Virgem. E o que ela vai mandar, eu roubar?*

*(rimos bastante, finalmente ela olhou dentro do olho).*

\* Não, é que a gente tava falando de obediência...

*Mas eu só obedeço o que é certo.*

\* E o que é o certo?

*Virgem. O certo que eu digo são as coisas da casa, do serviço, a hora do menino comer, a hora dele dormir.*

\* Quem dorme com ele, você ou ela?

*Não, ele dorme com ela, mas se ele chorar eu me acordo. Como exemplo, ele tava com dor, aí passou a noite chorando. Eu passei a noite do lado dela. Ela mandava eu dormir mas cadê...eu com pena do bichinho.*

\* Aonde você dorme?

*Na cama (responde com desaforo).*

\* Não. Eu quero saber se você tem um quarto só prá você, uma cama sua?

*Virgem. Eu durmo no quarto das meninas (ri, ela havia entendido minha pergunta).*

\* E a outra empregada?

*Ela não dorme aqui não. Ela tem uma menina, aí ela vai prá casa depois que a patroa chega do trabalho.*

\* Você se acha uma garota esperta?

*Não. Eu não sei não.*

\* Você acha que as meninas que nascem no sítio são diferentes das que nascem na cidade?

*Mas eu nasci na cidade.*

\* Não. Eu pergunto das meninas que você conhece lá no sítio e as daqui, as meninas da sua idade.

*Eu sei. Olhe, todo mundo é diferente. Eu sou muito diferente dos meus irmãos, e até da minha irmã que se criou mais eu. Eu conheço*

*poucas meninas aqui, mas eu acho que não tem nada a ver as pessoas serem diferentes porque nasceram aqui ou acolá, elas são diferentes porque são. Bicho também não é assim? E eles nas nascem no sítio? Tanto faz um bezerro nascer em Campina ou em Lagoa Seca, ele vai ser o que ele é.*

\* Mas você tá comparando gente com bicho.

*Eu não (parece que eu a confundi). Eu só tô dando um exemplo.*

\* Sim. Então me diga só prá encerrar. Você se considera uma trabalhadora do Brasil?

*Eu acho que sim. Ser babá é bom. Ser babá é mesmo que ser trabalhadora.*

\* A tua irmã tá trabalhando lá em Brasília?

*É. Ela trabalha na casa de um pessoal que meu pai conheceu. Eles são daqui mas já tão lá há muito tempo.*

\* Então é empregada doméstica?

*É.*

\* E você sabe se ela gosta?

*Gosta, se não ela já tinha saído.*

\* Você sabe quanto ela ganha?

*Sei não, mas ela ganha mais do que eu. Ela comprou um som.*

\* Quanto anos ela tem?

*15, ela é mais velha do que eu.*

\* E ela tem carteira assinada?

*Não sei.*

\* Você acha que quem trabalha com carteira assinada tem mais direito?

*Eu não sei.*

\* Você acha que sendo trabalhadora tem direito?

*Se eu tenho direito?*

\* É!

*Eu acho que sim. Agora eu não entendo muito disso não. Eu acho que eu sou bem tratada e isso é um direito que eu tenho.*

\* O que você sonha pro seu futuro?

*Eu penso muitas coisas.*

\* O quê por exemplo?

*Eu só penso coisa boa. Mas eu não quero explicar, porque eu tenho vergonha.*

\* Mas você tem vergonha do quê? Todo mundo sonha!

*É, mas eu não quero falar.*

(Realmente, eu acho que tomei o rumo errado da conversa, ela desconversou daí por diante e não quis mais gravar).

Ela me falou que sempre foi bem tratada, que na casa da avó sempre comeu bem, que lá tinha boa vida, mas que sempre quis trabalhar.

Contou que a escola é muito pequena, a merenda é boa, mas só ensina até a 3ª. série, por isso as crianças que só vão para escola beirando os 10 anos, como ela. Seus pais e irmãos estão em Brasília, ela não tem muita vontade de ir. Não se percebe mágoa pela distância da família, ela parece que se adapta com muita facilidade às situações novas. Talvez se eu tivesse insistido mais ela tivesse contado mais de sua vida. O gravador não intimidou, foi o tom da conversa.

### **Avó - Caso 1**

Dona L, avó de A, tem 74 anos de idade, é viúva, mora numa pequena casa, uma espécie de sítio grande que sedia diversas famílias próximas umas das outras. Tem escola, mercearia, lavanderia comunitária, luz elétrica.

É uma senhora simples mas com uma grande capacidade de entender o que se diz a ela. Às vezes parecia antecipar o que eu ia falar.

#

\* Dona L, porque a senhora pegou as meninas prá criar?

*Eu criei 15 filhos e nenhum morreu, eu casei tudinho e ainda vou casar essa daí. Nunca tive medo de enfrentar a vida, porque também fui criada com dificuldade, é por isso que eu sempre ensinei tudinho a saber que a vida não é de brincadeira, que tem que trabalhar logo cedo prá não aprender que a vida é fácil.*

*Quando o pai dela ficou desempregado, porque a firma que ele trabalhava fechou e o dono foi morar em Recife, ele tinha que cuidar da familia e precisava da minha ajuda. Era esse jeito que eu tinha prá ajudar, porque eu sou velha, aposentada com RS100, e só tenho esse cantinho prá viver, mais eu não podia dá. O patrão pagou o que ele tinha direito e com esse dinheiro ele foi com 02 rapazinhos que tem, prá São Paulo. Lá os meninos arrumaram trabalho porque foram estudar no SENAI e ele como não tinha leitura ficou desempregado. Ai um filho meu que já vive em Brasília há mais de vinte anos, arrumou prá ele ser vigia lá numa firma.*

*Graças a Deus hoje tá tudo bom.*

*Eu já tinha muita pena das meninas porque elas eram as mais novinhas, e prá sair assim no meio do mundo. Ai eu disse que deixasse as meninas comigo. Menino eu não queria porque quando vai ficando homem não respeita ninguém, e as meninas eu sabia com criar. Ai elas nunca me deram trabalho, assim, deram sim porque elas eram muito fraquinhas, ainda hoje é assim, diz-se que a outra não se dá com a segura de lá, e essa daí só vive tomando fortificante, porque se adoecer, vem prá casa e a mulher arranja outra.*

*\* Você acha...?*



*Então se a menina ficar com uma gripe não vai passar pro menino? E se ela ficar com febre a mulher vai querer cuidar de dois? Assim é melhor não facilitar.*

**\* A senhora sempre trabalhou na roça ou já teve outra atividade?**

*A pessoa que tem essa lida (trabalho na roça) faz tanta coisa que dizer que só trabalhou na roça é injustiça. Desde que eu me entendo de gente eu vivo nessa vida, plantando, colhendo, vendendo na feira, vendendo nas portas e tudo que aparecer eu faço, eu enfrento tudo.*

*Na casa desse povo que A tá agora, eu sempre ajudava, porque é pertinho daqui, e eles sempre tão por aqui. Aí eu ajudava, mas se fosse prá eu deixar a minha casa, aí eu não ia não. Mas, eles iam e viam. Aí quando ela ia descansar e não tinha ninguém prá cuidar do menino, porque ela é assim que nem eu, não pára não, aí não tá acostumada com esses serviço pequeno.*

*Aí a menina foi prá lá porque gosta das meninas dela e ajudava a pegar no menino. Ela dava umas coisinha, dava roupa, aí eu deixei ela ir prá Campina, ficar com eles, quando eles vão prá lá, mas eu fico tranqüila porque eles estão sempre por aqui, que é também prá eu não ficar só, eu sei lá...*

**\* Como vocês acertaram o trabalho da menina?**

*Primeiro porque a menina ganha as coisa, ela disse que vai botar a menina numa escola boa; tá calçada, tá vestida e tá com barriga*

*cheia, e tá na casa de um povo de confiança. O que ela paga à menina eu compro coisa boa que serve prá ela mesma, eu compro porco, galinha, prá cevar, e também prá me entreter.*

\* Quanto ela está pagando a menina?

*§ 60*

\* Por mês?

*Não. Toda semana a menina recebe § 16.*

\* Ela tem folga?

*Ela vem prá casa com eles, aí eu vou prá lá prá ajudar (nos fins de semana) ou então a menina vem e fica em casa comigo. Mas parece que ela tá gostando das coisas que tem lá, a televisão é a cores, o banho aqui é de cuia, a comida também é de pobre, e lá, não, tem iogurte, doce, bolacha... essas coisas...*

\* A sua outra neta foi prá Brasília, a senhora já pensou que ela pode ir prá lá também?

*Eu tô tranqüila, ela vai prá onde quiser, mas ela não vai prá lá não, porque aqui ela tá muito bem, esse povo dá tudo a ela, não falta nada, e ela não me deixa de jeito nenhum.*

*Olhe, tem um jeito que eu aprendi com a minha mãe: a gente não cria os filhos apregado na saia, a gente cria eles debaixo dos olhos da gente, mas ensinando a andar sozinho porque se a gente deixa os filhos viver muito apregado na gente, um dia a gente morre e deixa*

*eles inutilizados. A irmã dela foi atrás do pai porque elas lá tão trabalhando. Aqui ela tá trabalhando. Não tá desgarrada não. Estão ficando moça e moça não pode viver sozinha no mundo. Todo mundo trata dela como se fosse de uma filha mesmo.*

\* A senhora teria deixado ela ir se fosse prá casa de alguém que a senhora não conhecesse?

*Eu não sei, mas eu acho que não, porque a gente não tava procurando, foi uma precisão deles que a menina foi ajudar, eu sempre ajudei eles lá prá ganhar umas besteira. Ela comprava uma pomada, me dava S 5. E a menina também, foi do mesmo jeito, ninguém foi lá pedir trabalho não, porque aqui tem trabalho prá nós duas e o que eu ganho junto com o que eu faço, dá demais prá gente como pobre.*

*Agora quando a família tá com necessidade, aí deixa ir prá casa de qualquer um, porque aí não tem que escolher serviço não, tem que ir lutar, não é cruzar os braços.*

\* A senhora acha que isso é bom prá o futuro da sua neta?

*Todo trabalho é bom, só quem não presta é que não gosta de trabalhar. O futuro a Deus pertence, e com fé em Nossa Senhora o futuro dela tá reservado.*

#

Apesar da conversa ter sido curta, pude perceber com que pulso criou a menina e a moldou para o trabalho. Talvez por isso ela tenha um pouco de medo de olhar nos olhos.

Não considero que tenha sido uma entrevista ruim, eu diria árida.

## PATROA - Caso 1

Dona Z é patroa de A desde que seu bebê nasceu. Nossa conversa se passou na sua granja de fim de semana. Lugar agradável com muito passarinho cantando, este é o hobbe de seu marido, que não quis participar da conversa, embora tenha sido muito receptivo ao trabalho. Suas filhas pouco se interessavam pela minha presença, apenas o bebê estava presente na ocasião.

**Ela contou:**

#

*A gente conheceu a menina e a avó dela aqui mesmo, porque elas moram ali em baixo e sempre que eu estava por aqui eu ia lá pedir que ela viesse me ajudar em alguma coisa que sempre a gente vê por fazer.*

\* Mas como foi que a menina começou trabalhando na sua casa, o que ela fazia exatamente?

*Esse povo daqui tem sempre muito boa vontade de ajudar, estão sempre por aqui mesmo, basta ouvir o carro chegando, chega menino de todo lado prá tirar as coisas do carro, prá pedir prá fazer isso ou aquilo... é assim.*

\* Mas , e ela?...

*Bom, ela era assim, como um cachorrinho que aonde a avó ia ela ia atrás, aí toda vez que eu ia chamar a avó dela eu já trazia alguma coisa prá agradar a ela. Isso prá ela era mesmo que ouro, ela chega vinha com os olhos brilhando, se dissesse prá ela lavar os pratos, era mesmo que lhe fazer homenagem... é porque ela sabia que sempre que eu mando fazer algumas coisa eu pago.*

*Ela vivia pedindo prá ir lá prá casa mas eu nunca levei a sério. Foi tempo que meu bebê nasceu e já não tava dando prá ficar o tempo todo no quarto. Aí eu experimentei uma semana, porque eu pensava que ela ia se desentender com as meninas, ou então ia sentir falta da mãe, mas ela cuidou direito das coisas que eu botei ela prá fazer, arrumava tudo muito direito, aí pronto... foi ficando...*

\* Mas vocês combinaram isso com avó dela, de que se desse certo vocês ficariam com ela, e a avó aceitou? O que vocês acertaram?

*Ela aceitou porque ela conhece a gente e sabe que é muito bom prá menina dela viver com a gente, porque veja bem, é uma menina que praticamente foi abandonada pela mãe. Pergunte a ela se ela se lembra quando foi que viu a mãe. Então com as minhas meninas é mesmo que ela ter as irmãs dela.*

\* E vocês acham isso também?

*... aquilo é uma pobre...*

\* Vocês adotaram ela então?

*É, mais ou menos.*

\* O que ela faz na sua casa? Ela tem obrigações ou não?

*Lá em casa todo mundo tem o que fazer, de uma forma ou de outra, até a minha filha pequena já ajuda; e ela olha o bebê, cuida das coisinhas dele e ajuda a fazer alguma coisa na cozinha quando ele tá dormindo.*

\* E ela tem tempo prá estudar?

*Ela não quer estudar em qualquer escola não, ela só quer ir se for com as minhas meninas... É barra, porque as meninas estão em colégio particular e eu não posso pagar prá ela também. Eu vou falar com a avó dela prá matricular ela no colégio que tem lá perto mesmo, porque essa menina não pode ficar sem estudar, prá depois não virem dizendo que a culpa é nossa. Ah, isso não!*

\* Você nunca pensou que ela é pequena demais prá saber cuidar de um bebê?

*De jeito nenhum, esses meninos do sítio não são os da cidade não. Esse povo aprende logo cedo a cuidar da casa,*

*cuidar de doente e de criança também, além disso eu estou super acostumada a lidar com eles, eu sei o terreno que estou pisando.*

*\* Mas senhora, ela é uma menina?*

*E o que é que tem, ela gosta do que faz, pergunta se ela que ir prá casa dela? (manda chamar - eu acho que peguei pesado demais).*

*\* Você acha que esse dinheiro que dá a ela é muito importante prá duas? O que você acha que elas fazem com o que ela ganha?*

*Mas isso não tenha dúvidas. Veja bem, a avó dela ganha RS 100, qualquer dinheiro que entrar além disso é sagrado. Eu sei que depois que ela está aqui nunca mais passou necessidade, nenhuma das duas.*

*Olhe, quando ela foi lá prá casa, eu disse prá ela ir buscar suas calcinhas prá lavar, ela só tinha dois calções que eu não pensei que fosse dela de jeito nenhum. Não tinha muita roupa não. Às vezes você não sabia se era menino ou menina porque vestia qualquer roupa que desse prá ela, aí já viu, né? Calça d menino, cueca velha, camiseta furada, essas coisas.*

*Na minha casa ela usa creme pros cabelos, xampu, sabonete e tem roupa à vontade, porque as que não cabem mais nas meninas, eu vou dar mesmo, só não tinha separado ainda,*



*mas prá ficar na cidade é diferente de está no sítio e de qualquer jeito.*

\* Então você acha que a vida dela mudou prá melhor?

*Foi.*

\* Mas se ela adoecer, o que vocês farão?

*Já levei ela pro médico duas vezes, o mês que vem vou levar ela pro dentista, porque eu acho que ela vai me dá trabalho já, já. Eu tô lhe dizendo, o tratamento aqui é 100%.*

\* E até onde vai a responsabilidade de vocês com ela?

*Eu achou que vai até onde eu puder, tudo que a gente faz é combinado com a avó dela, o que a gente não pode fazer entrega prá avó. É assim.*

\* E o futuro, o que vocês pensam prá ela?

*Nunca pensei nisso não, mas por mim ela fica com a gente o tempo que ela quiser. Eu estou acostumada com ela e o menino já conhece até o jeito dela andar.*

\* Você tem outras empregadas em casa, como elas se relacionam com a menina?

*É tão engraçado, as velhas ficam querendo mandar nela como se fossem a mãe dela ou então como se fosse sua chefe, aí eu boto logo no lugar, aqui quem manda sou eu, porque eu não quero ninguém fazendo raiva a bichinha não. Essa pobre é*

*pequena demais, se todo mundo começar a querer mandar nela, daqui a pouco ela não faz mais o serviço dela.*

\* Então você protege bem ela?

*Eu acho que sim.*

\* E com a avó dela, como vocês se relacionam?

*Tão bem, ela é uma amiga, uma espécie de comadre da gente. É tudo como se fosse da família.*

\* Você deixaria uma de suas meninas na casa de Dona L. prá ela fazer o mesmo papel que vocês fazem com a neta dela?

*(pensou muito). É diferente, é muito diferente, mas se as meninas ficarem de férias e quiserem passar uns dias aqui eu deixo sem problemas.*

Agradei, apreciei os pássaros, assistimos a um filme na televisão e só.

O comportamento da turma foi normalíssimo.

### **3.2.**

#### **Caso 5: a menina**

A entrevista foi marcada para 13:00h. Cheguei à hora marcada e a patroa se arrumava para ir para o trabalho, foi ela quem me recebeu, mandou sentar e conversou um pouco sobre seu trabalho, seus filhos e seu marido. Têm três filhos, sendo um menino com 13 anos, uma filha

com 11 anos e um garoto com 7 anos. Atualmente moram na casa a mãe, os filhos e a empregada.

A casa tem jardim, três quartos, e um quintal grande. Pareceu-me relativamente confortável.

#

E, 16 anos, atualmente cursa a 6<sup>a</sup>. série do primeiro grau no turno da noite num colégio estadual próximo de onde mora e trabalha. Ganha R\$100,00 mensais, mas não tem carteira profissional assinada. É o segundo trabalho como empregada doméstica.

À primeira vista pareceu-me tímida, mas logo percebi que não, pois fez questão de procurar o melhor local da casa para gravar a entrevista. Escolheu o quarto da patroa. Sentei-me no banquinho e ela no meio da cama. As crianças foram proibidas pela mãe de interromper a entrevista. Contou-me:

*Morava com meus pais e mais cinco irmãos, sendo um homem e quatro mulheres. Eu sou encostada à mais nova. Meus pais ainda vivem no sítio. Nunca gostei muito de ir prá roça, mas desde pequenos meus irmão iam prá roça com meu pai e minha mãe também.*

*Eu e mais minha irmã caçula, que é mais nova do que eu hum ano, ficava em casa para fazer o almoço e cuidar dos bichos que meu pai sempre criou. Era bode, galinha e porco.*

*A propriedade é herança; a casa é pequena, só tem a sala, a cozinha e dois quartos, a gente dormia em rede - você sabe que todo mundo que mora no sítio dorme em rede - lá em casa só tem a cama da minha mãe, mas é bem fraquinha, é colchão de palha. Toda vez que era perto das festas (final de ano) a gente vinha prá Campina com mãe - eu e minhas irmãs - porque a gente só comprava roupa no fim do ano. Quando nós viemos prá Campina, mãe levou a gente prá passear na casa de uma prima dela e lá conhecemos uma amiga dela (da prima) que ia ganhar nenê e pediu a minha mãe prá minha irmã ficar com ela um mês quando o menino nascesse. Minha mãe é muito zelosa e no começo não queria, mas quando conheceu o marido dela, ele pediu muito e aí ela deixou. Minha irmã, mais velha do que eu, veio e não quis mais voltar.*

*Depois, essa minha irmã perguntou se eu queria trabalhar em Campina. Foi a mesma coisa, mãe não queria deixar mas acabou que eu vim com minha irmã. Nessa casa que ela arrumou prá eu trabalhar tinha duas filhas, a mais mocinha era mais assim... e a outra era melhor. Mãe veio me vê e perguntou*

*se eu queria ir com ela, mas eu fiquei e não quis mais voltar com ela.*

*Eu sempre soube 'andar na rua'. Só achei diferente ter que morar na casa dos outros, sabendo que tudo é dos outros e que tem que cuidar muito bem das coisas prá não fazer mal feito, mas eu prefiro muito mais, porque eu ia acabar tendo de ir prá roça, e eu não gosto. Não gosto nem de imaginar, no escuro, na seca e sozinha, somente com meus irmãos e mãe. Pai é muito ignorante, não fala muito.*

*Nessa casa que eu fui trabalhar não deu certo, porque as meninas eram cheias de gosto e a mãe não ia deixar de dá razão as dela prá dá a dos outros.*

*Nesse mesmo tempo, minha irmã foi numa festa com a patroa dela e lá conheceu esta minha patroa, que perguntou se ela não sabia de ninguém prá ajudar ela. Aí minha irmã disse: tem minha irmão que não está se dando na casa onde ela está. No outro dia minha irmã telefonou e disse que queria que eu fosse lá onde ela morava (trabalhava) e quando me disse que tinha 'menino' eu fiquei meio 'assim', mas quando eu vi - o pequeno - achei ele muito bonito e pedi prá ficar. A menina é boa se souber 'levar ela', só o mais velho que está ficando adolescente é mais ignorante.*

*Ainda sexta-feira foi uma briga daquelas de eu mais ele. Quando Dona S. chegou ele foi contar trancado no quarto, e ela me chamou e disse prá nós dois que isso era muito feio, que eu não devo 'me trocar' com um menino, essas coisas..., mas não deu razão nem a mim e nem a ele. Nós brigamos mas depois... é como irmão.*

*A gente é como irmão, eu sou a segunda pessoa da dona da casa. Nesta casa, faço matrícula, vou matricular o menorzinho numa escola maior porque ele já está crescendo; faço feira; compro passes; roupas prá os meninos; boto cortina, plano no jardim...*

*Eu só vivo aqui porque sou bem tratada, não sou escrava. O que eu ganho mesmo eu mando prá mãe, porque a mulher me dá de tudo. Só deixo de dar dinheiro a mãe quando quero mesmo comprar uma coisa para mim. Ela vem toda semana, às vezes até duas vezes por semana, quando está na casa da minha irmã. Meu pai só vem às vezes. Minhas irmãs já estão todas morando em Campina.*

*Hoje em dia prá se ter uma pessoa assim é muito caro, ninguém quer ganhar menos de um salário. Mas vale, porque se a pessoa for de confiança e gostar de menino - criança -, tudo fica na maior segurança.*

*Se eu tivesse lá, tava como minhas conhecidas, umas casadas, cheias de menino e outras 'perdidas', ou então lá em São Paulo ou no Rio.*

*Aqui eu progredi muito, eu não quero ser 'as coisas' achando que sou melhor, esquecendo quem eu sou, mas Dona S me dá apoio prá estudar e eu quero fazer Direito.*

*Quando cheguei aqui nesta casa já ia prá quarta série, mas lá na escola a diretora disse que eu era muito atrasada e me voltou prá 3<sup>a</sup>. série, como os meninos tinham professor de reforço eu progredi muito porque sou muito interessada.*

*Lá em casa eu sempre fui 'mais assim' de conversar, de escutar, de prestar atenção, ainda hoje é assim. Mãe só diz que é prá eu não me intrometer nas conversas dos outros, prá ter cuidado com companhia que não presta e prá namorar direitinho prá não decepcionar. Agora estou sem namorado, mas Dona S. não se importa.*

*Já vai fazer quatro anos que eu saí de lá, acho que aquela vida eu não quero mais nunca. Agora sou grande e aprendi muitas coisas, só quero estudar porque não quero casar agora. A minha irmã deixou de trabalhar na casa da mulher que eu disse e casou, mas é muito pobre, não tem condições; 'ligou'*

*agora porque já ia com quatro filhos e as coisas estão muito difíceis.*

*Se eu sofresse nesta casa, se fosse um povo violento, eu ia arrumar trabalho noutra canto. Talvez até agora eu já arrumasse numa loja, porque tenho roupa boa e podia me apresentar, porque falar isso eu sei bem, sempre fui de conversar com as pessoas. Só fico com vergonha quando é alguém assim, doutora que sabe muito, mas se for prá conversar uma coisa que eu sei, não tenho vergonha não. Por isso vá me desculpando, porque esse gravador... chega, a minha mão está fria.*



## Patroa do Caso 5

A patroa de E. concordou em conversar no final de semana, liguei durante a semana e continuamos. Eu concordei com a idéia, posto que a empregada não estaria em casa e poderíamos igualmente conversar sem reservas.

A conversa com ela foi muito particular. Deveria ser também com a patroa.

Foi no domingo à tarde; apesar do entra e sai das crianças, a conversa passou-se na cozinha recém reformada e muito aconchegante. Ela escolheu o que considera o melhor lugar da casa. Para mim muito bom. É muito bonita, é cinza e azul.

#

\* Tem gente que não gosta de ter em casa empregada adulta. A respeito disso o que você pensa?

*Quando eu conheci essa menina ela já morava em Campina, ela já tinha trabalhado noutra casa e eu já tive outra menina que veio do sítio.*

*Eu nunca gostei de menina muito novinha não, porque eu acho que elas não sabem fazer as coisas e dá muito trabalho. Eu sempre preferi mais adulta. Eu acho que quando elas também nunca trabalharam numa casa, enquanto mais a pessoa ensina mais tem que ensinar, porque elas não sabem fazer nada. Ainda mais quando é a primeira vez que a pessoa sai do sítio...*

*Agora quando a pessoa já trabalhou, já tem experiência, aí até que é boazinha, porque a gente pensa, sempre pensa que o povo do sítio é de mais confiança.*

*Agora tanto faz ser do sítio ou da cidade, , quando presta, presta, isso é de cada pessoa, não tem a ver com morar em sítio ou não.*

*Eu toda vida trabalhei e sempre deixei a casa e os meninos com empregada. Eu acho muito ruim. Se eu não precisasse trabalhar eu não queria empregada de jeito nenhum, porque cada pessoa que passa pela casa tem um costume de cada uma delas. Aí lá vem, muda e*

*muda tudo, ensino tudo, digo como é, e os meninos têm que se acostumar. Também é um povo que não sabe economizar nada, não tá nem ligando prá isso, porque não é ela quem compra, aí não tá nem aí.*

*Eu mesma se não tivesse menino não queria nenhuma.*

\* Você acha que ter uma empregada é um luxo ou uma necessidade?

*Necessidade, né? Agora inventaram isso de ter que ter alguém prá ajudar, mas no tempo da mãe da gente, quem fazia tudo? A minha mãe nunca precisou de ninguém dentro de casa. A menos que seja uma madame rica que não goste de sua casa é que entrega tudo na mão dos outros.*

\* Das meninas que passaram pela sua casa, o que você acha que é igual uma da outra?

*Cada uma faz uma coisa que a outra não faz, é sempre assim. Quando uma é bem carinhosa com os meninos, é desmantelada com a casa, ou então quando é limpa demais mas reclama demais com eles.*

\* Normalmente, como é que você encontra uma empregada prá trabalhar na sua casa?

*Às vezes a gente procura por informação de gente conhecida. Ai a gente não vai pegar qualquer uma. É assim, a gente diz: Ô mulher, eu tô precisando tanto de uma pessoa prá ficar lá em casa, ai a outra diz: ah, eu sei, eu conheço uma pessoa que dá certinho prá ficar com você, aí pronto...*

\* E prá se aproximar dela, como se faz?

*Geralmente ela é que vem, depois disso, conversar, ou já prá começar a trabalhar, as que vieram aqui prá casa, vieram elas mesmas. Mas é uma situação muito ruim, porque é prá ensinar tudo de novo. E tem umas que não sabe fazer nada. Eu mesma acho muito ruim.*

\* Mas basta ela chegar na sua casa e já começa a trabalhar, sem ninguém dar informações sobre a pessoa?

*Não, ela vem porque uma pessoa conhecida manda.*

\* Então não tem essa de fazer contrato, combinar salário, essas coisas de emprego...?

*Não, elas já se dão por feliz de ganhar... Agora, com essa eu perguntei se ela queria assinar a carteira, ela é que disse que não quer, que não quer ser doméstica, não vai sujar a Carteira. Por mim eu tinha assinado há muito tempo, ela é que não quis.*

\* Mas como é que faz tanto tempo que ela está aqui, se ela não gosta dessa profissão...?

*Ela acha que é humilhante o trabalho de doméstica. Eu acho que não é, que é um trabalho como outro qualquer. Agora, que aqui nenhuma que passou aqui a gente trata como empregada não. A gente tem como se fosse uma pessoa da casa.*

\* Mas qual é a diferença?

*Uma empregada a pessoa não dá muita liberdade, certas confianças, mas aqui não, é mesmo que ser igual aos meninos, é da intimidade mesmo, deita no sofá, telefona a hora que quer, prá quem quiser, eu não tomo nem conhecimento.*

\* Mas todas elas tinham esse mesmo preconceito com a profissão?

*Olhe, eu acho que como essa é a que demorou mais tempo, foi a única que eu quis assinar a Carteira, as outras eu não sei o que elas pensam a respeito disso...*

\* Mas nenhuma voltou depois prá reclamar algo que por ventura tenha deixado de receber?

*Até agora não. Eu nunca tive problemas com nenhuma delas não.*

\* Que tipo de problema é mais comum se ter com empregadas?

*Problema como, dentro de casa?*

\* Sim!?

*Dentro de casa, eu sempre reclamo porque ela pensa que é dona da casa mesmo. Eu chego, boto uma coisa ali, por exemplo, ela tira e não quer nem saber. Ela arruma a casa nos modelos dela, ou então ela guarda as coisas e depois a gente precisa e ela não sabe aonde botou, é um esquecimento que morre e não se lembra.*

\* E coisas de valor, também desaparecem?

*Não, ela é menina de confiança.*

\* Você não acha engraçado a pessoa chegar prá morar na casa de um desconhecido, tão <sup>novinha</sup> novilha?

*Eu acho que prá quem chega é muito ruim, agora o pior é que ela se acostumou muito mais aqui em casa, que não se acostuma mais na casa dela. Ela vai prá casa, mas quando é no domingo de noite ela vem. Vem porque a casa é muito pequena, ela acha muito ruim, e aqui ela tem tudo (nessa hora há muito barulho de muitas pessoas falando ao mesmo tempo: crianças, algo é dito que não se compreende), ela tem coisa que lá, ela não usa: ela tem xampu, sabonete, perfume, roupa boa... tudo que ela usa e que na casa dela ela não tem, tem o quarto dela com televisor e tudo...*

\* Como é que você paga a ela?

*Eu pago por semana, mas tem gente que só paga por mês.*

\* E as folgas?

*Ela vai todo fim de semana prá casa, não quer nem saber se eu vou viajar nem nada, só é arrumando os troço e indo embora, só que ela não agüenta muito e no outro dia volta. Mas não quer saber se pode ou não ir.*

\* Quando a empregada dorme no trabalho, desconta-se alguma coisa do salário dela?

*Eu não, mas tem gente que desconta alimentação e tudo que dá.*

\* E os meninos, convivem bem com ela ou não?

*Pergunte a eles aí... (a menina responde). Eu acho ruim ter uma pessoa gritando e mandando secar a louça, forrar a cama. Eu acho muito ruim, porque são as coisas que era prá ela fazer, porque ela ganha prá trabalhar... mas antes eu brigava muito com ela e agora ela briga mais com meu irmão.*

\* E o colégio dela, quem paga é você ou ela?

*Não, ela estuda no estadual. Mas o material é todo meu, do sabonete ao lápis.*

*Eu acho que ela não tem do que reclamar da sorte, eu achou que toda casa não é assim não. Aqui ela tem tudo.*

\* Você acha que ela tá satisfeita ou ela pensa em ter outra profissão?

*De mudar de vida ela tem demais, ela é revoltadíssima por ser pobre, por ser empregada doméstica. Ela tem ódio de lavar prato.*

\* Ela sempre recebe visita em sua casa?

*Aqui é direto, cheio de amigas. Outro dia eu mudei o sofá, tava novinho. Pois eu cheguei e encontrei a irmã dela deitada no sofá, olhe, ela realmente manda na casa. Mas também é uma coisa que eu não posso controlar porque como é que eu vou fazer se também preciso trabalhar.*

(O garoto menor entra chorando com um arranhão no joelho e a conversa é interrompida. Já era quase seis horas e como era domingo a patroa faria o jantar e prepararia as crianças para a semana, achei que era hora da retirada. Ela serviu um jantar gostoso: bolo de banana e guaraná, e eu parti.)



### 3.3 A vida na cidade: o sonho e a realidade.

As contradições entre sonho e realidade são um instrumento importante para a compreensão do modo como as empregadas adolescentes vivenciam o processo de mudança que o trabalho na cidade produz em suas vidas. A todo momento, em seus depoimentos, as meninas apresentam seus sonhos como referencial para a realidade em que vivem. Ao mesmo tempo em que a realidade faz com que elas tenham que reelaborar estes sonhos.

Não são apenas as meninas que sonham, que têm expectativas sobre o mundo e sobre a vida. Na infância e na adolescência, porém, a capacidade de sonhar está potencializada. Por este motivo, não é estranho que, em seus discursos, os sonhos sejam referidos quando desejam explicar os motivos que as levaram a deixar a casa de seus pais.

O trabalho na cidade, em oposição ao trabalho no campo, ocupa grande parte destes sonhos. A cidade é vista como o lugar onde poderão melhorar suas condições de vida. E aqui elas não se diferenciam muito dos adultos e mencionam constantemente o fato de que seus parentes e amigos partem em direção ao Sudeste do país, como forma de escapar da miséria e do desemprego. Assim como os adultos sonham com o emprego no Rio de Janeiro e em São Paulo, as meninas acreditam que na cidade poderão tornar reais suas expectativas.

O contato com as futuras patroas ou com meninas que já trabalham como domésticas na cidade contribui para fortalecer suas esperanças. Elas ficam positivamente impressionadas com aquele "mundo novo" tão diferente de sua realidade na zona rural.

É o que se depreende destes depoimentos.

\* Você tem algum sonho?

*Tenho. É porque eu vou estudar, aí eu acho que vou realizar meus sonhos. Eu não tenho muita certeza. Eu sei que tudo depende do meu estudo. Eu adora estudar.*

\*Quais as maiores diferenças dessa casa prá tua?

*Tem várias. A primeira é que minha casa é no sítio, aí num tem muito dessas coisas, esses remodelo assim, não é de laje, é mais diferente em tudo. Não tem energia.*

\* E o que você achou de sair do sítio?

*Eu acho muito bom aqui. Eu gosto muito mais da cidade do que do sítio, porque aonde eu moro é muito longe. Até a escola aqui é mais perto. Lá a gente tem que sair de casa às 11:00h, e chega lá 12:30h. Aí era muito ruim, e aqui é tudo bem perto.*

(Caso 2 - menina)

A saída das filhas, de casa para o trabalho, significa a possibilidade de um futuro melhor. Isto tranquiliza a mãe.

*Olhe, eu fico muito tranqüila, porque elas tão na casa de um povo muito bom, são tudo irmã, sogra, e as meninas estão*

*sempre vendo a outra, não precisa eu tá lá direto, sabendo se elas estão bem.*

*Eu tinha tanta pena, a mais velha já tava nascendo os peito e continuava nessa lida, eu não queria ela nessa vida, que eu sabia que ela não queria isso.*

*Aí apareceu prá ela ir prá Remígio com uma amiga dela, aí o pai dela não queria deixar, mas eu disse assim: Oh homem, essa menina vai prá lá estudar e ajudar na casa da mulher, e o que ela fizer a gente sabe porque não é tão longe assim prá gente tirar os olhos dela. Aí ele foi prá'li, que ele quando tá aperreado corre pro meio da roça, aí começou a pensar, mas aí ele resolveu que deixava, e ela foi.*

\* O que é que você acha que as meninas vão ser no futuro?

*Deus é que sabe. Eu e o pai delas, mesmo, só quer o melhor prá elas.*

\* E o que você preferia prá elas? Casar, se formar, trabalhar noutra lugar?

*Eu sei que tudinho gosta de estudar, eu penso que elas tudo vão ser doutora. Tem esse pequeno que só quer ser astronauta quando crescer. Eu não sei de onde esses meninos aprendem essas coisas, os meninos do meu tempo queriam ser fazendeiro, vaqueiro, no muito queriam ser padre, agora os*

*meninos querem ir pro espaço, é uma estória de disco voador.*

*Eu não sei não meu Deus, esses filhos da gente...*

\* Então você vai apoiá-los para ser doutoras e prá ser astronauta?

(ri) *Demais até.*

Já a patroa, mesmo parecendo satisfeita, impõe a sua conveniência.

*O lado ruim eu não sei porque tudo que eu ensino ela aprende logo, não tem vício, é uma companhia prá minhas filhas e prá mim... eu não sei não, também eu não esquento muito não, eu só fico com ela enquanto der certo, senão ela volta prá casa dela.*

(patroa)

No caso 3 as expectativas esbarram na dificuldade de se adaptar às exigências da patroa. A realidade da vida no lar/trabalho causam um sentimento de inferioridade e desesperança.

*Na casa a pessoa mais exigente é a mulher, o marido dela não, mas ela, além de exigir demais ainda gosta de humilhar, ela gosta de pegar mesmo no pé da pessoa, quando tem gente em casa, mas se você visse quando não tem ninguém, me trata na palma da mão, parece até que eu sou igual às filhas, mas basta vê gente, muda na hora.*

*Eu quase não me adaptei às pessoas, mas em relação às coisas da casa eu procuro aprender, mas se for muito difícil prá mim aprender eu deixo prá lá. A coisa mais difícil prá mim foi aprender ligar o ventilador, e o som eu só ouço quando tem gente em casa. Quando eu acho muito difícil eu deixo prá lá...*

*A mulher é muito chata, ela já me fez chorar três vezes depois que eu estou aqui. Se chega uma visita ela já me trata com quatro pedras na mão. Se por exemplo ela chegasse aqui agora e visse nós conversando ela já vinha de cara feia, mas se ela soubesse que é gente... assim... da universidade... aí ela não ia ficar de cara feia não, mas ia começar a reclamar se visse que não está muito arrumado. Mas eu faço de tudo prá fazer, às vezes eu faço tudo de uma vez, sabendo que...*

*Eu não sei dizer se eu gosto ou não, se é de futuro ou não, mas a pessoa que tem uma vida pobre não tem muito o que escolher, ainda mais que eu não gosto de pedir nada a ninguém.*

A patroa impõe limites ao comportamento da menina exigindo que ela aja como uma pessoa adulta.

*... ela ainda tem muito o que aprender na vida se quiser viver na casa dos outros. Essa menina não tem estilo, come por compulsão, fruta aqui não demora na fruteira, biscoito então*

*Quando ela inventou que queria voltar a estudar eu nem liguei, porque sabia que era mais uma desculpa prá sair de casa de noite junto com as outras moças que trabalham aqui pela rua. Eu detesto pensar que elas ficam contando o que vê dentro de casa.*

\* Você já teve empregada adulta?

*Adulta como? Ela já é uma moça, ela não é adulta?*

\* Quantos anos tem a sua filha mais velha?

*Tem 12 anos, mas nem se compara uma menina que nunca viveu longe da família com uma que trabalha fora. A pessoa que trabalha envelhece, toma responsabilidade muito cedo.*

\* Você está satisfeita com ela?

*Ninguém é perfeito, eu acho que prá mim tá bom.*

(Caso 3 - patroa)

Os sonhos de criança incluem coisas bastante simples.

*Quando eu vim prá cá eu tinha uns 13 anos. A primeira vez que eu vim prá Campina foi prá casa de meu tio. Eu não conhecia Campina, mas eu tinha uma*

vontade tão louca de morar na rua, que toda vez eu falava: ah, quando eu tiver grande vou morar na rua.

Porque na roça é diferente do que na rua, a gente não sabe porquê.

Ai meu Deus... eu sonhava demais antes de vir prá casa do meu tio.

Quando minha prima me disse prá eu vir prá casa desse meu tio, eu pensei assim: eu quero ir prá lá ficar gorda, bonita, não sei que... ganhar meu dinheiro, mostrar prá todo mundo que eu tô rica e bonita, a minha besteira era essa... e foi assim. Quando eu voltei a primeira vez, todo mundo dizia: ai como você tá gorda e tá bonita, e isso me fez gostar mais e querer ficar.

Sim, mas, quando eu cheguei aqui em Campina era bom e ruim aos mesmo tempo. Eu achava bom porque tava ganhando, tava comprando minhas coisas aí... mas quando começava a dar uma saudade aí era... (ri). Eu gostava das novidades da rua, eu só sei que quando comecei a andar na rua eu nem sabia nem andar, mas... só isso. Ah, mas quando ela falava vamos prá rua hoje, aí eu achava tão bom... como por exemplo,

*ela falava hoje que amanhã a gente vai prá rua aí de noite eu nem dormia, só pensando em sair, mas agora eu já tô acostumada, nem ligo mais. Nossa, eu tinha medo. Ah, eu era uma matutinha, né? Mas agora não, eu já tô mais vivida na rua, tô mais... sabida... um pouco.*

*Agora da casa eu não sei nem dizer... eu gostava mesmo era de assistir televisão, porque no tempo que eu morava em casa não tinha televisão, agora tem televisão por todo canto né? Eu gostava mais de assistir televisão, de rádio... essas coisas...*

*Ai meu Deus, quando eu vim prá casa desse meu tio, eu nem menstruava ainda, eu nem sabia o que era. Eu era tão bobinha que prá mim a melhor coisa do mundo era tomar banho de chuveiro.*

*A comida nem se compara. Eu como o mesmo tanto, mas é diferente. Porque lá... assim... no café da manhã não tem pão, né? Lá não se usa padaria; lá se quiser, a manteiga é mole porque não tem geladeira prá botar porque não é todo mundo que tem, né? E também ninguém come carne todo dia, porque não tem prá*



*vender, se quiser comer come de outra qualidade, carne fresca só tem em final de semana. A gente bota água na cabeça.*

*Que nem aquilo que eu já disse, quando cheguei aqui a coisa que eu mais gostei era o chuveiro, passava duas horas debaixo. Minha tia batendo na porta: vai gastar a água todinha! E eu achando bom.*

*Xampu, desodorante, essas coisas lá em casa era muito difícil, eu lavava os cabelos com sabonete, mas meu cabelo era igual aqui (o tamanho grande) .*

(Caso 4 - menina)

Os sonhos dessa mãe, em relação à filha, são bastante específicos.

*Olhe, é assim: eu acho que é longe, e eu não gosto dela longe de mim. Ela vive assim mas eu não gosto (muito triste).*

\* E o que você acha da sua filha tá na casa de um desconhecido?

*Eu acho que não tem nem muito o que dizer. É precisão. Eu fico com o coração na mão prá não acontecer nada com ela, mas... Ela quando diz que tá*

*bem, eu fico mais contente, ela tá ganhando dinheiro dela também. Mas eu ainda queria mesmo ter meus filhos todos em casa. Porque ela é a única assim...*

\* Esse trabalho (que sua filha faz) prá você, é um emprego mesmo ou é apenas uma saída, ou uma ajuda? Como é que você vê essa forma de sobreviver, de se preparar para o futuro?

*Bom, eu penso que é só mesmo prá sobreviver, minha filha, isso não tem nada a ver com o futuro. Tem não. Eu penso assim, prá mim, que é sem futuro. Tanto assim que se as outras quiser ir eu não deixo não.*

\* Então você acha que o futuro dessas meninas que estão em casa é melhor?

*Isso Deus é que sabe, eu sei que a vida é melhor quando a gente pode dá conta dos filhos, quando eles crescem com a gente, e até quando a gente sofre junto.*

\* Só mais uma pergunta. O que você acha que seria bom para o futuro da sua menina?

*Rapaz, eu sei lá. Prá o futuro eu ainda acho que se ela arrumasse um rapaz e se casasse, era o certo de toda moça. Pelo menos a casa dela ela ia ter. Porque vivendo*

*só de empregada, muitas delas nem casa, pode ter o que tiver vive abandonada, jogada. Isso me dá uma tristeza. Ela foi noiva de um rapaz importante, mas não quis.*

\* Importante como?

*Era um rapaz que tinha as coisas, que podia dá uma vida boa prá ela.*

\* E se ela arrumar um lá em Campina?

*Se ela escolher, e se ele não deixar ela abandonada depois, eu achava bom.*

(Caso 4 - mãe da menina)

A vida na cidade, porém, traz experiências que favorecem a reelaboração dos sonhos da menina.

\* E o que você imaginava que fosse ser aqui?

*Eu pensava que era só assim... prá ficar assim... com o povo, não sabia que trabalhar a responsabilidade era tão grande. Eu imaginava ficar só olhando a casa, e sem ninguém prá exigir. Eu não me importava o tipo de casa, eu queria vim.*

\* Do que você sente saudade de casa?

*Olhe, dos meus amigos, lá, que eu tenho. Eu fico aqui e pronto, o tempo todo nessa casa, na luta. Lá eu vou prá novenas, meu pai leva pro baile, prá dançar...*

\* O que você pensa pro futuro?

*Eu penso, é o meu sonho, é me formar.*

\* Desse trabalho você espera o quê?

*Eu não sei, espero que eu me saia bem aqui, porque o meu objetivo é garantir meus estudos, que é o que eu quero mesmo. Mas eu gosto deles.*

(Caso 6 - menina)

Também a patroa fala sobre o que espera do trabalho que a menina faz.

*Olhe, ela é uma menina tão boa que muito antes eu tivesse conhecido, eu tava com minha saúde melhor, esse serviço da casa, muito tempo mata um.*

(Caso 6 - patroa)

O caso 7 mostra outro aspecto da vida no lar/trabalho.

*Eu já vivia pensando que os problemas dela era meu também. Ela devia, eu perdia o sono pensando.*

*Olhe, era bom viver num lugar calmo, mas eu me envolvia nos problemas deles.*

(Caso 7 - menina)

A situação de vida da família, neste caso, impõe à menina um amadurecimento precoce.

*Ah, se a senhora soubesse nem queria falar. Olhe, fome, doença, aperreio com marido, tudo isso eu já passei. Primeiro porque depois que o pai de meu marido morreu, a mãe dele se casou de novo, aí a gente teve que sair da terra, aí se pelo menos meu marido soubesse lê ele tinha ido pro Rio ou prá São Paulo, todo mundo não vai? Aí ele pegou de beber e se viciou. Pronto, não arruma mais trabalho porque só vive bebo, e arrumou uma fraqueza que nem todo serviço ele pega mais.*

\* E esses meninos, você planeja alguma coisa prá o futuro deles?

*Deus é que sabe.*

\* Mas você nem sequer deseja que eles tenham um tipo de profissão?

*Profissão?*

\* É, qual profissão você queria que eles tivessem?

(Demora muito prá dá a resposta, pensa olhando através da janela, não sei bem prá onde, não dá prá vê).

*Eu acho tão bonito ser motorista daqueles ônibus que vão prá São Paulo.*

\* E as meninas poderiam ser motoristas também?

(Ri) *Mas isso é coisa de homem. Tá certo que tem mulher que dirige carro, mas ônibus eu nunca vi. Isso não é coisa de mulher. E mulher que se atreve a fazer essas coisa só é prá levar pau da vida, porque a gente vê falar de tanta coisa...*

*Eu sempre quis trabalhar, quando eu era solteira, eu pensava assim, trabalhar em casa de família mesmo, ou num banco na feira, ter um banco na feira, agora essas coisas de matar bicho, dirigir carro. Ah, isso é coisa de homem e acabou. (Pela primeira vez senti ênfase no que dizia).*

(Caso 7 - mãe da menina)

É possível que com a reelaboração dos sonhos a menina volte a querer viver no seu lugar de origem.

*Eu tenho vários sonhos. O Rio eu tenho certeza que vou conhecer. Eu não sonho muito porque a queda pode ser um pouco perigosa, mas planejo um monte de coisa. Eu não quero saber se esse Rio é doce... mas não quero ir a trabalho, só passear.*

*O casamento vai, com certeza, mudar minha vida.*

*Lá é bom, se tivesse emprego, trabalho, prá gente sobreviver lá, eu não queria sair do meu lugar, porque eu adoro. Eu gosto do sítio, se tivesse um meio de sobrevivência eu não vinha prá cá.*

*No sítio tem muita coisa, só que é diferente... a gente vem prá cá aí vê a diferença depois. A vida de lá é mais solta. Aqui a gente trabalha, tudinho, aí fica um pouco presa, né? Não sai quase, se sai na rua, sai assustada, com medo. De noite a gente num sai. Eu, por exemplo, num sai daqui porque... sozinha, né?... não dá prá mim sair. Aqui tem coisa boa (pensa bastante): as festas,... as diversões... as festas.*

Caso 8 -menina)

Após uma convivência de anos com a empregada, a patroa também reelabora seu posicionamento frente à relação.

*Tratá-las com amizade não significa que seus papéis não estejam definidos, embora aposte que não seja essencial esse definição de papéis. Que o importante é a ajuda mútua de ambas as partes.*

(Caso 8 - patroa)

A convivência muito próxima entre patrões e empregada pode produzir laços afetivos que correspondam à aquisição de uma nova família para a menina.

*Eu fazia os serviços da casa como se fosse minha. Eu trabalhava sozinha, ninguém mandava, não. Mas eu gostava mesmo daquele lugar. Quando eu saí de lá eu chorei tanto, eu não gosto nem de falar que já vai me dando vontade de chorar. (e realmente ela passou a chorar).* (Caso 9 - menina)

*Não gosto de morar no sítio, desde pequena via as pessoas na TV falarem em morar em apartamento e*



*ficava curiosa para saber como é morar em apartamento (embora ainda não tenha morado em nenhum. Sua curiosidade era sobre a altura das moradas.)*

\* Você vê essa mulher como se fosse sua mãe?

*Ave Maria, demais. Eu penso em me casa mas quando eu penso em deixar ela eu fico prá morrer. Um dia desses ela perguntou o que era que eu ia fazer quando me casasse, eu comecei a chorar de manhã até oito horas da noite, sem parar, quase até eu dava um troço. Eu prá chorar... ave Maria. Até ela acabou chorando também, quando o marido dela chegou aí foi que eu chorei, ele ficou com pena, aí eles disseram que eu esperasse um pouco, que eu sou muito nova, posso esperar mais um ano, prá casar.*

\* E com sua família, vocês se dão bem?

*Eu me dou com todo mundo, meus irmãos, meu pai, a minha mãe. Tudinho.*

\* E aqui é melhor em quê?

*É porque aqui é como se eu fosse daqui, eu não me sinto longe de casa se eu tiver aqui. É como se eu pudesse ter duas famílias.*

\* E porque é melhor está com esta família do que com a outra?

*Eu me acostumei mais com os costumes daqui. Os estilo da casa são melhor, lá até a arrumação da casa é diferente, as comidas são diferentes, aqui a gente vai fazer a feira no supermercado, eu acho tão bom, com aquelas coisas que tem lá, parece que brilha. E lá não, tem que matar as galinhas, se a pessoa quiser comer um doce tem que fazer, aqui não, já tem tudo pronto. Eu sei fazer mas não é igual.*

\* Mas e lá não tem nada que seja bom?

*Tem, tem muita coisa boa, mas eu sempre quis viver foi aqui...*

*(Caso 10 - menina)*

A satisfação dos sonhos das empregadas adolescentes inclui elementos materiais e afetivos. Os primeiros atendem às necessidades básicas de sua sobrevivência, e os segundos servem de incentivo à realização pessoal delas. Do ponto de vista negocial a relação de emprego é sempre uma situação de conveniência para os patrões. Cessando o interesse, sobre o trabalho da empregada elas acabam perdendo a família que consideram ter ganhado.

Em geral, as meninas oferecem um serviço que não compra uma posição perene na família-empregadora. Os pais tendem a transferir para os patrões a responsabilidade sobre o futuro das meninas. Os patrões, por sua vez, tendem a ignorar a necessidade desse tipo de assistência e passam a serem tidos, pelas empregadas, como injustos.

Quando a relação entre patrões e empregada se dá como uma espécie de tutoria, o aspecto mercantil do emprego desaparece. Mas, a realidade mostra que investir os patrões desse tipo de proteção nem sempre é um papel que eles querem desempenhar.

### **3.4 A contratação**

Os depoimentos das meninas nos permitem identificar três elementos importantes em suas relações de trabalho: o modo como meninas e patroas se conhecem; a forma como os pais autorizam ou concordam que suas filhas trabalhem como domésticas; e os tipos de acordos financeiros e de tarefas.

Os mediadores freqüentemente desempenham um papel importante na contratação das meninas pelas patroas da cidade. Estes mediadores ou intermediários podem ser uma pessoa da família (irmã que já trabalha como doméstica), uma amiga da menina ou da patroa, ou alguém que conhece seus pais

e sabem de sua "situação". Normalmente, eles atuam como uma "carta de referência", informando sobre comportamentos e habilidades.

Os depoimentos abaixo são testemunhos dessa forma peculiar de contratação.

*Minha irmã arrumou prá eu ir prá essa mulher que eu tô, a irmã de onde estou hoje, aí ela tava precisando mais e eu vim pra'qui.*

\* Quer dizer que tá tudo entre família. Eles são parentes de vocês?

*Não, não é não. Era uma menina, uma moça que trabalhava na casa da mulher que estou com ela, a irmã dela, aí ela se casou e aí ela arrumou prá minha irmã mais velha, e foi por isso que depois a gente veio.*

\* E o pai de vocês, como foi que ele deixou?

*Não, meu pai não se importa que a gente venha trabalhar, ele não gosta que a gente fique assim... só prá ficar aqui... mas prá trabalhar ele não se importa não.*

\* Quer dizer que não foi difícil vocês virem?

*Não. Foi só a gente pedir e pronto.*

(Caso 6 - menina)

Consultados, os pais estipulam condições para o emprego da menina.

\* Então o senhor foi pedir ao pai das meninas prá ele deixar elas virem para sua casa?

*Mas não foi assim de uma vez não, porque a irmã de minha esposa já tinha uma das meninas e foi essa menina quem disse que a irmão queria vir também. Quando ela já tava aqui com mamãe é que minha esposa, conversou com a minha cunhada e pediu emprestado a empregada dela, mas aí a mulher não quis vir e a empregada de minha cunhada disse que a irmã dela queria, aí como a menina já tava lá eu fui buscar, ela ficou uns dias lá em casa prá depois a gente ir lá falar com o pai delas. (a esposa interfere e conta:*

*Quando a gente chegou lá foi uma festa, eles estão muito satisfeitos, mas eu me lembro bem que o pai delas, chamam ele de Negão. Aí Negão chegou prá mim e disse, disse sério que as meninas precisavam estudar, e que só ficavam com a gente sob esta condição. Eu pensei, pelo tom dele falar, que fosse outra coisa, mas*

*isso até me surpreendeu porque eu mesmo já tinha falado disso com elas e já tinha esclarecido...*

\* Mas vocês achavam que ele ia exigir o quê?

*Eu sei lá (ri), mas eu pensei que era dinheiro prá uma sociedade (rimos todos).*

(patrões)

Este modo direto de contratação dá aos pais mais segurança para se afastar das filhas.

*O marido dela conversou com meu marido e disse que se a menina não ficasse lá ele apostava que não, que ela na casa dele ia ter tudo que uma filha tem. Aí ainda hoje ela tá lá.*

\* Então vocês estão satisfeitos com esse trabalho das meninas?

*Eu tô, porque, olhe minha filha, esse povo é tão bom, não falta nada prá bichinha, e ainda é melhor do que tá na feira, faça chuva ou faça sol quem tá na feira*

*não pode arredar o pé, e lá não, é tudo de barriguinha cheia, na escola, e nos cantinhos delas.*

(Dona T., mãe de C. e R.)

Já a forma de contratação do caso 3 se dá indiretamente, nela aparece a figura de terceira pessoa como intermediadora.

*Eu conheci minha patroa porque a mãe dela mora perto da minha irmã, e foi assim: a minha irmã falou pra mãe dela que eu estava precisando de trabalhar, aí a mãe dela disse que ela (a patroa) estava precisando de uma pessoa, aí a mulher veio, foi lá na casa onde eu estava, conversou comigo, perguntou se eu queria vir trabalhar, aí eu disse que estava a fim de trabalhar, né? Aí ela disse, então pronto! Quando eu vim pra cá ela disse que pagava o salário e dependendo da pessoa ela dava um agrado por fora, mas dependendo da pessoa. Aí eu vim como se fosse um teste, e até hoje está dando tudo bem... E ela nunca faltou... assim... de me pagar, eu sempre estou com meu dinheiro na mão.*

(Caso 3 - menina)

A patroa se sente à vontade para testar as habilidades da empregada.

*Ela já é uma moça, tem 15 anos, é meio matuta mas parece que já trabalhou noutra casa, ela faz as coisas direitinho e tá bom. Eu sei que é preciso sempre estar por perto prá não passar os pés pelas mãos mas tá bom.*

(Caso 3 - patroa)

As aptidões exigidas para o trabalho podem variar de caso para caso, podendo ser até mesmo a inexperiência da menina.

*Foi assim: minha prima chegou e disse assim: mamãe tá precisando de uma pessoa prá ficar com ela e você dá certim, que você é novinha e... sabe? não tem namorado... essas coisas. Aí eu peguei e fui prá lá, aí eu passei esse tempão com ela, aí depois ela mandou eu sair, disse que não tava podendo... aí... nem sei... aquelas estórias num sabe? Aí foi aí que a filha dela pegou e me apresentou a esta outra mulher, e perguntou se ela não queria uma menina, aí eu peguei e vim pra'qui.*



(Caso 4 - menina)

Convencer os pais é uma tarefa em que se usa argumentos simples.

*Normalmente, como é que a pessoa chega aqui prá convencer vocês a deixar a sua filha sair de casa?*

*Porque chegar aí você ajeitando, falando que vai ganhar um trocadinho prá comprar as coisinhas prá ela, que a gente não pode dá, e assim ela convence a gente que ela deve mesmo ir*

(Caso 4 - mãe)

*Manter, com a família das garotas, uma boa relação de amizade, dá mais facilidade de trazê-las para o trabalho; uma relação com essas pessoas sempre amistosa e informal, é que convence primeiro a menina e depois seus pais.*

(Caso 4 - patroa)

\* E a atual patroa, quem apresentou?

*Aí foi o filho dela com a cunhada dele quem me trouxe pra'qui. Aqui vai fazer dois meses.*

\* Quais são as suas tarefas aqui?

*Eu faço as coisas, faço tudo.*

*(...) só continuei a trabalhar, por causa que ela (a patroa) disse que se eu quisesse vim pra'qui eu podia estudar, aí eu vim.*

\* E como foi prá tu, sair de casa?

*Eu pedi pros dois, eu nem pedi direito, eu disse que queria sair, tava com vontade de sair da escola, ele disse assim: minha filha, faça isso não; ele pediu muito prá eu não fazer, mas eu tava tão agoniada que disse: deixa, pai!. Continuei pedindo, continuei pedindo até que ele deixou.*

\* Demorou quanto tempo tu pedindo?

*Mais ou menos um mês, eu pedindo todo dia.*

(Caso 6 - menina)

\* Foi você quem arrumou essa menina prá ajudar sua esposa?

*Não, foi minha esposa, mas eu fui falar com o pai das meninas, porque já são três que estão com a gente, aí vez ou outra eu converso com ele.*

*A esposa interrompe: Eu acho que a gente agora é quase da mesma família, porque primeiro foi na casa da minha irmã, depois a outra veio pra'qui e agora tem outra lá em casa. É bom, tá tudo em casa, a gente resolve tudo numa boa, quando a daqui não pode fazer uma coisa a irmã vem ajudar, ou a daqui que é mais velha do que a 'minha' vai prá lá ou vai resolver uma coisa prá mim, é assim...*

(Caso 6 - patrões)

"Trazer" as meninas não significa obrigá-las a deixar suas famílias, mas sim convencê-las por propostas superestimadas.

*Eu desde pequena que era doida prá vim prá rua, e meu pai nunca deixou, aí eu vim com essa mulher que a mãe dela é de lá. Ela trouxe eu prá trabalhar, acertou que me pagava, mas o preço dela só foi mesmo a injustiça.*

\* Mas se era tão ruim, por que você continuava lá?

*Não. Olhe, lá não era ruim, era melhor que lá em casa, eu detesto, porque meu pai bebe, eu sou a mais velha, minha mãe só é escondendo os meninos prá meu pai num dá neles. Então, qual era a minha? Arrumar um jeito de me livrar daquilo, e o jeito foi eu vir me embora. Aí eu achava que essa mulher era uma mãe prá mim, porque ela sempre ajudava mãe, ajudava eu, me ensinava as coisa...*

(Caso 7 - menina)

\* Como foi, ela levou sua filha prá trabalhar na casa dela?

*Foi.*

\* E vocês acertaram sobre o pagamento, a folga, essas coisas?

*A menina acerto com ela, porque ela já trabalhou numa casa e a mulher não pagou ela.*

\* Mas por que a mulher não pagou?

*Ela mandou minha filha embora e disse que não ia poder dá nada a ela. Mas ela deu muita coisa quando*

*ela tava lá na casa dela. Eu mesmo não tenho queixa não.*

(Caso 7 - mãe da menina)

*Eu já conhecia ela. A minha irmã combinou tudo com ela. O combinado foi prá ela vim me pagar porque eu tava sem emprego e tava a fim de arrumar um emprego, aí ela foi... (eu insisto, pergunto... aí acertaram? Ela não responde, continua contando). É que a nora dela vinha pra'qui no sábado e ela tava só... aí ela foi me pegar (sempre que insisti na questão 'combinado' ela fugiu ao assunto. Pergunto: quer dizer que é todo mundo conhecido?)*

(Caso 8 - menina)

*Foi assim: a prima dela que já trabalhava em João Pessoa, aí ela trabalhava na casa da irmã do prefeito. Ai o pai do prefeito veio aqui. Ele tava precisando de uma pessoa, uma empregada. Ele sabia que ela tava precisando, que a amiga dela foi quem disse a ele, aí ele levou.*

\* E ele falou com quem?

*Falou com meu marido e falou comigo, mas ela só agüentou um mês, só ficou um mês.*

\* E com esta patroa, como foi?

*Não foi muito diferente não. Já tava programado, porque a minha outra filha já tinha falado com ela, mas essa já era conhecida, ela é aqui do lado. Eu já fui na casa dela. Aí eu não me preocupei muito dela ir prá casa dela não. Achei melhor, a outra irmã já tinha ficado lá quando eu me internei em Campina, e ela já trabalhava na casa da filha da patroa, aí já era mesmo de casa. Gosto muito dela.*

\* Então antes dela ser a patroa de N, vocês já eram amigas?

*É.*

\* Ela lhe ajuda?

*Se ela me dá alguma coisa?*

\* Sim?

*Não. Agora a filha dela sim, minha outra filha ficou lá muito tempo, aí ela já lutava mais a gente... assim... aí ela... num sabe? Mas ela é muito boa, ela faz*

*tudo pela menina, eu tô muito satisfeita. Eu acho muito bom.*

(Caso 8, mãe)

Acertar tarefas é tão complicado quanto acertar salários.

\* Como é que normalmente você acerta os detalhes do emprego?

*Não, nem sempre eles combinam não. Eles só dizem que estão precisando, que a pessoa vá logo, mas eles passam muito tempo depois disso prá falar em pagar alguma coisa prá gente. Teve essa casa, que eles não pagavam nada mas era bom. Agora teve uma que ela disse que ia pagar um dinheiro, ela pagou, quando eu entrei lá eu ganhava muito bem, ganhava muito presente. Além do dinheiro ela me dava roupa, muita roupa; toda vez que ela ia numa loja, ela trazia uma roupa prá mim. Eu ia prá casa de 15 em 15 dias, mas toda vez eu ia com uma roupa diferente, uma roupa nova que ela tinha me dado.*

*Mas quando entrou o real (a moeda) aí o dinheiro caiu tanto que ela não queria me pagar mais não. Falou*

*que não tava podendo, que ia mandar eu embora. Eu me lembro que nesse tempo ela ficou me dando \$ 7, por semana, e tinha semana que ela só me dava o dinheiro da passagem. Eu fiquei só prá ajudar ela...*

(Caso 10 - menina)

\* E como foi o primeiro trabalho?

*Não, foi assim: eu fui prá casa de um primo meu. Lá eu passei um bocado de tempo, sabe? Aí eu peguei e fiquei lá uns 06 meses, e ele não pagava a mim, não. Eu não ia nem em casa. Eu só morava lá mesmo.*

\* Mas por que você saiu, então? Abusou?

*Porque quis.*

(Caso 9 - menina)

Cada caso mostra sua história de contratação. Aqueles casos cujas contratações se deram diretamente entre os patrões e as empregadas, ou entre os patrões e os pais, demonstraram um tipo de assistência moral à menina.



A contratação pode se dá por um convite direto da patroa (ou intermediário). Também pode começar por tarefas eventuais, ou até pelo oferecimento dos serviços pela menina. As duas últimas formas de caracterizam pela adesão e não pela negociação. A negociação implica certos acertos e até renúncias para ambas as partes. É comum que os patrões estabeleçam o que a empregada deve cumprir, e raramente consultam-nas sobre o programado. Quando a empregada e a patroa só se conhecem no último momento da contratação é comum que o número de tarefas a realizar surpreenda a empregada.

A confiabilidade das empregadas deriva do grau de obediência que elas demonstram para com seus patrões. Dela depende sua permanência no emprego. Outra característica desenvolvida nessa atividade é o desvelo por se manterem estimados pelos patrões.

### **3.5 O combinado e o oferecido**

O início do trabalho revela a diferença entre o que o emprego doméstico parece ser e o que é o serviço doméstico na realidade diária. Lavar, passar, arrumar e cozinhar podem até parecer tarefas simples ou "serviços pequenos", mas além de requererem força física exigem habilidade.

As meninas que se acostumaram a ajudar nas tarefas em suas casas estranham o fato de terem que dar conta da totalidade dos serviços no emprego. A

casa luxuosa e bonita de seus patrões servirá apenas para aumentar as suas responsabilidades e acumular tarefas. O salário e as folgas correspondem ao desempenho das empregadas e quase nunca estão associados ao que fora combinado ou ao que é exigido das meninas.

Estes relatos mostram o que é na verdade o emprego dessas meninas.

*Meu serviço é prá arrumar, mas ela disse que quando sair de casa, sabe? Que eu ficar só em casa, é prá ajudar na cozinha adiantando o serviço.*

*A roupa ela disse prá eu lavar as pequenas, porque as mais pesadas ela lava na máquina num sabe? Então é assim: ela faz as coisas da cozinha e eu arrumo.*

\* E você acertou como, o que vai ganhar?

*Não. Desde o primeiro dia... o dia eu não sei, eu nunca sei direito, mas...*

#

A patroa interfere na fala, diz que é de 15 em 15 dias quando ela vai prá casa, e o que dá mensalmente R\$ 80,00 (dois pagamentos de R\$ 40,00). Diz que vai cobrir as despesas de escola, e despesas com xampu, roupa,

ela vai cobrir tudo. (A conversa se estende à respeito de como conheceu as meninas. Ela é muito fluente).

(Caso 2 - menina)

\* Vocês já pensaram a possibilidade de assinar a carteira de trabalho dessas meninas?

*Patroa: não dava certo não porque a minha é muito nova, nem tem; e a da minha sogra tem idade mas também não tem, e ia ficar muito ruim prá gente porque é muito caro, tem que pagar o INPS delas, não dá prá descontar do que elas ganham e não dá prá pagar por fora, não.*

(Caso 2 - patroa)

*Olhe, eu fui chamada só prá arrumar a casa e fazer o almoço, as meninas era outra coisa. Aí... assim, tomar conta delas e tudo porque eles trabalham, só chega em casa de noite. Aí eu tenho de ficar com elas. Olhe, se eu tiver de ir prá algum lugar eu tenho de ir na hora que elas estão na escola ou então tenho de deixar*

*elas em algum lugar com alguém, mas eu nunca saio quando a mulher vai trabalhar.*

*Quando eu cheguei ela também não falou em lavagem de roupa, só que quando eu já tava com dois dias, ela disse que era prá eu cuidar da roupa das meninas. Aí eu disse tudo bem eu lavo. Aí tudo bem, ela disse que só pagava o salário mas essas coisas de xampu, sabonete, ela não dava, mas dependendo da pessoa ela poderia dá. Certo que no começo ela começou a dá.*

*Folga é modo de dizer, porque às vezes ela não deixa eu ir e não tem nada de mais prá fazer, e também às vezes ela deixa eu ir mas eu fico até 9 horas da noite arrumando o almoço do outro dia... ela fica arrumando serviço. Aí eu não vejo folga. Eu não acho que isso seja folga mesmo, eu digo no sentido de dizer, mas não acho...*

*Carteira assinada não. As meninas que trabalharam aqui nenhuma teve. (Caso 3 - menina)*

*Como eu preciso de alguém prá me ajudar na casa e prá ficar com as meninas ela tá bom.*

*Agora tem uma coisa, ela sabe lavar uma roupa branca que dá gosto. Eu não sei como é que ela passa o tempo todo esfregando, ensaboando, eu penso que isso prá ela é divertido, porque é uma zoada, uma cantoria tão grande que era bom você vê. Ela fica ouvindo o rádio tocar essas músicas bestas de gente apaixonada (Zezé de Camargo e Luciano são seus preferidos).*

*Na cozinha ela só sabe fazer feijão e arroz, mas nada de mais. Não dá prá mandar temperar carne que é uma desgraça, acho que ela comeu carne muito pouco na vida, por isso falta o costume... também uma pobre daquela lá de onde judas perdeu as botas... Ela é especialista em comidas que se faz com água e sal.*

*\* Quanto você paga a ela?*

*Eu pago \$ 25 por semana.*

*\* E ela vai prá casa todo fim de semana, ela tem folga todo fim de semana?*

Não, a folga dela é de 15 e 15 dias, mas é porque ela só sai prá ir prá casa da mãe.

(Caso 3 - patroa)

*A primeira exigência da minha patroa é a comida. Eu não gosto de cozinha não, eu gosto mais é de arrumar. Eu só sei fazer o simples, porque quando era uma comida melhor era minha tia que fazia, aqui quando é comida melhor vem do restaurante. Nossa, eu adoro arrumas, mas não gosto nem de olhar prá cozinha.*

*(...) Esse mês faz três final de semana que eu não vou prá casa. Eu não sei quando é que eu vou. Quando eu vim pra'qui eles (os pais) perguntaram.*

*Eu ganho R\$ 100,00. Ela paga do jeito que eu quero. Mas se eu quiser comprar alguma coisa eu deixo juntar.*

(Caso 4 - menina)

Outro exemplo de que os patrões passam a exigir cada vez mais no dia a dia.

\* E era prá fazer o quê?

*Era só prá arrumar, tomas conta dos meninos, ela tinha outra. Aí eu fiquei só na arrumação da casa. E também ela tinha um 'congelamento' que ela faz. Aí depois ela disse que queria que eu cozinhasse. Aí pronto... ela disse: R, não vai dá, ela viu que não ia dá e pronto... ela viu que prá cozinhar não pode ser vagarosa. Aí fiquei em casa mesmo e agora eu tô aqui.*

\* Arruma, cozinha, lava?

*É. Agora eu sou mais rápida, mas ainda não sou muito ligeira não, sabe? Eu capricho muito e acabo demorando.*

\* Tu gosta do serviço da casa?

*Gosto. Só não gosto de cozinhar, mas arrumar eu gosto. Assim mesmo eu faço*

\* E lavar roupas?

*Mais ou menos, mas o que eu gosto mesmo é arrumar. Quer dizer, tudo que eu faço, faço com gosto, mas...*

\* Quanto você ganha?

*Eu ganho sessenta por mês (R\$ 60,00).*

\* E como ela te paga?

*É por quinzena, porque ela não tá podendo pagar por mês.*

\* Você assinou algum documento com ela?

*Não. Pró quê?*

(Caso 6 - menina)

*A gente faz o que eles mandam; mesmo eu sempre tive sorte que todo mundo é bom, educado, me trata bem, muito bem, paga e ainda dá presente, muita coisa. Só que eu só vivo aqui porque eu quero trabalhar e estudar. Se não for assim eu não quero.*

(Caso 4 - menina)

*Ela sempre acorda cinco e meia, seis horas, eu gosto de me acordar às sete, porque meus filhos já estão criados. A casa é pequena, não tem muito o que fazer. Aqui a hora que a gente quer comer, então não tem prá quê esse negócio de acordar cedo.*

\* Vocês duas dividem o serviço da casa? O que ela faz e o que a Sra. faz?



*Eu não posso fazer todo serviço: lavar casa, lavar roupa, engomar, tudo isso é coisa que o médico proibiu, aí ela faz. Mas isso não é coisa que se faz todo dia, então ela faz o almoço, lava os pratos, varre o quintal, essas coisas mesmo...*

\* Quanto ela tá ganhando?

*Eu pago 15, porque você sabe, né? aposentado como é que vive. Mas quando ela precisa de uma coisa eu peço pro meu filho e ele traz. Ela pediu prá estudar, aí ele matriculou a daqui e a dele, porque elas são irmãs e o pai delas faz muita recomendação dos estudos delas. Aí ele comprou os livros, pagou a transferência de lá prá cá e comprou jeans e tênis prá elas irem prá escola arrumadinhas.*

(Caso 6 - patroa atual)

*Agora mesmo o filho da patroa foi passar as férias na praia, e tem as visita, eu tô dormindo lá no quartinho, mas é por enquanto... porque ele cria uns gatos e não podia deixar lá, aí os gatos estão trancados no quarto que é meu. Mas a gente se dá bem. Graças a*

*Deus até aqui não teve nenhum arranca rabo (ri). Minha patroa disse que não me considera empregada, então ela deixou eu dormir aqui. Ela disse: você é boa, de boa família.*

*Quando a filha da patroa vem é que eu organizo meu quartinho e vou dormir lá. Agora, por mim eu só dormia lá. Porque é o cantinho... né?... que a gente fica bem a vontade, né? Também tem o banheiro, a gente toma banho, ajeita o cabelo, a gente pode colocar perfume e fica à vontade. É isso...*

*(Pergunto se a patroa é exigente com a arrumação). As exigências dela são com a comida. Às vezes eu esqueço de botar sal na panela, aí ela... ah, é Ivan; se eu deixar as cachorras sem comer... é Ivan (ri). Ela pega no pé por causa da comida, o resto não tem problema nenhum não. Mas a comida... (ri) ela implica um pouquinho na comida.*

*Quando seu J. chega do trabalho a mesa já está arrumada e eu boto a comida pros dois. Enquanto eles almoça, eu tô lavando a louça, as panela... é o pior. Aí quando eles terminam eu tenho lavado a metade, né? Aí*

*sento, almoço... E a roupa da casa eu também lavo e passo. Agora, quando eu tô lavando a mulher faz o almoço. De noite eu passo.*

*Ela me paga por semana. Porque eu tenho umas prestações, aí eu pego... no meio da semana. Eu ganho o salário. É R\$ 100,00.*

(Caso 8 - menina)

Esta patroa contou que sempre precisou de ajuda para os serviços da casa, seu marido sempre fez questão. Divide com a empregada as tarefas da casa: as mais pesadas ficam com a menina e ela assume as que considera menos cansativas. Nos dias de lavar roupas, a empregada vai para o tanque e ela vai para a cozinha; nas faxinas, do mesmo modo. Elas vão à feira juntas, às vezes manda a menina sozinha, quando as compras são poucas. Contou que não assina Carteira porque não é costume nessa atividade. Confirma a permissão que dá a menina de dormir num quarto que antes foi de sua filha, de fazer as refeições juntamente com ela e seu marido, de usar livremente o telefone, a televisão, enfim, confirma... Demonstra com convicção que isso é melhor do que qualquer relação ~~profissional~~. Que a

proposta é mesmo de trabalho, é clara quanto a isso, embora demonstre as facilidades que terão morando na sua casa, esse é o aspecto mais atrativo.

*(Caso 8 - patroa)*

*Ela me pagava \$ 20,00 toda semana, ela sabia que era tudo prá mãe, aí ela me dava roupa, batom, perfume, sapato e sem falar na comida. Eu só ia prá casa quando ela ia prá casa da mãe dela, porque aí eu ia de carro e não gastava com passagem.*

\* O que você fazia nessa casa?

*Fazia tudo, ela só tinha uma mulher prá lavar roupa e eu. Ela não fazia nada.*

*A gente trabalha porque a gente precisa, mas é uma vida de empreitada em cima de empreitada.*

*Olhe, lá nessa casa tinha o sossego que eu já disse, tinha as coisas que a minha mãe não podia. Mas essa mulher me consumia tanto.*

*(Caso 7 - menina)*

*Bom eu achou que não é. Deixar a casa da mãe não é bom, mas a pessoa não sabe nem como isso acontece,*

*quando a gente vê já tá morando na casa dos outros, e até achando que tá bom, mas a qualquer momento eles deixam de precisar e... acabou tudo.*

(Caso 9 - menina)

*Eu trabalho porque quero trabalhar, eu gosto daqui, mas às vezes a pessoa sabe quando tá sendo humilhada. Aí isso não vale nenhum dinheiro.*

\* Quais os direitos que tu achas que tens sendo trabalhadora?

*É muito diferente, mas é muito diferente dos outros trabalhos. Nesse trabalho quem é que vai se interessar em dizer os direitos da pessoa?*

(Caso 10 - menina)

\* Como você recebeu essa menina prá trabalhar na sua casa?

*Ela veio prá minha casa por intermédio de uma amiga minha de trabalho. Ela sabia que eu estava precisando de uma mocinha prá arrumar a casa, lavar os banheiros, limpar a cozinha, esse serviço pequeno que*

*a gente deixa de fazer porque o tempo de almoço é curto e de noite já chega cansada.*

*Quando ela chegou aqui ela tinha 14 anos. Achei muito fraca, magra demais, mas como precisava de alguém prá ajudar, resolvi fiar com ela, pelo menos por 15 dias prá testar se ela dava conta do recado. O serviço era pouco, porque eu trabalho, meu marido também, e meu menino mais velho já é quase um rapaz, e outro é muito independente, eles se viram sozinhos, não são desarrumadas nem bagunçam a casa.*

*Teve um tempo que a gente comia de marmitta, mas depois tomei gosto pelos congelados. Passava o sábado cozinhando para a semana toda, todo mundo gostava, mas eu nunca gostei de sair prá trabalhar e deixar os pratos prá lavar, a cozinha suja, porque esses hábitos empestam a casa de baratas, e os meninos têm os afazeres deles também, não têm tempo.*

*\* Então depois que passaram-se os 15 dias que você deu como experiência, o que vocês acertaram?*

*Ela sempre foi jeitosinha, mas no início, logo que chegou aqui, quebrava muito as coisas. Parecia que*

*tinha um buraco nas mãos, e também esquecia de fazer o que eu mandava. ficava a tarde inteira assistindo TV. Às vezes me irritava, mas compreendia que ela era uma criança, mais nova do que meu filho, e que não precisava trabalhar sem parar o dia inteiro. Passei a adotar um sistema diferente: procurei saber do que ela gostava na TV. Ela gostava da novela das duas e do filme, da sessão da tarde, portanto a tarde inteira.*

*Aí passei a fazer uma lista com a hora de fazer as coisas e cortei a novela, que ela podia se quisesse assistir à noite. O filme da tarde ela podia ver. Tive uma conversa séria com ela, disse que não queria chegar à noite em casa e encontrar a casa suja, as coisa por fazer. Foi o suficiente prá ela entrar nos eixos.*

*Você veja que até então eu pagava meio salário por mês, mais casa, comida boa e um trabalho que não cansava ninguém. Passar pano na casa, limpar os banheiros, a cozinha, essas bobagens do dia a dia. De mês em mês vem uma faxineira prá limpar pesado, e a roupa daqui a lavadeira leva suja e traz limpa e passada.*

\* Como é o comportamento dela dentro de casa?

*Apesar dela ser na dela, fazer o que eu mando, ela demonstra mesmo que não se sente à vontade. Mas eu mesma reconheço que é difícil viver na casa de estranhos. Ela passa o dia sozinha e à noite se tranca no quarto.*

*Mas também, eu vejo que ela já tá tão acostumada com o meu jeito, com os hábitos da casa, que não tenho mais trabalho com ela. Eu acho que ela pode viver com a gente a vida inteira.*

*De vez em quando eu compro uma roupinha prá ela sair com o namorado.*

\* Vocês já viajaram com ela de férias, passeiam juntos?

*Não, ela nunca saiu com a gente, porque os nossos passeios são diferentes, e ela não ia se sentir bem.*

(Caso 10 - patroa)

A empregada chamada para uma tarefa se deparará com uma rotina que acaba dobrando os serviços. Isto não significa alteração do salário combinado, mas diminuição no descanso entre uma jornada e outra de trabalho e prejuízo nas folgas semanais.



O próprio modo de contratar esses trabalhos deixa claro que o registro profissional ainda não é costume nessa atividade.

É notável como as patroas esquecem a dureza dos serviços quando eles são executados pela empregada. Chega a ser tido como "divertido". Para as meninas, serve de consolo poderem agir fora da pressão dos patrões. Quando há demonstração de cordialidade elas se sentem estimuladas a "caprichar" mais nas tarefas.

O desconforto de não poderem usufruir com liberdade as comodidades do lar/trabalho cria a necessidade de terem um espaço onde possam ficar à vontade. Para os patrões suas exigências fazem parte da situação.

### **3.6. Preparação escolar**

A situação escolar é um aspecto importante se dele depender a profissionalização futura da menina. Nos sítios o ensino é estruturalmente deficiente. Na cidade apenas três informantes continuam estudando.

Sempre há uma explicação para as meninas terem abandonado a escola.

*Vou começar estudar no Premen à tarde, vou fazer a 6ª. série. Porque eu fui reprovada um ano, na 2ª... eu gostava muito de filar, aí quando eu fui estudar a 2ª. a professora disse que eu não dava de jeito nenhum, que era melhor eu voltar prá 1ª. Aí eu tive que voltar. Foi mesmo prá repetir de ano.*

(Caso 2 - menina)

*Eu parei de estudar porque tava sempre parando, sempre que eu começava... pronto... acontecia alguma coisa, aí eu fui perdendo o gosto, né? Eu deixei de estudar, parei na quarta série.*

(Caso 3 - menina)

*A gente sempre ia prá escola, aí de tarde é que eu fazia essas coisas. Minha mãe e minha irmã gostam de limpar mato. (mostra as mãos).*

*Eu parei de estudar na 2ª. série, não tô nem ligando de estudar, eu não gosto muito não. Também já tô velha prá estudar, era assim: eu gostava de estudar quando tinha uns 10 anos, aí depois eu fui me desligando dos estudos, não sei... eu pensava que aquilo*

*era umas coisa véia boba que não tem futuro, né? Aí eu ficava pensando só em trabalhar, mas isso é coisa de futuro? Não é. Porque quando eu tiver velha... Não tem nada. Eu acho que esse trabalho é sem futuro, porque... sabe por quê? Porque quando eu tiver velha, ele não vai servir. Eu sei lá... eu sei que se eu for prá escola agora eu vou morrer de vergonha. Porque com essa idade que eu tenho, e se eu for estudar, 2ª. série só estuda criança. Eu estudei o ano passado, mas foi assim... eu comecei estudar, aí meu tio mandou eu sair, aí eu perdi aula o ano todinho, aí agora é que eu não tô ligando prá estudar não.*

*Eu faltava porque trabalhava muito, aí não tinha futuro. Eu sabia que se eu voltasse eu só ia estudar até a 4ª. série, porque o estudo do sítio não é como o da rua, aí faltou interesse, né? Eu fugi muito da escola prá não estudar, me dava uma dor de cabeça (ri).*

*Dona M. perguntou se eu queria. Disse até que se eu quisesse ela ajeitava uma escola aqui perto prá eu estudar, mas... eu não tenho vontade de estudar, não*

sabe? Olhe,, se eu for estudar à noite eu tenho medo de voltar, a pessoa sair do colégio sozinha...

(Caso 4 - menina)

*Eu gosto de estudar. Parei na 4ª, estou na 5ª, parei porque eu passei quatro anos sem estudar...*

\* Foi nesse tempo que tu tava trabalhando?

*Não... era, era nesse tempo, nessas duas casas e depois eu fui prá o sítio, mas já foi prá estudar lá. No ano passado eu saí no meio do ano.*

*Eu não tenho nenhuma amiga aqui, eu vou continuar a estudar aí eu ainda não tenho amiga, só quando começar a estudar.*

(Caso 6 - menina)

\* Você estudou até que ano?

*A pessoa do sítio não pode estudar porque é muito difícil lá. Aqui a gente pensa que é mais fácil, aí depende das pessoas deixarem. Eu parei na 3ª. série, e nem sei quando eu vou voltar, não sei se vou voltar.*

*Aqui eu nunca estudei, só quando morava lá no sítio, que lá tem o grupo.*

\* E você acha que quem não estuda exerce bem seus direitos?

*Eu acho que não, porque quando a pessoa tem leitura, as coisas são mais fácil de entender. Olhe, eu sei que tinha meus direito, mas eu não sei qual era. Se eu tivesse estudo, eu sabia resolver melhor.*

\* E você vai voltar prá escola?

*Eu não sei, eu penso que sim.*

(Caso 7 - menina)

*É muita dificuldade, né? A gente trabalha tanto... mas... aí chega um ponto da gente partir em busca de um trabalho melhor, foi igual o meu problema, porque eu não sinto, nem reclamava em casa, entendeu? Eu não chegava a ficar triste da vida não... tem que partir prá uma coisa melhor... prá vê o meu futuro.*

*Eu estudei até a 3ª... aí parei. Porque os professores de lá... tem uma menina lá, inclusive fiquei um pouco magoada porque ela ensinava lá, aí tiraram.*

*Ela era a única pessoa que ensinava a gente, só até a 3ª. série. Agora só tem professora do 1º e do 2º. ano. As professoras que têm lá são fraca demais... ensinam o alfabeto... as que têm lá né? A que tinha, boa, tiraram, né?*

*Aqui próximo tem um colégio. Eu não tô estudando. Bem, eu tenho vontade...*

(Caso 8 - menina)

\* Desde que ela tá aqui vocês já conversaram sobre ela voltar a estudar, ou sobre o futuro dela? Você já pensou nisso?

*Depois de seis meses que ela tava aqui em casa, decidi matriculá-la no colégio estadual, à noite, passei a pagar um pouquinho mais, mas você pensa que ela se interessou? Abandonou a escola e nunca mais quis voltar, deixei prá lá porque... ah, eu falava e ela não ligava, e foi caindo no lugar comum...*

(Caso 10 - patroa)

Na adolescência as rotulações podem transparecer as suscetibilidades e fraquezas pessoais. A posição social do emprego doméstico faz as empregadas adolescentes rejeitarem o tratamento inferior que dela implica. Suportar as tarefas e suas dificuldades se distingue da humilhação de ser tratada com pouco caso.

As meninas falam porquê não gostam de serem tratadas como empregadas domésticas, e o que esperam da consideração de seus patrões.

*Eu gosto e ao mesmo tempo não gosto não. Porque as pessoas que têm um nível mais do que a gente, assim... às vezes quer passar por cima da pessoa, mas isso depende da convivência dela (da patroa). E é onde a gente conhece elas. Mas se souber me levar, aí eu faço tudo prá agradar a pessoa, mas isso a gente só aprende na convivência com ela, porque eu gosto de tratar todo mundo bem, mas gosto de receber o mesmo, mas é que às vezes a pessoa não entende, né? E também tem coisas nelas que eu não entendo. Problemas todo mundo tem.*

*Mas mesmo assim aqui é melhor porque aqui o trabalho é mais valorizado do que lá, lá eles só querem explorar. Aqui nunca deixaram de me pagar. Os outros*

*probleminhas eu deixo passar. Eu digo probleminhas com... assim... falta de consideração, mas o meu conforto ela dá porque quando eu cheguei era prá eu dormir no 'quarto da gente' que é no fundo do quintal. Ela (a patroa) perguntou se eu queria dormir lá ou aqui com as meninas, mas eu disse que tinha medo de dormir sozinha, e ela deixou eu dormir no quarto com as meninas, e ela achou até melhor.*

*Apesar de que desde que eu cheguei aqui eu não fiz amizade com ninguém, porque eu também não saio, só saio prá casa das minhas irmãs e pronto. Além disso eu quase não tenho tempo prá nada, apesar de que eu sei que ela (a patroa) ia botar muita dificuldade, porque olhe só, quando é prá eu sair no sábado por exemplo, ela fica catando serviço dentro de casa prá eu não ir, às vezes quando eu venho sair é nove horas da noite, e as meninas também são assim, gostam de humilhar a pessoa, aí eu imagino se eu fosse estudar era numa escola fraca e eu imagino as 'entradazinhas' que elas iam dá na minha vida, ainda mais a mais velha, que já*



*entende das coisas e é igualzinha à mãe. É por isso que eu fico na minha.*

*Olhe, se eu sáísse daqui eu nunca mais ia trabalhar em casa de família, ia procurar outro negócio. Sempre é meu sonho encontrar um emprego melhor. Olhe, eu já tentei trabalhar na fábrica, minha prima trabalha lá, arrumou um teste, mas eles nunca me chamaram. A minha sorte é essa mesmo.*

(Caso 3 - menina)

*Minhas amiguinhas aqui só é elas - as filhas dos donos da casa - mas eu não ligo muito não de ficar só; na vizinhança eu não conheço ninguém, não gosto não de ter muita intimidade. Porque esse pessoa.... assim... da rua, quando sabe que a gente trabalha, não sei que... eu não gosto não. Quem não tem vergonha de dizer que trabalha?... É um trabalho muito feio. Todo mundo acha. Olha, eu tenho uma prima que estuda de manhã e trabalha de tarde, mas se chegar uma pessoa lá e falar, perguntar isso, ela disse que não vai falar isso, que trabalha, ela diz só que estuda; e eu não, quando chega*

*alguém perguntando, eu invento qualquer coisa prá não dizer que trabalho. Eu não gosto de ser chamada de empregada, mas gosto do que faço porque se a gente não fizer isso a gente não ganha, quem me conhece sabe que eu não tenho, mas... é o jeito que tem...*

*Em relação à patroa, ela diz: Ela é mais do que uma amiga, porque, olhe, quando eu tô precisando eu não conto prá ninguém, mas eu conto prá ela, ela resolve meu caso, então, mesmo que toda pessoa tenha defeito né? Amigo é aquele que serve na hora. Por exemplo, se eu ficasse com um problema e nem Dona M., nem essa minha tia tivesse aqui, eu não tinha ninguém. O jeito que tinha era eu ficar sofrendo, falar com minha mãe, não podia... ah, meu Deus... (triste) ninguém quer nem saber.*

(Caso 3 - menina)

*Aqui a convivência é de família, eles são ótimos. Todo mundo é conhecido. Por exemplo, o meu noivo é sobrinho dela (a patroa). Aí eu não senti tanta diferença*

não. Já era um povo... num senti não. Agora da minha casa prá cá, ah, tem diferença! Já tem diferença, e várias. Por exemplo, aqui as pessoas são de classe média, lá em casa a gente não é, né?... de classe média... a gente somos pobre... trabalhamos, somos honesto e eu acho que isso é que importa.

Eu acho que a gente podia ser valorizadas, né? Tem gente que olha e diz: Nossa, aquela menina é empregada doméstica. A gente é pobre, do mato, aí tem gente que simplesmente, às vezes, despreza né?

Se esse trabalho vale à pena, é um pouco difícil dizer, né? Se a gente tivesse escolha, alguma coisa assim, se tivesse estudo, valia à pena. Mas se eu tivesse estudo eu queria uma coisa muito melhor.

Sobre patrão eu não tenho o que dizer, o meu nunca disse nada...

Eu tô satisfeita, quer dizer, é o trabalho que tem prá mim... eu tô. É a única maneira de ganhar dinheiro, né? É essa. Então eu tô. A gente só tem o que Deus...

(Caso 8 - empregada)

Como atividade de meninas inexperientes, o emprego doméstico às vezes serve de palco para cenas dramáticas.

*A gente nunca pode falar o que acontece prá pessoa. Todo mundo acha que a gente não tem dono e pode dizer o que quer.*

\* E o que disseram de você?

*Eu não sei o que disseram, eu sei o que vi.*

*Olhe, a casa dos outros é sempre diferente. Toda hora você sente falta dos seus. Se minha mãe pudesse, se meu pai não fosse desse jeito eu não trabalhava não. Olha, eu precisava ajudar ela do jeito que ela me ajudava, era coisa de mãe prá filha e de filha prá mãe.*

*A minha mágoa é que depois todo mundo acha que quem não presta é a gente, porque madame é madame...*

*Ai um dia, eu ia prá casa e como ela não ia também, porque a mãe dela tava aqui, eu fui só. Ai quando eu tava lá aí meu irmão teve uma crise de asma muito grande e eu tive que ficar lá na segunda-feira. Mas quando eu cheguei ela veio na maior ignorância perguntando porque eu não tinha vindo na segunda e*

*com quem eu estava andando. Aí foi logo dizendo que eu tinha roubado umas prata que ela tinha deixado no quarto. Aí ela disse que tava só esperando eu voltar prá ir no juizado, que ou eu dava conta das prata, ou ela ia me entregar prá eu ir prá o juizado (muito triste).*

*Eu não sabia que prata era essa, porque sempre vi as coisa dela e nunca peguei, ela sempre confiou em mim, eu sabia o que tinha e o que não tinha na casa, e essas prata eu nunca tinha visto. Aí eu disse tudo isso prá ela, aí ela disse que não ia me mandar pro juizado, mas que ia contar tudo pro meu pai, que eu arrumasse minhas coisa que ela ia me levar de volta prá minha casa lá no sítio, e que queria ver as coisa que eu ia levando.*

*\* Quem fez isso? Ela ou a mãe dela?*

*A mãe dela disse que eu tinha levado.*

*\* Mas o que você acha que aconteceu com esses objetos?*

*Eu não sei se ela tinha esses objetos, mas eu sei que eu nunca vi, e muito menos roubei. Eu não sei não. Olhe, do jeito que aquela mulher mentia e enganava todo mundo, eu já pensei até que ela quis botar a culpa*

*prá cima de mim prá não pagar a alguém. É claro que ninguém ia deixar de acreditar nela prá acreditar em mim.*

\* Aí então você foi embora?

*Eu chorei muito porque eu precisava daquele dinheiro, minha mãe precisava daquele dinheiro, meu irmão precisava de uns remédios e meu pai ganhava muito pouco. E também se ela dissesse uma coisa dessa, dizer que eu tinha feito uma coisa dessas, quem é que nunca mais ia confiar em mim.*

\* Você ainda quer me contar mais coisas?

*Olhe, eu queria que você fizesse um livro bem bacana, porque as pessoas humilham a gente, sem se lembrar que precisam da gente nas horas mais importantes, só que a gente é que não é importante. Aí é você que vai fazer a gente ser vista com a gente é.*

\* Mas , quem tem que mostrar que é importante não é você mesma?

*É, mais se a pessoa não sabe como, a pessoa que vive nas casa dos outros é ninguém. Tem que vim alguém de fora e dizer, aí a patroa vai concordar.*

\* E você se chateia de ser chamada de empregada doméstica?

*Qualquer jeito tá bom, dependendo da pessoa.*

*Eu acho que ninguém dá prestígio às empregadas domésticas não.*

\* E por quê?

*Eu sei lá.*

\* Mas você nunca procurou saber se há direitos prá vocês?

*Não.*

(Caso 7 - empregada)

O posicionamento dos patrões contém a resposta para a rejeição do papel social da empregada doméstica pelas meninas.

\* O que você acha que ela faz quando você sai?

*Eu sei lá. Eu sei que meu marido ganhou de um amigo que foi pros Estados Unidos um tênis, ela lavou e o tênis sumiu lá do quintal, eu não sei como foi, mas com o entra e sai que elas fazem nessa casa durante a semana, quem é que sabe...? Bijuteria eu não conto as que eu deixo nos canto da casa e quando procurou, sumiu... Olhe, prá viver com esse povo, Ave Maria...*

*Eu acho que ela não tem namorado, o negócio dela é com essas meninas das outras casas que são muito curiosa. Tanto é que quando eu e meu marido estamos em casa ninguém vê nada demais, mas bastou a gente dobrar a rua, elas começam...*

(Caso 3 - patroa)

\* Como é a relação entre seus filhos e ela?

*Meu filho é que ensinou ela a jogar no computador e no vídeo game, em casa eles são companheiros, porque eu e meu marido somos muito ocupados, mas eu sempre tive minhas reservas, porque eles têm quase a mesma idade.*

*Isso me preocupou muito, mas depois eu sosseguei, conversei com meu marido, com meu filho e entendi que ele tem a cabeça boa demais prá se meter em encrenca com uma menina pobre que está aqui prá trabalhar.*

(Caso 10 - patroa)

*Patrão: é uma coisa muito boa, é importante a gente fazer alguma coisa por essas meninas, tá certo que são meninas que têm família, mas são meninas pobres,*



*qualquer coisinha essas meninas viram prostitutas, que Deus o livre...*

*Esposa: é um trabalho bom porque quase todo mundo quer quem lhe ajude, mas não se lembra que essas meninas precisam ser encaminhadas na vida.*

(Caso 2 - patrões)

Em conseqüência do exposto verifica-se que o status inferior do trabalho doméstico alimenta o conflito entre patrões e empregadas. A origem pobre das meninas serve de base para o tratamento depreciativo que a ela se reserva. Elas próprias reconhecem o valor de seu trabalho.

O receio de se relacionar além dos portões da casa onde trabalham acaba interferindo na ressocialização que a vida na cidade deve produzir. Até na família-empregadora, as meninas encontram limites para relacionamentos que ultrapassem a hierarquia entre patrão e empregada.

## Conclusão

A relação de trabalho é construída com base na informalidade, em função das expectativas e necessidades dos pais, patrões e trabalhadoras.

Do ponto de vista dos pais a relação nada tem de mercantil, sendo, sim, uma posição de proteção e confiança mútua. Esperam que, junto a estas famílias, as meninas consigam o conforto e o desenvolvimento que eles desejam mas não podem oferecer às suas filhas.

Os patrões por sua vez iniciam a relação com atividades negociais, mas não é raro que acabem relaxando a posição patronal para dar lugar a um estado de confiança. Considerando que suas empregadas até pouco tempo eram "matutas", passam a estabelecer um tratamento afável e mais próximo e liberal com as empregadas, se posicionando ora como protetores, ora com educadores.

As meninas por sua vez, têm aversão ao status social que o emprego doméstico lhes confere, preferindo apostar na situação como sendo uma troca de favores. Como efeito, confundem a família-empregadora como extensão de sua própria família, embora entendam que ocupam a posição mais inferior no novo grupo doméstico. Aderem ao estilo dos patrões, aprendem seus gostos, hábitos e incorporam seu discurso, mas jamais conseguem ser adotadas como filhas.

A família-empregadora é, na cidade, o único grupo de que participam efetivamente. Não freqüentam, na maioria, a escola e perdem-se de seus iguais. Não conseguem, assim, construir sua identidade como trabalhadoras, mas sim como parentes de segunda ordem; situação preferível à condição "humilhante" da empregada doméstica.

As meninas trabalhadoras sempre relacionam seus objetivos ao seu grupo e lugar de origem. Para ele volta parte de seus ganhos, e nele conseguem se expressar sem recalques. O resultado de seu trabalho, em geral, é repartido com a família, e as motivações para continuar na atividade sempre incluem o bem-estar da família de origem. As meninas com mais tempo de serviço, com experiências acumuladas e começando a despertar para a vida adulta planejam sua vida como donas de suas próprias casas, preferencialmente casadas com algum rapaz de sua localidade. As mais novas não escondem o encantamento pelas coisas da cidade, mas sofrem a saudade de seus amigos, das festas, e principalmente dos pais e irmãos.

Os patrões, por isto, são tomados como segundos pais e a afetividade acaba interferindo na forma de subordinação que a relação exige. Os critérios de autoridade e respeito terão como parâmetro os que existiam na relação com sua família de origem. Descartam, com isso, qualquer aspecto mercantil que haja na relação com seus patrões.

O fato de morarem e trabalharem no mesmo ambiente tem implicações decisivas neste tipo de comportamento, haja vista que ainda não têm a sua personalidade definida e estão sobre os auspícios do modelo familiar de seus patrões. Tendem, com isto, a incorporar o estilo de vida das pessoas com quem convivem diariamente.

Neste caso, até os patrões acabam dando nova roupagem a seu papel, e passam a se identificarem também como protetores das meninas. Mas, quando agem assim, o fazem apenas nas situações internas, ou seja, não pretendendo terem uma completa responsabilidade sobre a menina fora do ambiente de trabalho. Assim, a assistência que prestam às empregadas é tão incompleta quanto a que os pais dessas meninas lhes dispensam.

Quanto a isto, é visível que as regras jurídicas de proteção ao emprego doméstico dos adultos não se adequam à situação de trabalho dessas meninas, pelo fato de que a lei trata a relação, genericamente, como um negócio e estas relações, não estão forjadas neste modelo. As meninas trocam facilmente direitos por "agrados", presentes, mimos, que elas incorporam como parte das vantagens do emprego. Destinam parte de seu descanso para garantir o conforto de seus patrões, agindo como investimento para se manterem junto daqueles.

Por isto é premente a necessidade de uma revisão da situação de trabalho das empregadas domésticas adolescentes, no que se refere a uma legislação adequada, tanto em relação à educação-profissional das trabalhadoras, através de esclarecimentos úteis; quanto em relação à preparação dos seus empregadores, eventualmente com incentivos e certamente com uma fiscalização instrutiva, posto que nem sempre os patrões estão mal intencionados em relação às suas empregadas, mas simplesmente não repensaram a sua posição frente a situação da menina na sociedade. Está claro, pois, que não se pode pretender que as regras que se aplicam a trabalhadores adultos, organizados e instruídos se adequem às relações que envolvem meninas ingênuas, inexperientes e quase analfabetas.

Enquanto a Legislação tratar a questão apenas processualmente, a tendência será clandestinizar mais e sempre a atividade dessas meninas que deixam a zona rural (onde o contato que os trabalhadores têm com a lei ainda é de pouca habilidade no uso dos direitos) chegando à cidade completamente à mercê das conveniências de seus patrões, e tornando-se isoladas do amparo estatal enquanto trabalhadoras.

Mesmo assim, é possível destacar nesta atividade alguns casos de efetiva oportunidade de uma "experiência educada", onde as meninas desenvolvem e adquirem saberes. Não obstante a simples familiarização com a modernidade urbana e a adaptação ao novo estilo de vida, pode desenvolver a iniciativa, servindo para elaboração também da auto-crítica e na reelaboração de seu

comportamento. Mas não esqueçamos que também pode ser uma experiência traumatizante. Daí, a necessidade de uma proteção legal adequada.

O processo de ressocialização a que as empregadas adolescentes se submetem mostra que o trabalho pode ser a porta de entrada para uma vida melhor, dependendo, no entanto, do tipo de assistência que lhes seja dispensada. O elemento educativo deste processo possibilita a descoberta da sua real posição no mundo. A Lei dos empregados domésticos é inócua ao caso das adolescentes, o que implica na necessidade de adequação do direito ao ~~fato~~ social.

## Bibliografia

- ABREU, Alice Rangel e SORJ, Bila (orgs.). *O trabalho Invisível: Estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1993.
- ARANTES, Antonio Augusto [et al.]. *Estudos sobre a família no Brasil*. Campinas-SP: Editora da Unicamp. Coleção momento, 3ª. edição, 1994.
- BASTIDE, Roger. *Brasil, Terra de contrastes*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- BECKER, Daniel. *O que é Adolescência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BOBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1992.
- CARDONE, Marly A. *Trabalho da mulher, Licença paternidade, trabalho do menor*. In Revista LTR 52-11/1343.
- CARRION, Valentin - *Comentários à Consolidação das Leis do Trabalho*. São Paulo: Ed. Saraiva, 19ª. edição, 1995.
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. *Direitos legais e Direitos efetivos. Crianças, adolescentes e cidadania no Brasil*. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, ANPOCSnº 29, outubro 1995.
- \_\_\_\_\_, e HAGUETTE, Tereza Maria Frota (orgs.). *Emprego Doméstico como Estratégia de Sobrevivência*. In Trabalho e condições de vida no Nordeste Brasileiro, São Paulo: HUCITEC, 1984.
- COTRIN, Gilberto. *Acorda Brasil: O que você precisa saber sobre a Constituição*. São Paulo: Saraiva, 3ª. edição, 1989.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, 1988.

COSTA, José Ribamar da. *O Trabalhador Doméstico e a Nova Constituição*. In Revista LTR 54 - 2/1364, Editora LTR, São Paulo, 1993.

DALLARI, Dalmo e KORCZAK, Janusz. *O Direito da Criança ao Respeito*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

DE PLÁCIDO E SILVA. *Vocabulário Jurídico*. São Paulo: Editora Forense, 1975.

DINIZ, Maria Helena. *Curso de Direito Civil Brasileiro*. São Paulo: Ed. Saraiva, vol.1, 1982.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei nº 8.069 de 13.10.1990.

FARIAS, Zaira Ary. *Domesticidade: Cativo Feminino?* Rio de Janeiro: Edições Achiamé/CMB, 1983.

FERRETTI, Celso João. *Opção: Trabalho. Trajetórias ocupacionais de trabalhadores de classes subalternas*. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1958.

GONÇALVES, Emílio. *Direitos sociais dos empregados domésticos na nova Constituição*. São Paulo: LTR, 3ª. edição, 1994.

GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª. edição, 1995.

HAGUETTE, Tereza M. Frota. *Metodologia Qualitativa na Sociologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 20ª. edição, 1988.



- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indicadores Sociais: Uma Análise da Década de 1980*. Rio de Janeiro: IBGE, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Crianças e Adolescentes: Indicadores Sociais*. Rio de Janeiro: IBGE, vols. 1 e 2, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Crianças e Adolescentes: Censo Demográfico 1991 - Paraíba*. Rio de Janeiro: IBGE, 1994.
- KAUFMAN, Tânia. *A Aventura de ser Dona de Casa*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Ed. Nacional, 2ª ed., 1976.
- MONTEIRO, Luíra F. *Impactos da Legislação Previdenciária Vigente sobre a Economia Rural Brasileira*. Campina Grande: UFPB. Campus II, Dissertação apresentada ao Mestrado em Economia, 1996.
- MACHADO, Lucília Regina de Souza. *Educação e Divisão Social no Trabalho*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2ª edição, 1989.
- MARTINS, José de Souza (org.). *Massacre dos Inocentes. A criança sem Infância no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1983.
- MATTA, Roberto da. *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social, Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994.
- MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

- MOURA, Esmeralda Blanco B. de. *Infância Operária e Acidente de Trabalho em São Paulo: A máquina, um brinquedo perigoso*. In: *A história da Criança no Brasil* / Mary Del Priore (org.) São Paulo: Contexto, 4ª. edição, 1996.
- OIT - *El Trabajo Infantil. Manual de Información. IT*. Ginebra, Suiza, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Juventud, Informe V*. OIT. Ginebra, Suiza, 1986.
- \_\_\_\_\_. *O Trabalho Infantil. Perguntas e Respostas*. Ed. OIT. Brasil, 1993.
- OLIVERIA, Juarez de (org.). *Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069 e disposições especiais sobre menores*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1993.
- OLIVEIRA, Oris de. *O Trabalho da Criança e do Adolescente*. São Paulo: LTR, Brasília, DF: CIT, 1994.
- PASSETTI, Edson (coord.). *Violentados: Crianças, Adolescentes e Justiça*. São Paulo: Editora Imaginária, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O que é menor*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil*. São Paulo: LTC/Edusp, 1978.
- PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.
- PRIORE, Mary Del. *História da Criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 4ª. edição, 1996.
- RESENDE, Nilza Peres de. *Direitos e Deveres dos Empregadores e Empregados Domésticos*. Rio de Janeiro: Gráfica Auriverde, 1974.
- RODGERS, Gerry e STANDING, Guy. *Trabajo Infantil, Pobreza y Sub-desarrollo*. Oficina Internacional del Trabajo, Ginebra, Suiza, 1983.

- SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- SAAD. Eduardo Gabriel. *Consolidação das Leis do Trabalho Comentada*. São Paulo: LTR, 1990.
- SAFFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovanni. *Emprego Doméstico e Capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SANTOS, Washington dos. *Dicionário de Sociologia*. Belo Horizonte, MG: Editora Del Rey, 1994.
- SENA, Custódia Selma. *Durkheim e o Estudo das Representações*. In Anuário Antropológico 82. Fortaleza/Rio de Janeiro: Edições UFC. Tempo Brasileiro, 1984.
- SILVA, L. A. Machado da. *Trabalho Informal. Teoria, Realidade e Atualidade*. In Revista Tempo e Presença, nº 269. Rio de Janeiro, mai/jun, 1993.
- SIPILÄ, Helvi (pref.). *Las Trabajadoras y la Sociedad*. Oficina Internacional del Trabajo, Lausana, Suiza, 1976.
- SPINDEL, Cheywa R. *Crianças e Adolescentes no Mercado de Trabalho*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Espaços de socialização e exploração do menor assalariado: família, escola e empresa*. São Paulo: Idesp, 1986.
- SPINK, Mary Jane Paris (org.). *O Conhecimento no Cotidiano*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
- SOUZA, Ronald Amorim de. *Manual de Legislação Social*. São Paulo: LTR, 1989.
- Unicef em Ação. Educação para Todos*. Rio de Janeiro, maio de 1996.

WEBER, Max. *A Política como Vocação*. In *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Zahar Editores, 5ª. edição, 1992.

ZYLBERTAJSN, Hélio e outros. *A mulher e o menor na Força de Trabalho*. São Paulo: Nobel, Brasília: Ministério do Trabalho, 1995.